

IDA
DA
IMPERATRIZ D. ISABEL
PARA
CASTELA

POR
Anselmo Braamcamp Freire

Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisbon,
Sócio correspondente da Real Academia Espanhola e da Real Academia
de História de Inglaterra

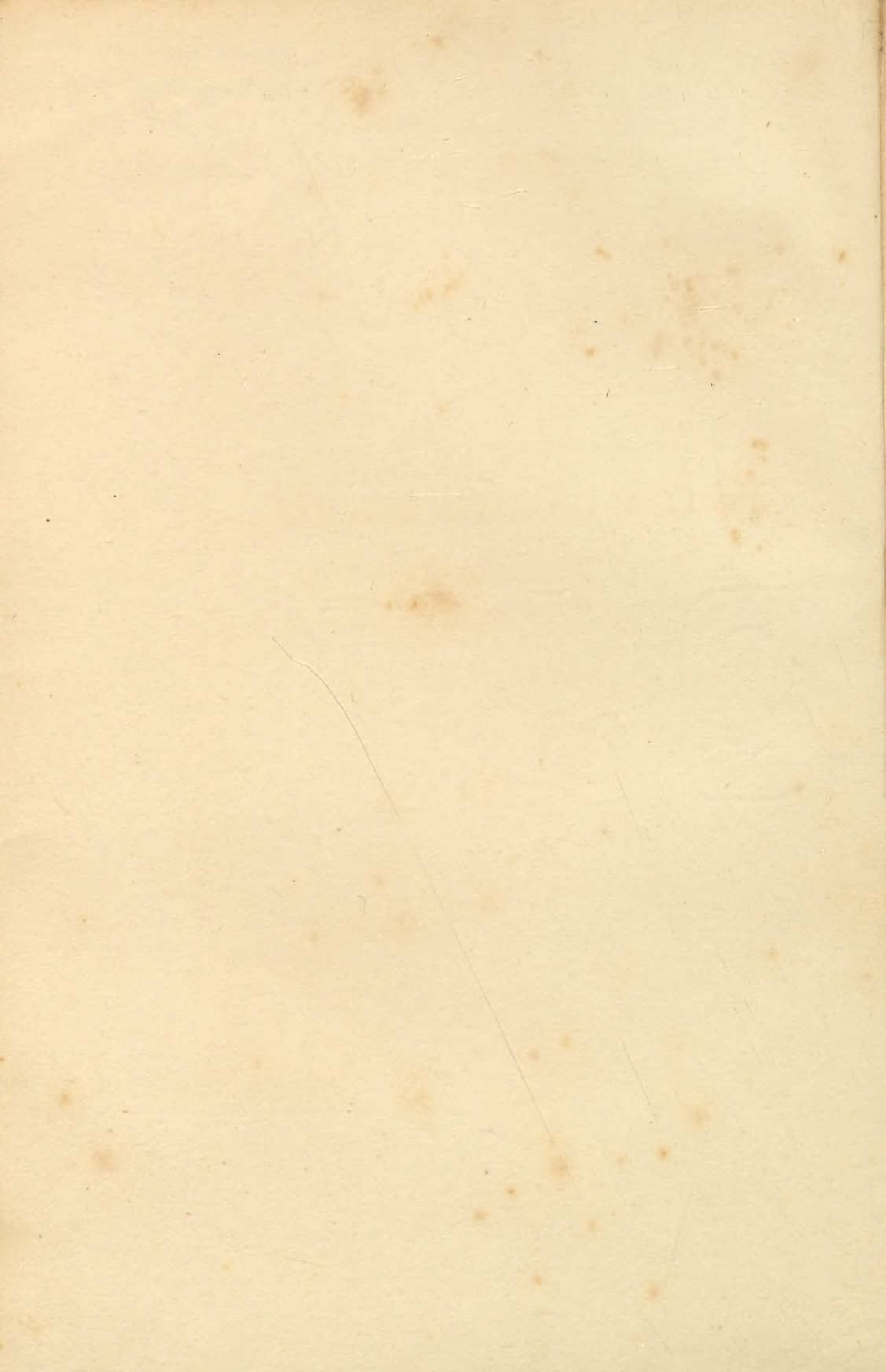
*Par deus bem andou Castela
pois tem Raynha tam Bela.*

GIL VICENTE.



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1920

Los Incees, sacados como
rentas a la Esclav. pag^o 93/94



IDA DA IMPERATRIZ

PARA

CASTELA

SEPARATA
DO
BOLETIM DA CLASSE DE LETRAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
VOL. XIII, N.º 2

131223018

A Carande 0784

IDA

R. CARANDE

DA

IMPERATRIZ D. ISABEL

PARA

CASTELA

POR

Anselmo Braamcamp Freire

Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa,
Sócio correspondente da Rial Academia Espanhola e da Rial Academia
de História de Inglaterra

*Par deus bem andou Castela
pois tem Raynha tam Bela.*

GIL VICENTE.



COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1920

R. CABRANDE

IMPERATRIZ D. ISABEL

CASTELA

ANEXO AL LIBRO DE

LA HISTORIA DE

LA GUERRA DE

LA INDEPENDENCIA

DE ESPAÑA

DE 1808 A 1814

DE LA GUERRA DE

LA INDEPENDENCIA

DE ESPAÑA

DE 1808 A 1814

DE LA GUERRA DE

LA INDEPENDENCIA

DE ESPAÑA

DE 1808 A 1814

DE LA GUERRA DE

LA INDEPENDENCIA

DE ESPAÑA

DE 1808 A 1814

DE LA GUERRA DE

LA INDEPENDENCIA

DE ESPAÑA

DE 1808 A 1814

DE LA GUERRA DE

LA INDEPENDENCIA

DE ESPAÑA

DE 1808 A 1814

DE LA GUERRA DE

LA INDEPENDENCIA

DE ESPAÑA

DE 1808 A 1814

DE LA GUERRA DE

LA INDEPENDENCIA

DE ESPAÑA

O pequeno quadro histórico, a seguir reproduzido, foi lido pelo autor na sessão ordinária de 8 de Maio de 1919, da Classe de Letras da Academia das Sciências de Lisboa. É pois apenas um leve esboço, sem presunções de constituir painel acabado. Agora, na reprodução, transcreveram-se os documentos, base da exposição, os quais na ocasião não foram lidos, nem o poderiam ser.

Julho de 1920.

Foi numerosa a prole de D. Manuel. Quando, a 13 de Dezembro de 1521, elle morreu, tinha de roda do seu leito sete filhos, cujas idades iam de seis meses a dezanove annos. Além daqueles, mais uma filha ainda existia; longe porém se encontrava, dêsse mesmo anno casada com o Duque de Saboia. Ao Rei Venturoso sobreviveram pois oito filhos, três raparigas e cinco rapazes. Estes foram figuras apagadas, não conseguindo os cronistas aduladores realçar na tela a imagem sequer do infante D. Luís, a qual, apesar dos retoques, amortecida ainda se conserva. Inferior a êste foram os mais seus irmãos: João e Henrique só quasi pelo fanatismo se assinalaram; Fernando e Duarte levou-os a morte antes de terem tempo de se revelar. Do ultimo deixou-nos o mestre André de Rêsende uma biographia que, longe de lhe engrandecer o carácter, chega a aviltar-lho, apesar dessa não ser seguramente a intenção do humanista célebre. As três raparigas, pelo contrario, vieram todas a ser notáveis e, sem dúbida, formosas mulheres. Chamaram-se Isabel, Beatriz e Maria.

Desta, a nossa infanta D. Maria, tam célebre pela atmosfera de alta civilização em que viveu, rodeada das suas afamadas damas, cultivando com elas as belas letras, sem menosprezar as belas artes, traça-nos o retrato um entendedor, que teve a honra «d'avoir parlé à elle souvent et privement.» Diz elle: «je l'ay veue à Lisbonne, en

l'aage de quarante-cinq ans, une très belle et agréable fille, de bonne grace, de belle apparence, douce, agréable... courtoise, et mesmes à nous autres François¹». São palavras de Brantôme e este linguareiro incorrigível mais adiante diz da Infanta, que «c'estoit une très sage et vertueuse princesse.»

D. Beatriz, duquesa de Saboia, segundo um cronista contemporâneo, «era principessa giovane e di bellissima faccia²». Os seus dotes físicos eram todavia empanados pela arrogância e soberbia do seu carácter. Os Genoveses amargamente se queixaram dela, quando viram despresados e nem sequer notados os dispendiosos esforços empregados por êles para festivamente a receberem na sua cidade. Não a encontrou Brantôme nas suas viagens, mas dela teve informações por uns Franceses que a viram em Chambéry. Contaram-lhe êles: «Voicy venir madame la duchesse de Savoie avecque son arrogance et superbetté, tant de ses façons naturelles que de ses habits, et avecque sa grand beauté aussy, car elle en estoit pourvue, et de beauté et de gloire, comme il falloit.³» E, apesar dela ser «très mauvaise Française,» como quem hoje dissesse uma germanófila, todas as informações nos garantem que não é exagerado o retrato do copioso narrador francês, quando não hesita em exaltar-lhe a formosura.

A mais velha das três, a infanta D. Isabel, foi uma mulher superior bem digna, pelos primores físicos e morais, de que foi dotada, de ocupar, como ocupou, o mais alto lugar do mundo na escala social. É bem sabido, que

¹ *Oeuvres complètes de Pierre de Bourdeilles, abbé et seigneur de Branthôme*, Paris, librairie Plon, 1894, tom. XII, pag. 210.

² *Cronaca di Rivoli*, em Claretta, *Notizie storiche intorno alla vita ed ai tempi di Beatrice di Portogallo duchessa di Savoia*, pag. 51.

³ *Oeuvres de Branthôme*, cits., tom. II, pag. 152.

o aspecto da decomposição cadavérica das suas lindas feições, tocou por tal forma o espirito de um homem superior, tornando-lhe bem patente a inaniidade das coisas humanas, que do cortesão Duque de Gandia fez o santo Francisco de Borja. Conservou-nos o Padre Florez um traço revelador da gravidade e ânimo desta princesa. Quando Filipe II, que durante a sua longa vida tantas lágrimas e sangue faria derramar, veio ao mundo, começou logo por causar a sua mãe longo e terrível padecimento, que ela silenciosamente suportava. Aconselhada a procurar alívio no choro e nos gemidos, respondeu no seu idioma natural: «Não me faleis tal, minha Comadre, que eu morrerei, mas não gritarei¹.»

Era esta filha que D. Manuel destinava para ocupar o trono imperial, casando-a com seu primo Carlos V, projectada aliança que muito encomendada deixou a seu filho e sucessor.

Efeito em Fevereiro de 1525 o casamento d'este com D. Caterina, a mais nova das irmãs do Imperador, começou-se logo a tratar dos esponsais de D. Isabel e com tanta diligência se procedeu, que para o verão d'esse mesmo ano foram convocadas para Tomar as côrtes, que haviam de acudir com o dinheiro necessário para o dote. Chegou D. João III com a família e a corte a transportar-se até à risonha vila das margens do Nabão, mas em breve tiveram de fugir de lá, por terem aparecido casos de peste. Transportou-se tudo para Tôrres Novas, onde as Côrtes se reuniram nos princípios do outono. Nelas concederam os povos um serviço, como então lhe chamavam, de 150:000 cruzados, pagos em dois anos, e destinados a satisfazer o avultado dote pelos ministros de Carlos V exigido. Assentes as condições, assinou-se o

¹ Padre Henrique Florez, *Memorias de las reinas catholicas*, tom. II, pág. 869.

contrato de casamento em 17 de Outubro e no dia seguinte juraram el Rei e a Infanta, que lhe dariam inteiro cumprimento. Ainda nêsse mesmo mês seguiram para Almeirim, onde se realizariam as festas.

Escolheu-se o dia de Todos os Santos para lhes dar começo e tiveram lugar nos paços daquela vila. A primeira cerimónia foi o recebimento por palavras de presente da Infanta com o Imperador. Realizou-se êle já de noite na sala, armada de «riquíssima tapeçaria de ouro e seda, com um rico dorsel de brocado de pelo,» sob o qual se juntaram D. João III, a rainha D. Caterina e a infanta D. Isabel, de um lado, e do outro Carlos Popet, senhor de La Chaulx, embaixador de Carlos V e seu mordomo mor, com procuração especial para êste acto. Entre êles D. Fernando de Vasconcelos, bispo de Lamego e capelão mor, disse as palavras sacramentais e recebeu os juramentos dos esposos. Terminado o acto, beijou a nova Imperatriz a mão a seu irmão e cunhada, seguindo-se-lhe os infantes, os embaixadores do Imperador, e os mais senhores da côrte, e todos igual cerimónia cumpriram perante D. Isabel.

Aos recebimentos succedeu um serão, sentando-se no estrado el Rei e a Rainha, com a Imperatriz no meio. «Este serão, que se fez com muyto vagar, e aparato durou, diz o cronista, até quasi as duas oras depois da meya noite, e dançarão nelle a Rainha com a Emperatris, el Rey com dona Anna de Tavora, e os Ifantes dom Luiz e dom Fernando com as damas de que mais se contentarão ¹.»

A dama, que mereceu a distincção de dançar com D. João III, era a mulher de um seu muito valido servidor, D. António de Ataíde, futuro vedor da fazenda e 1.º conde da Castanheira.

¹ Francisco de Andrada, *Chronica de D. João III*, part. I, cap. 93.

No dia seguinte realizou-se um banquete para que foram convidados, além dos infantes D. Afonso, D. Luís e D. Fernando, os embaixadores de Carlos V, Mr. de La Chaulx e João de Zúñiga. «A estes, explica o cronista, vinha tudo cortado da copa, e assi lhe erão postas as igoarias, e seus criados lhe dávão de beber e não ouve na mesa mais officiais que os ordinarios del Rey e dos Ifantes; e o servidor da toalha, que estava mais abaixo, presentava aos embaixadores as igoarias na forma que vinhão da copa, e não se deu agoa has mãos aos embaixadores.»

Num dêstes dois dias, no primeiro mais prováavelmente, representou-se, estou persuadido, a tragicomédia *Dom Duardos* do nosso Gil Vicente¹, assim como já em análogos festejos, por ocasião da partida da Infanta D. Beatriz para Saboia, no serão do paço, sê representara a outra tragicomédia das *Côrtes de Júpiter*.

Era a nova tragicomédia um auto «sobre los muy delicados amores de dom Duardos, principe de Inglaterra, con la hermosa Flerida, hija del emperador de Constantinopla». Logo de entrada repete-se no tablado scena análoga à representada pouco antes, em baixo, no ladriho da sala. «Entra primeyro a côrte de Palmeirim com estas figuras, a saber: Emperador, Emperatriz, Flerida, Artada, Amandria, D. Robusto, e depois destes assentados, entra D. Duardos a pedir campo ao emperador com Primaleão seu filho, sobre o agravo de Gridonia, dizendo:

Famosissimo Señor
vuessa sacra magestad
sea enxalçada
y biva su resplendor,
tanto como su bondad
es pregonada.

¹ *Vida e obras de Gil Vicente*, pág. 145.

Também só com esta representação se entreteria o serão até às duas horas da madrugada, pois que as danças, ainda que feitas «com muyto vagar e aparato», não dariam occupação para as boas seis horas que o serão durou. É preciso recordarmo-nos que estamos numa côrte toda composta de gente nova. O Rei tinha apenas vinte e três anos, a Imperatriz, vinte e dois, a Rainha, dezoito; da mesma idade aproximadamente eram os infantes D. Luís e D. Fernando, e o, à força, grave e sisudo cardinal D. Afonso orçava pelos dezasseis. Alegro mocidade, que poucos meses antes tinha chorado de rir ao assistir à representação do *Auto de Inês Pereira*.

Terminadas as festas dos-esponsais reconheceu-se que a dispensa de parentesco enviada de Roma para os noivos não era sufficiente, tantos vinculos de consanguinidade entre elles existiam. Impetrou-se novo breve e à sua chegada repetiu-se em Almeirim a cerimónia do desposório, a 20 de Janeiro do ano seguinte, o de 1526. No intervalo tinha morrido a viúva de D. João II, a rainha D. Leonor, a Rainha velha, como em algumas rúbricas lhe chama Gil Vicente, que a ela deveu desvelada protecção, e este lúgubre successo fez «amaynar muyto no que se apercebia de festas e pompa de atavios,» diz Fr. Luís de Sousa na sua escolhida linguagem ¹.

Houve então outro serão no paço e nêle representou Gil Vicente o *Templo de Apolo*, estando doente por sinal.

Teniendo fiebre continua
aquestos dias passados
la muerte puesta a mis lados
diziendome, ayna, ayna
que tus dias son llegados.

Mas, apesar de entrever as sombras da morte, o seu

¹ *Annaes de D. João III*, pág. 157.

espírito mantinha-se folgazão e satírico, não escapando à sua crítica os detestados frades.

Y plantar todos los frayles
en la tierra que no es buena,
las coronas so ell'arena
las piernas azia los ayres,
como quien pumar ordena.

E ainda se podia declamar isto e o mais que se segue, diante de D. João III e da rainha D. Caterina!

Por fim «Ordenaram-se todos os romeiros em folia e cantaram a cantiga seguinte... E assim cantando se acabou o Templo *Dapolo*,» e com êle o serão, indo a Imperatriz descambar para d'ali a dez dias partir para Castela.

Na terça feira 30 de Janeiro pôs-se a Imperatriz a caminho acompanhada de séquito numeroso e brilhante. Com ela, até à Chamusca, foi D. João III; até à raia iriam os infantes D. Luís e D. Fernando, e até a entregar ao marido, o Marquês de Vila Rial. Das comitivas das pessoas reais não sabemos, mas podemos aquilatá-las pela do Marquês, a qual nos descreve Fr. Luís de Sousa: «Forão celebres e grandiosos os gastos que o Marquez fez nesta jornada, de que achamos relação em Memorias que temos do primeyro Conde da Castanheyra: famoso acompanhamento de criados e gente de pé e de cavallo, e ricas librés; quarenta azemalas de sua recamara, com reposteiros quarteados de branco e preto e bordados, e no meo a sua divisa do Aleo; e a da sua cama com reposteiro de velludo carmesi com bandas de tela d'ouro; vinte e quatro alabardeyros vestidos de suas cores, e vinte e quatro moços da camara a cavallo¹».

Do Marquês encontrei vinte e uma cartas escritas a

¹ *Annaes*, pág. 179.

D. João III e uma ao secretário António Carneiro; delas me aproveitarei para narrar os sucessos da ida e dos primeiros dias da estada em Sevilha.

Nas primeiras jornadas não foi a Imperatriz tam acompanhada como logo nas seguintes, crescendo cada dia o número das pessoas qua acorriam a saudá-la. De mantimentos houve sempre muito boa provisão, tendo-se bem desempenhado da missão as pessoas que el Rei disse havia encarregado, que até bons vinhos apresentaram em Ponte de Sôr com aprovação de Mr. de La Chaulx, que parece ser apreciador.

Começaram a apparecer muitos Castelhanos «pessoas honradas e vem embugados». Em Alter do Chão entraram até pelas poisadas, não escapando a do Marquês. No sabado appareceu no caminho um filho do Marquês de Vila Nueva del Fresno, offerecendo-se para vir servir a Imperatriz. Foi mal recebido pelos embaixadores de Carlos V, pois que, além de ser extemporâneo o offerecimento, apresentou-se o pretendente «com chapéu de cetim alionado velho com tudo o mais deste jaez, e o aio e as cavalgaduras tudo vinha bom para ver». Era o Aires Rosado da farsa de *Quem tem farelos*, estou eu a ver.

O domingo, 4 de Fevereiro, passou a Imperatriz em Monforte d'onde o Marquês escreveu a primeira carta¹. Na segunda feira tencionava ir a Elvas e na terça feira a Badajoz, apesar dos Embaixadores desejarem folgar um dia na cidade portugueza, mas os Infantes não estão dispostos a anuir, senão no caso dos Castelhanos lho pedirem por claro, o que posteriormente fizeram, para se não poder alegar que a demora é provocada por parte de D. João III. Já aqui se começaram a desenhar as hesitações resultantes de se não saber quando Carlos V viria, nem para onde iria esperar a noiva, supondo-se

¹ Doc. I.

que D. Isabel não saíria de Badajoz antes de ao certo constarem as determinações de Carlos V.

Na segunda feira, entrando em Elvas, encontrou a Imperatriz, além de dois bobos anões, dom Francês e Perico de Alla, «mui gracioso», os Duques de Bragança, que vinham beijar-lhe a mão. A Duquesa era a formosa D. Joana de Mendoga e, segundo consta de uma carta de seu marido dirigida no dia seguinte a D. João III, vinha ela encarregada de resolver um conflito originado certamente de questões de precedência entre duas «mulheres», lhes chama o Duque, da comitiva de D. Isabel, a Condessa de Odemira, sua camareira mor, e D. Leonor de Castro, sua dama, senhora de imenso orgulho, que talvez concorresse para a canonização de seu futuro marido, S. Francisco de Borja, duque de Gandia, apurando-lhe a paciência e a resignação. Estas questões de etiqueta eram então gravíssimas e nas cartas do Marquês de Vila Rial aparecem a cada passo.

Ceremónia interessante e um tanto estranha em viagem realizou-se na noite da chegada a Elvas da Imperatriz. Uma outra das suas damas, a linda D. Beatriz de Sá, de quem um patricio poetastro, o Capitão da ilha de S. Miguel, dissera,

a hora hey por perdida
que passo sem na olhar,

casou com D. Pedro Lasso de la Vega. Ao casamento teve de assistir o Duque de Bragança, que na sua carta se queixa de tanto enfado junto, «estou que me não posso bulir». Nela também o sombrio duque D. Jaime me aparece sob um aspecto novo, o de bruxo ou coisa parecida. «As outras cousas que se passaram me remeto a Fernão d'Alvares, que escreverá a V. A., porque algumas delas não é bem que eu nelas toque; e também, por serem parte de minhas profecias, peço por mercê a V. A. que,

ainda que me ache verdadeiro nelas, não me mande pôr à porta da Sê, porque não nas digo por nenhuma feitiçaria, senão por cuidar muito nas cousas de vosso serviço e as olhar sem afeição ¹».

Descangaram todos na terça feira e no dia seguinte, quarta feira 7 do mês, realizou-se a entrega da Imperatriz junto ao Caia.

Às dez horas partiu ela de Elvas com os Infantes e muito grande companhia, todos com os seus melhores atavios, e dirigiram-se ao sítio por Fernão d'Alvares escolhido àquém da ponte do Caia para nêle ter lugar a cerimónia. Ao aproximar-se, desceu D. Isabel das andas, segurando-lhe a tábua o Marquês de Vila Rial e o Conde do Vimioso, e montou numa mula. Um pouco mais adiante pararam.

Fez-se então e com bastante trabalho, por a multidão de gente ser muita, uma grande praça e mandaram os Infantes dizer aos Castelhanos, postados além da ponte em muito menor número, que podiam vir.

Os primeiros a entrar, tocando suas trombetas, atabales e charamelas, foram os da casa do Duque de Bejar. Com eles vinham o Conde de Aguilar e D. João Alonso de Gusmão, filho primogénito do Duque de Medina Sidónia, trazendo aos ombros uma capa de oiro de martelo, «que eu me afirmo, que se não contentaram de a levar os filhos de Duarte Tristão», observa o Marquês de Vila Rial, começando já com a sua critica desdenhosa nesta aproximação do filho de um dos maiores senhores de Espanha com os de um simples, pôsto que muito rico, armador de Lisboa. No grupo encontravam-se mais dois filhos do Duque de Medina e outros oito ou dez fidalgos, sendo todo o restante composto de escudeiros, não conseguindo, escreve Vila Rial, «mostrarem cousa que nos

¹ Doc. II.

espantasse, senão a fialdade deles, que era tanta, e o des-sar das pessoas, que eu havia medo que estivesse a Imperatriz desconcertada».

Após estes entrou a gente do Arcebispo de Toledo. Traziam trombetas, atabales e charamelas precedendo vinte e quatro moços da câmara a cavalo, vestidos de pelotes carmesis feitos de girões de damasco e veludo; atrás deles iam umas andas de veludo preto seguidas da restante casa a pé, a maior parte vestidos de roupões de seda. Seguiu-se a quadrilha do principal embaixador de Carlos V, o Duque de Calábria. Era a menos numerosa, mas relativamente a melhor apessoada. Também deram mostra uns oito ou dez pagens do Duque em cavalos saltadores, vindo a entrada destes moços lembrar a Vila Rial «a diferença que há de Portugal à das outras partes, que levo eu vinte e quatro moços da câmara a cavalo, os quais não hão de cavalgar nem aparecer, onde eu for, senão lá se vão diante ou detrás com o meu viador».

Continuavam o cortejo os Condes de Andrade, de Cifuentes e de Monterrey, e o Bispo de Palência, precedendo os três embaixadores, o Duque de Calábria no meio, com o Arcebispo de Toledo à direita, e o Duque de Bejar à esquerda. Apearam-se todos três e o primeiro a beijar a mão da Imperatriz foi o Bejar. Trazia este a barba muito comprida em sinal de luto e vinha montado à gineta, com cabeçadas largas e alcaladas de retrós vermelho no cavalo. Avançou até à Imperatriz, beijou-lhe a mão, tornou a subir ao cavalo e foi falar aos Infantes, a quem muitos Castelhanos vieram a pé beijar as mãos. Seguiu-se o Arcebispo de Toledo, D. Alonso de Fonseca, de quem Vila Rial diz: «parece-me homem de arrazoada descrição e de bom tento, e, segundo me parece, presa-se de cortesia e na verdade melhor modo tem disso que estes outros». Vinha vestido de vermelho, como cardial, sendo a vestimenta de cima de damasco carmesim forrado de

martas, por baixo o rochete e na cabeça barrete vermelho. Apeou-se, beijou a mão, tornou a montar e dirigiu-se aos Infantes, sem se chegar muito, nem se abaixar muito, dizendo-lhes «dê me la mano», sem fazer porê nenhuma inclinação para isso. Por último veio o Duque de Calábria, «que depois de beijar a mão tornou a cavalgar e falou ao sr. Infante per compasso, e como quem vinha com o tento nisso, que não lhe tirou mais o barrete, nem se abaixou mais do que o sr. Infante fez a êle, e nem lhe falou palavra nenhuma mais que assi esta medida desta feição». Esta personagem tam ciosa das suas prerogativas era Fernando de Aragão, filho primogénito de Frederico III, rei de Nápoles, a quem Fernando, o Católico, tirou o trono e prendeu o filho no castelo de Xativa, onde jazeu dez anos e d'onde Carlos V, não havia muito, o mandara soltar. Depois veio a casar com a rainha Germana de Foix, viúva do seu perseguidor.

Feitas as medidas, teve lugar a apresentação da credencial dada pelo Imperador aos cinco embaixadores, pois, além dos três acima, também nela vinham nomeados La Chaulx e D. João de Zúñiga. Apresentada ela, foi lida alto por André Pires. Então se despediram os Infantes da irmã e o infante D. Luís chamou o Duque de Calábria e lhe entregou a rédea, a qual êle tomou com o barrete na mão.

As minúcias do Marquês na sua carta são muitas e abreviá-las hei para não enfadar.

A Imperatriz continuou a jornada, levando à direita o Calábria e o Vila Rial, e à esquerda o Arcebispo e o Bejar. Entretidos em práticas diversas chegaram à ponte do Guadiana, onde os regedores da cidade de Badajoz, «vestidos de roupas de cetim cremesim, forradas de veludo preto», aguardavam D. Isabel. Seriam catorze e um dêles dirigiu uma pequena fala de saudação à Imperatriz, que lhe agradeceu. Ao chegar às portas da cidade tomaram os

regedores as varas do pálio, de tela de oiro, forrado de cetim carmesim, com as coroas do Imperador bordadas nêlo e avançaram com a Imperatriz debaixo até à Sé, a cuja porta a esperava o Bispo de Palência com as reliquias. Entrou, foi rezar junto ao altar mor, ouviu as orações do Bispo e recebeu a sua benção, sendo estas cerimónias acompanhadas por bons cantores. Á saída da Sé de novo entrou para as andas e nelas se foi às suas poisadas. No caminho «tinham-lhe feito um arco, a que êles chamavam triumphal,» diz o Marquês com o seu habitual desdem, só tendo encómios para uma folia portuguesa, dança rápida acompanhada de canto, ao som de pandeiro e adufe, «que parecia melhor que tudo,» e haviam encontrado na rua ¹.

Em Badajoz continuavam as hesitações por não constar a determinação de Carlos V. Sabia-se que êle não queria vir senão depois de ultimados os negócios com o governo francês, havendo nêles ainda muito que resolver, principalmente no modo da entrega de Francisco I, então prêso em Madrid. Os Franceses não querem mandar os refêns senão depois do seu Rei ser sôlto, e o Imperador não vai nisso, não o querendo soltar, senão depois de ter em Castela os refêns ².

Partida a Imperatriz de Badajóz foi terminar a segunda jornada a Almendralejo, primeiro lugar do mestrado de Santiago por onde passou e onde foi recebida com uma festa, que não era muito para contar, pois consistiu apenas em dois meninos do lugar, com camisas vestidas sôbre os pelotes, «que pareciam mais da misericórdia que da festa,» e gritavam *Biva el emperador e la Emperatriz!* Proseguindo na jornada, veio ter com a Imperatriz ao caminho D. João de Zúniga, que da parte do Imperador

¹ Doc. III.

Doc. V.

mandava que ela fosse via de Sevilha com as mais vagarosas jornadas, a ver se êle terminava os seus negócios e poderia vir encontrá-la ao caminho. Chamaram os Embaixadores a Vila Rial e exposeram-lhe as incertezas das novas trazidas pelo Zúniga. Então o Marquês, já um tanto enfasiado, disse-lhes que, se fôsse do conselho de Carlos V, entre outras coisas lhe diria, que a Imperatriz era sua mulher, que os negócios dêle também eram dela, e que não vinha cá para lhos estorvar, senão para cuidar nêles, com muito siso que Deus lhe dera e muito dinheiro que seu irmão lhe outorgara.

Pelo caminho fôra o Marquês ouvindo separadamente os embaixadores de Carlos V, que iam na comitiva. Todos se mostravam muito afeiçãoados a D. João III e afirmavam terem concorrido para a realização do casamento de sua irmã. Entretanto veio novo correio de Carlos V e desta vez com ordem terminante para seguirem direito a Sevilha, onde, e não em Toledo, como precedentemente estava apazado, se realizaria o casamento, fazendo todavia jornadas apenas de três légoas cada uma até Cantilhana, lugar distante cinco légoas de Sevilha, onde esperaríam até que na cidade estivesse tudo preparado para o recebimento. Outros muitos assuntos versa o Marquês nesta sua muito longa carta datada de Llerena a 22 de Fevereiro ¹, mas não interessam propriamente aos sucessos da viagem da Imperatriz.

A 1 de Março já ela estava em Cantilhana d'onde o Marquês escreveu uma carta a D. João III, felicitando-o pelo nascimento do príncipe D. Afonso, que viera ao mundo em Almeirim a 24 do mês precedente, e afirmando-lhe, com protestos veementes, ser seu muito servidor².

¹ Doc. VI.

² Doc. VII. — Na mesma data escreveu o Marquês outra carta de felicitações à rainha D. Caterina (Doc. VIII).

Nesta ocasião deu a Imperatriz recepção a todos os Castellhanos que quisessem ir dar-lhe os emboras pelo feliz acontecimento. Apareceu ela «tam bem vestida e tam de festa,» que o Marquês entusiasmado lhe pediu muito que daquela mesma forma ataviada esperasse pelo Imperador quando elle viesse. Á recepção seguiu-se um serão «assás comprido», ao qual foram todas as damas com os seus melhores vestidos, não se tendo podido dançar por a casa ser pequena e faltarem os charamelas que haviam abalado a diante a tomar aposentos. Em vez das danças vieram todos os fidalgos portuguezes à poisada do Marquês, onde montaram em ginetes, muito bem arreiados e aparelhados e foram-se diante da casa, onde a Imperatriz se hospedara, e ali, por faltarem canas e só haver laranjas, jogaram às laranjadas a cavalo com tanta influência que o escudeiro Álvaro Mendes ficou magnado num olho, se é que o não perdeu. Tudo isto se passou em Pedroso, e em Cantilhana, d'onde o Marquês escreve, devia a Imperatriz dar «um grão serão de danças, porque estão aqui os ministres e as casas são para isso muito boas, porque são do Arcebispo de Sevilha.»

— Chegaram finalmente a esta cidade a 3 de Março¹; celebrou-se o casamento no domingo 11 e nesse mesmo dia escreveu o Marquês duas cartas a D. João III; a primeira narrava a cerimónia, a segunda dava a noticia da morte da Rainha da Dinamarca, irmã de Carlos V. Esta carta encontrei², a outra infelizmente não apparece; deparei porêm com duas de 17 de Março, muito interessantes am-

¹ Doc. X. — Por êste doc. consta estar a entrada combinada para o dia 3, numa carta porêm de D. Martim de Salinas para o infante D. Fernando, datada de Sevilha a 27 de Março, diz-se ter tido lugar a entrada a 5 do mês (Rodríguez Villa, *Carlos V y su corte*, pág. 312).

² Doc. XI.

*Seguiu-se
De Regueral
10. de Mar.*

bas, uma dirigida a D. João III, a outra a António Carneiro¹.

No dia seguinte ao do casamento foi o Marquês de Vila Rial recebido em audiência pelo Imperador.

Às 3 horas mandou Carlos V o Duque de Bejar, acompanhado de La Chaulx e do Bispo da Canária às poissadas do Marquês afim de o acompanhar, a êle e a Rui Teles, mordomo mor e governador que fôra da casa da Imperatriz desde a morte de sua mãe até ao seu casamento, e a António de Azevedo Coutinho, embaixador ordinário de D. João III, até ao paço, onde chegaram já tarde por a distância ser larga e a afluência de gente nas ruas muita. Esperaram um pouco pelo Imperador que à entrada, depois de saudar o Marquês e receber dêle uma carta del Rei, se encostou no vão de uma janela. Lida a carta mandou despejar a sala, trazer cadeiras, sentando-se êle numa de espaldas e os Portugueses em três razas de veludo, e pôr velas, «porque era já noite, as quais vieram duas em dois castiçais de prata de uma feição que parecem de estanho, e foram postas em uma mesa aberta, com um bancal de pano verde. E dêste modo de sua casa e da pobreza dos aparelhos dela ha tanto que dizer, que isto, com outras muitas coisas, guardo eu para por mim o contar a V. A.»

Após várias banalidades sôbre a nova aliança contraída entre as duas famílias, tendo Vila Rial metido as palavras necessárias para a fala «durar o espaço de tempo que me pareceu conveniente», calou-se e largou a voz ao Imperador. «Êle me quis responder em forma, e parece-me ainda que quis mostrarme, que o sabia fazer. E porém eu tenho bem visto nêle tudo o que me êle quer mostrar e por ventura o que me não quer mostrar.» Continuaram as cortesias de parte a parte, mostrando-se

¹ Docs. XV e XVI.

Carlos V tam satisfeito, «agora depois de vista a pessoa da Imperatriz,» que confessava dever muito mais a S. A. de Portugal, do que suspeitava, e lhe prometia verdadeira e inalterável amizade. Aproveitou o Embaixador esta nota para tocar nas coisas relativas a D. Isabel de cá muito encomendadas, e a todas o Imperador prometeu satisfazer, pedindo, afim de se não esquecer de nenhuma, lhe fossem lembradas por escrito.

Seguiu-se na palavra António de Azevedo, queixando-se do sucedido a umas naus, «que se perderam vindo de Flandres», ao que o Imperador, depois de duvidar um pouco do facto declarou não saber «se havia alguns costumes naqueles portos». Não se fica entendendo, mas percebe-se que alguma tomadia ou arresto de navios portugueses haviam feito súbditos de Carlos V. O Marquês assistia calado: «porêm quando vi isto, scandalizou-me dentro em mim ver que, havendo tam pouco que falara tantas amizades, tornara a duvidar em tam pouca cousa», e disse-lhe: «que nas cousas, que a V. A. tocassem, não se havia de esguardar costumes, quanto mais que, se algum costume aí havia, per que tomassem o seu a seu dono, que sua alteza não me parecia que tinha muita obrigação de o guardar.» Vila Rial disse isto sorrindo e sorrindo lhe respondeu o Imperador, que tinha razão. Provavelmente nada fez a favor dos súbditos de seu cunhado, como de costume, pois que só por elles se interessou deveras quando se tratou de os obsequiar com o estabelecimento da Inquisição. D. João III, diz o nosso Herculano, «sem o auxilio de Carlos V não teria obtido triumpho tão decisivo», como foi a bula de 23 de Maio de 1536, estabelecendo definitivamente o Tribunal da Fé.

No resto da carta refere-se à garantia dada ao doto da Imperatriz, declarando serem boas as vilas que a elle serão hipotecadas, mas não sabe se a sua valia será sufficiente. Não nos declara a carta os nomes dessas vilas,

pag. 100 >
102-
nem o número de seus vassallos, mas diz-nos que lá avaliavam cada vassallo em oito mil maravedis. Refere-se à primeira quitação de parte do dote dada pelo Imperador em Sevilha, a qual não apparece, e à conveniência de haver uma quitação geral, a qual encontrei no nosso rico Arquivo Nacional ¹.

Estava o Marquês impaciente pelo regresso à sua casa, como se vê da sua carta do mesmo dia ao Secretário: «Se me lá desejaes, já d'agora para diante é tempo, porque já a Imperatriz dorme cada noite com seu marido em braços e estão mui namorados e mui contentes». Na sua ida não fala, pois que, quando o mandam servir, não pensa em si. Quanto «às novas de cá todas quero encerrar nesta: que depois que vi Castela, folgo mais de ser Português ².»

Do enlêvo em que os noivos viviam dá-nos melhor descrição o Embaixador ordinário de D. João III, numa carta dirigida cinco dias depois do casamento ao Conde do Vimioso. Admira-se António de Azevedo Coutinho de não haver festas na corte, talvez devido a ser quaresma, «en pero, continúa elle, posto que isto seja assi, entre os noivos ha muito contentamento, ao que mostram, e o que se diz e homem vê; porque estão na cama até às dez e onze horas; e como são juntos, pôsto que todo o mundo esteja presente, nunca olhos ninguem vê. Ambos falam e ambos riem, que nunca fazem outra coisa ³.»

A 24 de Março escreveu o Marquês de Vila Real novamente a D. João III. Nesta carta conta-lhe o passado numa segunda audiência que tivera de Carlos V. Começaram por protestos de muita amizade mútua, entre os dois soberanos, tam parentes por afinidade e consangui-

¹ Doc. XXXIII.

² Doc. XVI.

³ Doc. XIII.

nidade. No meio destas urbanidades meteu o Imperador alusões ao parentesco e divido existente entre êle próprio e Vila Rial. Não caiu a lisonja em ouvido surdo, antes foi acolhida com desvanecimento, apesar da aparente indiferença com que foi recebida. Falou-se a seguir «nas cousas de Maluquo», fim principal da entrevista. Protestou o Imperador não ser êle quem provocava as dificuldades, pois que «não era cosmógrafo nem astrólogo», e serem êstes os que lhe afirmavam pertencerem-lhe as ilhas contestadas. Que, se o cunhado lhe provasse ter a elas direito, as largaria com toda a satisfação, etc. Termina o Marquês a carta aconselhando D. João III a mandar pessoas de muito saber e confiança para tratarem em Castela do assunto, aproveitando-se a boa vontade da Imperatriz e o predomínio por ela já exercido na côrte do marido, como Vila Rial tivera ocasião de apreciar¹.

A 3 de Abril escreveu o Marquês a sua última carta datada de Sevilha. Recebera, e em termos muito lisongeiros, ordem para regressar pelo que, duplamente satisfeito, apressará a partida, «pois que vou mais desejoso da pátria que um lavrador». Nesta carta toca num successo trágico por êsses dias anteriores ocorrido o qual, apesar de alheio à ida da Imperatriz, não devo deixar olvidado.

A 23 de Março fôra garrotado no castelo de Simancas o bispo de Çamora, D. António da Cunha, o mais turbulento e activo chefe que haviam tido as Comunidades. O cronista D. Fr. Prudêncio de Sandoval, no fim do liv. IX da *Historia del Emperador Carlo Quinto*, attribui a culpa do assassinio do Bispo a excesso de zêlo do Alcaide pelo Imperador enviado para o julgar; pela carta

¹ Doc. XX.

do Marquês porêem vê-se tomar Carlos V a responsabilidade do caso. Extractarei o que relativamente a êle nos revela a carta.

Começara Vila Rial por apresentar ao Imperador os pêsames que D. João III lhe enviava pela morte da Rainha da Dinamarca, e por êles lhe ficara muito grato, reservando-se o Marquês a, já agora, deixar tudo para contar de viva voz a el Rei no seu regresso. «E assim — continua ele — a conta que me quis dar da morte do Bispo e as causas que a isso o moveram; e a mim me parece que foram duas: o ódio grande que lhe tinha e o receio de poder tornar a espertar e lembrar sempre as cousas das Comunidades; porque êle me disse que todo o feito das Comunidades êste (*sc.* Bispo) o fizera, e lhe fizera mover a el Rei de França à guerra, que lhe moveu naquele mesmo tempo. E me quis dar a entender que era avisado por seu embaixador que o Papa, depois de matar o Bispo, o absolveria; mas dar-lhe licença para o matar, que isto não faria; e sôbre êste passo foi o que se passou comigo». Logo mais abaixo continua; «Porêem o Emperador está em sua excomunhão, não ouve missa, nem entra em igreja; e crea V. A. que parece cousa mui fea ver estar um príncipe cristão desta maneira e mais em tais dias como são Páscoa e Endoenças, que são passados; pôsto que êle me disse, que nunca lhe parecia que estivera em tam bom tempo de morrer como agora, porque na morte do Bispo não tivera mais tenção que serviço de Deus¹».

As mais noticias são relativas à visita que a rainha Germana, viúva de Fernando o Católico, fizera à Imperatriz, aos receios da forma como se encaminhavam os

¹ Doc. XXIII. — Ao facto da excomunhão tambem alude Martin de Salinas numa das suas cartas ao infante D. Fernando (Rodríguez Villa, *Carlos V y su corte*, pág. 315).

sucessos de França e outras mais, que deixa para dar de viva voz.

Partiu Vila Rial de Sevilha na quinta feira 5 e do caminho, em Castilblanco, no dia seguinte, escreveu a sua última e muito curiosa carta¹. Nela diz:

«No derradeiro dia da minha estada em Sevilha fiz a V. A. mais serviço que em toda a outra jornada junta, porque toda a jornada eram os trabalhos dela com muito gôsto, porque era servir V. A., e isto que digo foi com muito desgôsto, que foi aceitar mercê ao Imperador, que se mostrou nisso tam mau homem de paço como contarei a V. A.» Afirmaram-lhe porêem, que, se não aceitasse, Carlos V só de D. João III ficaria escandalizado, pois que só a instruções suas atribuiria a recusa. «Como vi que isto entrava em tocar em vosso serviço, esqueci-me de minha honra e quis-me fazer do número dos que folgam mais com dádivas que eu; ainda que a pouquidade desta é a melhor cousa que nela houve. Mandou-me uma copa de ouro, que dizem êles a Fernand'Alvares, que mo disse, que pesa mil e tantos cruzados; não me afirmo serão mil e seiscentos, se mil e oitocentos; e uma fonte grande de prata que terá catorze ou quinze marcos, dourada e de bastiães; e na copa e na fonte vinham seis mil cruzados. As palavras foram: que aquilo tomasse dele como de irmão de V. A., e como de quem tam meu parente e tam meu amigo era, que se estas cousas lhe não deram atrevimento, que êle se corra de me mandar tam pouco a quem tanto merecia. Eu, como determinei de o aceitar, por me parecer e ver que cumpria assim a vosso serviço, quis ser na resposta melhor homem de paço do que êle quis comigo ser. Á saída de Sevilha mandou vir muitos para mim. O Duque de Alva e o de Bejar me levaram no meio, e diante ia o Duque de Arcos,

¹ Doc. XXIV.

o Marquês de Vila Franca, muitos outros homens de título e muita gente que com eles vinha, e todos ess'outros Castelhanos de conto que aqui há. E creia V. A. que se vira, assim este dia como todos os outros que eu cavalgara, os louvores que diziam os velhos de Sevilha de V. A. e de Portugal, na metade da barba dos Castelhanos, que vira V. A. quanto mais amado sois cá que o Imperador, que *ô* é bem pouco. Eu parti de Sevilha à quinta feira.»

Foi visitado pelo Grã Chanceler (Mercurino di Gattinara, que no fim da vida, depois de viúvo, veio a ser cardial), com quem muito conversou acerca dos negócios do Imperador, e entre outros assuntos lhe «falou sobre a morte do Bispo, de quam mal feito lhe pareceu, porque ele é homem claro e diz logo o que lhe parece». Recebeu informações da viagem da viúva de D. Manuel a encontrar-se com o novo marido, não tendo porêem ainda ultrapassado Vitória. Em Alcalá del Rio foram-lhe mostradas as doações da Imperatriz já assinadas pelo Imperador, as quais o Marquês pedira para serem feitas em duplicado, devendo ser um dos exemplares expedidos para Portugal. Aqui terminam as cartas de Vila Rial que anuncia não escrever mais nenhuma, pois dentro em breve espera em Deus poder beijar a mão de seu soberano.

Entre os papéis apresentados em Alcalá del Rio ao Marquês de Vila Rial, não se encontrava o instrumento de restituição do dote à Imperatriz, caso falecesse sem filho, por quanto só foi assinado por Carlos V a 29 de Abril¹.

Quanto ao dote da Imperatriz encontro cartas de quitação dalgumas quantias entregues por conta em Abril e Junho do ano do casamento², e a carta de quitação geral

¹ Doc. XXX.

² Docs. XXVI e XXXI.

da totalidade de 900.000 dobras, de que já apenas se deviam 91.449. Esta carta foi passada em Toledo, a 6 de Fevereiro de 1529¹.

Fôz avultadíssimo o dote pois as 900.000 dobras de oiro castelhanas correspondiam a 60 contos de riais, uns 327 contos de hoje, ou melhor de ontem, com o poder aquisitivo de 1:638 contos pelas tabelas de Costa Lobo na *História da Sociedade*. Tornou-se muito oneroso aos povos de Portugal pagar tanto dinheiro, mas pelos cofres de Carlos V, sempre exaustos, passou num relance.

Perto de dois anos antes do completo pagamento do seu dote tivera a Imperatriz, em Valhadolid, a 21 de Maio de 1527, o seu primeiro parto, dando à luz, depois de laborioso trabalho, um rapaz, o futuro Felipe II, rei de Espanha. A alegria de Carlos V foi extraordinária e as manifestações de regosijo na côrte, no próprio dia do nascimento, chegaram à folia. Para se poderem bem avaliar, transcreverei parte de uma carta dirigida ao secretário António Carneiro pelo embaixador António de Azevedo Coutinho, notando serem palavras de um eclesiástico: «A Emperatriz pariu oge terça feira depois das quatro oras da tarde, quasi hum quarto de ora. Começou a ter dores, pôsto que pequenas, às quatro antes de madrugada. Teve máo parto, porque a tomou mais cedo do que divera. Pariu filho são do corpo; do coração será como seus antepassados. A senhora Emperatriz está boa; eu a vi loguo em aquabando de parir y ao Emperador, y ele ma mostrou y ao filho. Ele está com grã prazer, pôsto que há tantas outras cousas contrairas, que anojã tudo. Esses grandes, que se aqui acertárã, fizérã tantos prazeres, que bailárã e fulgárã dentro no paço; a saber: Benavente, Begare, e Afonseca e Conde de Arão, o trás

¹ Doc. XXXIII.

êles Toledo e Segóvia, y até o presidente do conselho¹, que hé mais Cartuxo, que o dõ Paulo, capelão mor que foy², e enfim eu entrei na baila. As damas me davã tanto na volta, e a cousa se baralhou de maneira, asi das damas, como de donas, que sempre o paço está cheo, que, a ser vossa mercê mariola ou algum coutinho, passara a cousa avante. Isto durou até o Emperador sair a Sam Paulo a dar graças a Deos pola mercê recebida »³.

Um genealogista contemporâneo, D. António de Lima Pereira, deixou no seu *nobiliário*, esta nota ácêrca do Embaixador: «António de Azevedo, filho do Diogo de Azevedo... foi clérigo e desembargador do paço e grande letrado; teve muita renda pela igreja; foi embaixador ao imperador Carlos V de Áustria sôbre as cousas de Maluco, o qual lhe fazia grandes honras; e sem embargo, que fez o negócio de Maluco e melhor que pôde ser, foi mexericado com el Rei e de paixão mórreu em chegando. Houve bastardos...» Nomeia-lhe quatro filhos; deram-lhe pois «as damas nã volta e passou a cousa ávante», como êle diz na sua carta.

Outro cortesão, D. Martin de Salinas embaixador de Fernando I, rei de Hungria, irmão de Carlos V, também de Valhadolid, em carta de 28 de Maio, se refere à satisfação do Imperador pelo nascimento do filho: «La Emperatriz está muy buena y asimismo el Príncipe, y el Emperador tan alegre y regocijado y gozoso del nuevo hijo que en otra cosa no entiende sino en ordenar fiestas por el bien que Dios nos ha dado; y de dia y de noche no se entiende en otra cosa sino en justas y juegos de

¹ Era o arcebispo de Santiago, D. João Pardo Tavera, posteriormente cardial e inquisidor geral.

² Era D. Paulo Pereira, a quem D. João III nomeára capelão mór por carta de 7 de Janeiro de 1522.

³ Doc. XXXII.

cañas y en todas maneras de placer así viejos como mozos. Y para cuando la Emperatriz esté en disposicion y sea tiempo de se levantar, ordena S. M. un torneo, en que serán doscientos de caballo y será el mejor que se ha hecho grandes dias ha; y otra cierta fiesta en el mismo torneo que serán caballeros contra peones ¹».

Teve a final feliz successo, apesar de ter decorrido trabalhoso, êste primeiro parto da Imperatriz, outro tanto, em circunstâncias análogas, não succedeu doze anos depois, por isso que, em seguida a dar à luz uma criança morta, faleceu D. Isabel no dia 1 de Maio de 1539.

¹ Rodríguez Villa, *Carlos V y su corte*, pág. 359.

DOCUMENTOS

I

Carta do Marquês de Vila Rica a D. João III

Monforte, 4 de Fevereiro de 1526

Senhor — nõ esereuy ategora ha v. a. porque onde vã os senhores ynfantes nõ fyquã ha mym mays cuydado que seruyr he acompanhar porem senhor tudo uay he se faz como compre a vosso seruyco he estados / he a senhora emperatryz uosa yrmã uay muy bem hacompanhada he seruyda posto que ha gente nessas prymeyras yornadas nõ foy tamta como hagora / he cada dja se hajunta mays / de mantymmentos ouue hay sempre muy boa prouyssam he as pessoas que uosa alteza nyssso hemearegou ho fyzerã muy bem / he ate bons uynhos nõ faltará na ponte do sorco que cuydo que nõ desaprouue a laxao / castelhanos sã ya aquy metydos na emuolta he djzem que pessoas omradas he uem embuçados he asy entrará em alter do chão em algũas poussadas foy a mynha hũa delas / ontem ho camynho mandou ho marques de uyla noua [del Fresno] hũ seu fylho o terceyro segundo me disserã pera vyuer co a senhora emperatryz / os embayxadores nõ no receberã bem djsseme laxao que nõ esperaua reqerya por ele cõ quamto lhe trazya hũa carta de seu pay he outra do duque de bragança porque uynha ha mao tempo porque ou deuera de uyr quãmdo uossa alteza daua cassa a uosa yrmã ou despoys dela ser cõ ho emperador / e eu nõ cuydo que o eles hã por ysto senã por se correr de nos pola maneyra de que ele uynha aparelhado porque amtre outras gentyllezas muy de notar que trazya uynha cõ chapeo de cetym alyonado uelho cõ tudo ho mays deste yaez / he ho ayo he as emcaualgaduras tudo uynha bõ pera uer / amenhã que he segunda feyra uay a senhora emperatryz a eluas he terça a badayoz posto que os embayxadores bem cuydo que folgaryã hũ dja de detença em eluas

mas os senhores ynfantes nõ estã nyso senã se eles o pedjrem craro porque ha detemça nõ he bem que seya por parte de uosa alteza senã pola sua / eles nõ tem aynda recado çerto do emperador da uya que leuara a senhora emperatryz e por yso cuydo que sem esta certeza nõ partyrã de badayoz e por ysto adetermyney fazer saber ha v. a. pera que veja se falarey sobre yso halgũa coussa posto que tanto que uosa alteza lha manda entregar e ela estamdo em badayoz esta em seu reyno / uosa alteza deue auer por bem a meu parecer tudo o que eles nyso ordenarem e mays poys he cõ tã yusta caussa desperarem por recados do que ho emperador ha de fazer / laxao despachou outro coreo dalter do chão porque ho que despachou dalmeyrym foy antes da partyda da hemperatryz o dia dantes / heu lhe djse que me parecia que deya fazer outro de como era hem camynho he ele lhe pareceo bem meu comselho ele uay hoo que mostra muy seruydor de uosa alteza e muy comtente das merçes que lhe fez dizendo grandes gabos da pessoa de uosa alteza hafyrmamdo que hamjzade de uosa alteza cõ ho emperador ha de ser ha mayor que numqa ouue amtre pyncypes / eu tambem lhe dygo do muito amor que vosa alteza lhe tem a ele laxao he qanta comfynça tendes de terdes nele uerdadeyro seruydor / he assy da muita amyzade que tendes cõ ho emperador he qanto de vossa parte folgays de sempre trabalhar pola acrecentar he cõ as obras que ele ve / cõ ho mays que me pareceo uoso seruyço falando sempre nysto co ele aynda que hagara he necessaryo / e porque daquy a dous djas hade ser ha entrada hem castela beyyarey as mãos de v. a. mamdarme ho regymento he estruçãõ do que la me mandar que he asy ha carta pera o emperador e tambem pera heses grandes a que heu deua de as escruer de crença he tambem me parece que uossa alteza tanto que uosa yrmã fose em badayoz a deuyceys mamdar uyssytar he habasta per hũa carta per hũ coreo que lheu darey de uossa parte / porque poys tantas obras he tamanhas he tã grandes synays damor lhe amosttram estes mays peqenos nõ deuem esqueçer porquestes faarã sempre lembrar mays os outros que na uerdade numqa deuem nem podem esqueçer ysto lembro a v. a. porque me parece seu seruyço / uosso senhor a muito real pessoa he estado de v. a. garde he acrecente cõ muitos e longos djas de uyda e mays erecymto de reynos e senhoryos beyyo as reays mãos de v. a. de momforte ha iiij de fe. uereyro de 1526.

cryadõ e feytura he vassalo de v. a.

ho marques

Sobrescrito ; Ha elrey meu senhor.

É toda da letra do Marquês.

II

Carta do Duque de Bragança a D. João III

Elvas, 6 de Fevereiro de 1526

Senhor — Fernão daluarez me deu conta da parte de vosa alteza de tudo o que se pasara nas cousas da senhora Imperatriz e asy da comdesa e dona lianor / e que vosa alteza me mandaua que eu disese aa senhora Imperatriz o que me pareçese por voso seruiço / e quando fernão daluarez me deu esta conta a duquesa que aqui lhe veo beijar as mãos ajnda que beem mal disposta cõ preposyto de lhe fallar alguñas cousas de voso seruiço tinha ja niso feito tanto que com iso e com o que eu dise a fernão daluarez que disese a sua alteza em maneira de lhe palrrar me dise a comdesa que ja oje ouue grande deferemça em seu tracto e despois diso eu falei a sua alteza beem larguo tudo o que me parece que se podia dizer do que vos ella deue e do que o emperador devia a voso pai e a vosa alteza / e finalmente lhe vim a falar na materia daquelas molheres¹ da maneira que eu darei conta a vosa alteza o mais em breue que eu poder com minha dispusycão e ajmda que nõ seja tão jnteira como seria necessario creio que o farei cedo / pareçeme que com aajuda de noso senhor e com o que a duquesa despois tambem tornou a falar que tudo se fara a seruiço de vosa alteza / eu estou mui contente da Reposta que achei na senhora Imperatriz porque a sustança e as palauras me contentou muito / e foi beem largua a Reposta e muito aa minha vontade e asy em huũ caso como em outro que eu veria como o ella fazia agradecendome muito tudo o que lhe dizia porque eu lhe toquei muitas teclas e que se lhe eu nõ disera tam larguo meu parecer que ella trazia preposyto de mo preguntar em muitas cousas e que me Roguaua que quaes quer cousas que me a mym pareçese que ela la devia fazer que lhas mandase dizer ou escrenese porque ela folguaria muito com meu conselho em tudo / tambem pelegei huũ pedaço com a comdesa por alguis modos mais asperos e mais secos que tinha do que me a mym pareçia que devia de teer metendolhe algumas ameaças de que me pareçia que nõ po-

¹ Estás «molheres» eram a «condessa e dona lianor» no principio da carta mencionadas. A condessa era D. Angela Fabra, condessa de Odemira, camaroira mor da Imperatriz; e dona lianor era D. Leonor de Castro, filha de D. Alvaro de Castro, do Torrão, donzela da Imperatriz e futura mulher de S. Francisco de Borja.

deria escapar se aquella maneira leuaua e que seria cõ Razõ tambem fiz grandes a Rengas a dom Joan seu filho que me parece que entende isto mui beem e a maneira que se devia de teer asy que me parece que louuado deos o neguotio esta em boõ ponto e quanto a isto vosa alteza sera seruido / tambem o conde de vilanoua me deu parte do que lhe vosa alteza mandou aqerca do que avia de pasar na Raya e o senhor infante dõ Luis tambem o comunicou comigo perante o senhor infante dõ fernando e despois perante esas pessoas principaes que aqui veem em que ouue algumas altercações que erã diferentes em fim deilhes huõ par de talhos com que todos ficarõ contentes e se fara tudo a serviço de vosa alteza segundo espero em deos e os de castella me parece que veem de mui boõ preposyto e mui cortes e beem mydlidos / eu nõ estou em dispusyção pera fazer mais do que a vosa alteza escreui / de beijar aqui as mãos a suas altezas e tornar-me e ajnda aguora que esta faço estou beem mal tractado porque por poder fallar aa senhora imperatriz me colheu a nocte la e despois dom pedro laso me fez estar ao seu casamento com que estou que me nõ poso bullir / mas com aajuda de deos eu farei pouca mingoa segundo aque vai muita gente / as outras cousas que se pasarõ me remeto a fernão daluarez que escreuera a vosa alteza porque alguãas dellas nõ he beem que eu nellas toque e tambem por seerem parte de minhas profecias peço por merçe a vossa alteza que ajnda que me ache verdadeiro nellas nõ me mande poher a porta da see porque nõ nas diguo por ninhũa feitiçaria senõ por cuidar muito nas cousas de voso serviço e as olhar sem afeição / noso senhor a vida e Real Stado de vosa alteza guarde e acreçente / de elvas a bj dias de feureiro de 1526.

De letra do Duque: — Foy tã grande esta mudanca que se fez cõ a fala da duquesa que dona Iyanor corou todo dia verdadeyramente creio que se . v . a . estjvera ca majs perto donde a duquesa pudera yr estes dias pasados que por mão da duquesa se acabara tudo sem contendas // as Reajs mãos de vosalteza bejjo Ho duque

Sobrescrito: A elRei meu señor.

Corpo cronológico, part. I, maq. 33, doc. 85.

III

Carta do Marquês de Villa Rial a D. João III

Badajoz, 8 de Fevereiro de 1526

Senhor — no camjnho de momforte para eluas chegou Luis afonso e me deu hũa carta de vosalteza per que me mandava que visytase a senhora emperatriz de vosa parte e lhe desse a carta que vosalteza lhe emviaua / e logo me cheguey as amdas em que sualteza vinha e a visytesy de sua parte com aquellas palavras que vosalteza mandava e lhe dey sua carta / com a quall vÿsytaçã e carta de vossalteza a emperatriz vosa jrmã rrecebeo tanto prazer e se alegrou tanto como se ouuera muitos tempos que nõ tivera sabydo novas de vosalteza e ajmda lhe certifico que se lhemcheram os olhos daguoa / Respomdeo que beyjavas mãos de vosalteza por aquela vysytacã e merçe e que ella tanto que fose em badajoz rresponderia a carta de vosalteza // e por que vosalteza me manda que de tudo lhe de conta e pollo miudo nõ deixarey de começar no mesmo camjnho de monforte a eluas omde vieram embuçados o camjnho todos esses castelhanos que aquy estam / tirando os tres pryncipaes todollos outros comdes e fidalgos nõ ficou nem hũ que nõ viesse e vinhã em cadrilhas chegavãse has amdas e ajmda de tã perto que nos parecia sobejo faziã mesura com os sombreiros ou chapeos na cabeça / olhavã a senhora emperatriz vosa jrmã e tornavã a pasar e ajmda que vinhã embuçados os gabos e lóviores que deziã erã muy pubricos e que todos ouviamos / e eses que se haviã por galantes e de las damas tam bem has hiã buscar / e vinhã asy embucados apar dellas dizemdo requeros bem de notar segundo me despoys comtarã os que hos ouuiam asy viriã na companhia ate eluas omde muitos delles dormirã e andarã correndo has estacões das pousadas / hũ delles era o comde dom fernando damdrade / este me mandou dizer em se partimdo gramdes chocarrarias de quã contente lya por que era portugues de como certos castelhanos que cõ elle forã embucados a minha pousada acharam / que eram o comde de cifuentes e de monterrey / a ysto lhe Respomdy agravandome delle yr mostrar mjnhas pouqujdades a nyguem e que ca me pagaria emtrar nella sem querer que ho eu conheç[sse] para o servir ao menos cõ a boa vontade pois a obra nõ podera ser tall / a emtrada deluas vierã tam bem dom françes e hũ perico da alla que elles tem ca por muy graciosso e elle he o da marca de dõ françes / o outro dia esteue a emperatriz vosa jrmã em eluas por que foy asi craro pedido pelos embaixadores despoys que virã que Re-

moques lhe nõ aproueitavam e nõ quero leixar de contar poys se pode daquy julguar a maneira de que são tratados os castelhanos dos framengos / que em todos aqueles castelhanos que vinhã embucados cõ quamto se dezia aquelle he o comde tall e aquele e tall fidalgo laxao nõ fazia mais conta disso que se forã senhos mocos de esporas e ajmda me parecia que lhe pesava e em dizendo que vinha aly çessar embuçado estribeiro pequeno do emperador ficou desatinado de prazer e nõ se pode ter daluoroço que logo o nõ fõse buscar / deluas sayo muita gente ajmda que era em muitas quadrilhas e doliuemça veo tã bem muita / e junto da casa omde foy deçer a senhora emperatriz a estava esperando o duque de bragamça / e lla na camara omde a senhora emperatriz avya destar a duquesa sua molher / ontem terca feyra se foy laxao e joã destunhegua vierõ estes grandes a qui a Raya para praticar sobre lla entrada doje e depois o forã comunycar aos senhores infantes vossos jrmãos // e a entrada aquy da senhora emperatriz foy polla maneira que aquy direy a vosalteza asy pollo miudo como mo mamda // a quarta feyra as dez oras partyo delvas vosa jrmã com os infantes vosos jrmãos e outra muito grande companhia de gente de vosalteza que aquy fomos juntos e toda gente cõ eses milhores atavios que traziã foy mandado dizer aos castelhanos que nõ pasassem a ponte de caya ate que lhe fose recado de ca dos senhores infantes vosos jrmãos / e ysto para se dar lugar que a gente de ca se posese em ordem e se fazer hũa praça por onde os castelhanos podesem vyr / e foy fernã daluarez diante a ver o lugar que para yso seria mays conveniente e achou ho apar da ponte de caya dentro ajuda nos Reynos de vosalteza por que os castelhanos leixarã yso a desposycã do que os senhores jmfantes vossos jrmãos ordenasẽ / antes de chegar aly decesse a senhora emperatriz das andas e subyose em hũa mula que levaua a destro servimos cõ has tavoas o comde do vimioso e eu / chegando ao lugar omde avia de ser a entrega fezse hũa muito grande praça e todos trabalhamos nyso o que podemos fezse muy em ordem e como compria a voso serviço / mandarã os senhores infantes dizer aos castelhanos que podiam vir / os quaes estavã da outra parte da ponte todos juntos / e a cantidade da sua gente era em muita cantidade menos que a de vosalteza / comecaram de vir e entraram naquella praça que estava feyta / acavallo omde nos a nos parecia que aviã ja entrar apeyados / entrou primeiro a gente do duque de bejar e tocarã suas trombetas e ataballos e charamellos e a mea praça se apeyarã e nesta gente que se chama do duque de bejar veo o comde daguyllar e dõ Joam alonso o quail trazia hũa capa douro de martello que eu mafirmo que se nõ comteitarã de a levar os filhos de quarte tristão /

e vinhã tã bem outros dous fillos do duque de medina jrmãos do dito dom joã alonso / e outros biiij^o ou x fidalgos e todo outro escudeiros que vijnhã cõ elle v[i]erã tã bẽ beijar a mão a senhora emperatriz de maneira que elles trabalhavã bem por amostrar a gente que trazia / e cõ tudo yso nõ amostravã cousa que nos espantase senã a fialdade delles que era tamta e ho desar das pessoas que eu avya medo que estevese ha senhora emperatriz desconfortada / apos ysto entrou a gente do arcebispo e deu mostra com xxiiij^o moços da camara acavallo vestidos de pelotes de gyrões de damasquo cremisim e veludo cremisim / e apos estes vierã tam bem em mostra hũas amdas suas de veludo preto / e estes pasarã polla praça sem se apearem / entã veo a gente sua apece e crea vosalteza que os mais delles duñs e doutros erã muito desafeiçondos e perem huñs outros easy polla mayor parte trazia Roupões de seda e apos esta veo outra gente menos que a destroutos que deziã que vynha cõ o duque de Calabria e porem estes me parecerã algũ tanto melhor apesoados e tã bem com seus rroupões de seda alguñs delles / ho arcebispo trazia tã bem trombetas e ataballes e charamellos / e o duque de calabria nõ trazia nada disto / senã diserãme que trazia hos do emperador mas eu nõ hos vy / apos estes vierã o conde dõ fernando damdrade e o de cifuentes e o de monterrey e o bispo de palencia / lla ao caminho foram tam bem dar mostra hũs biiij^o ou x pajes do duque de calabria em cavallos saltadores / e quando vy esta mostra destes moços veo me lembrar a deferença que ha de portugall a das outras partes / que leuo eu xxiiij^o mocos da camara acavallo / os quaes nõ hã de cavalguar nem parecer omde eu for / senã lla se vão diante ou detras cõ o meu veador e ysto dise por que nõ he gabar a mjm senã ao escoymamento de portugall e apos estes que nomeey vinhã o duque de calabria e ho arcebispo e duque de bejar todos tres juntos e apearamse mais perto que os outros e o duque de bejar primeiro beyjou a mão e tornou a cavalguar e entã veo fallar aos senhores infantes chegandose muito e abaixandose / e destes castelhanos muitos delles vinhã a pee a beyjar a mão aos senhores infantes / e apos o duque de bejar veo ho arcebispo e vynha vestido como cardiall de vermelho e ha vestidura de Ryba era hũa roupa de damasquo cremisim forrada de martas e roxete de baixo e barrete vermelho e guarnymientos e como beyjou a mão a emperatriz cavalgou e a cavallo veo fallar aos senhores infantes / nõ se achegou muito nem se abaixou muito porem disse deme lla mano sem fazer porem nem hũa inerinacã pera yso / apos este veo o de calabrea depois que beyjou a mão tornou a cavalgar e falou ao senhor ynfante per compaso e como quem vynha cõ o temto nyso que nom lhe tirou majs

o barrete nem se abaixou mais do que o senhor jmfante fez a ele / nem lhe fallou palavra nem hũa majs que asy esta mesura desta feição / como se ysto acabou estava andre pirez a pe e tâ bem estava laxao e joam destunhegua a pe / dando a conhecer ha gente a senhora emperatriz / foy andre pirez pedir o poder e elles tinhã se e nõ no davã e deziã o snr jmfante ho a de pedir / tornou em tam o senhor jmfante a chamar andre pirez e mandoulhe pedir o poder em tam ouverã que chamara o senhor jmfante andre pirez e mandallo ha elles que bastava e deram o poder / o quall mandou vir o duque de calabria por hũ criado seu velho / e andre pirez ho leo alto / e no poder nomeava o duque de calabria jlustre duque dõ fernamdo / e ho arcebispo o muy reverendo em cristo padre e o duque de bejar nõ dezia mais que dõ aluaro destunhygua duque de bejar / e nomeavaos por seus embaixadores e que os avya por seus embaixadores para ysto e ate yrem a elle / e tam bem vinha no poder laxao e joã destunhygua / lydo o poder os senhores jmfantes se despedirã da senhora emperatriz e em se o sr jmfante acabando de despedir chamou o duque de Calabria e lhemtregou a redea / o quall a tomou cõ o barrete na mão / foranse entam os senhores jmfantes sayome eu cõ elles ate os poer fora da gente / e daly me espedy de sualtezas e me torney a senhora emperatriz que achey ajnda no propio lugar e o duque da hũa parte e o arcebispo da outra e o duque de bejar estava apar do duque de calabria e como eu cheguey faloume e pasou se pera outra parte do arcebispo e o duque de Calabria fez tâ bem querena de se rroguar comigo / eu fiz toda sobegidã de cortesya que me pareceo necessaria e asy primeiro ao duque de bejar como despoys ao duque de calabria he despois por que me pareço que jrme muito dište nem detraz em tall tempo afastado da senhora emperatriz e desviarne da pratica delles pareçeria pesadumbre e pontos sobejos que eu nesta jornada tanto ey sempre desculsar fiquey me daquella parte do duque de calabria e ahy hia seruindo ha senhora emperatriz ajudando algũas vezes a pratica que elles queriã ter tudo de prazeres e alegrias conforme ao tempo / e quando chegamos a ponte por que era estreyta leixou ho arcebispo o duque de calabria com a senhora emperatriz e veo se para mĩ e veo me dizendo lououres da senhora emperatriz e eu tâ bem ajudando e quamto ysto sempre desejara e quã verdadeiro seruidor era de vosalteza e eu lhe dise que vosalteza o tinha asy por muy certo e que elle vollo devya pollo amor que vosalteza lhe tinha / e que eu lhe trazia vosa viaytaçam e carta a quall despois lhe daria como o tempo dese lugar tirou o barrete e que beyjavas mãos de vosalteza por tanta homrra e merce pareçe me homem darrezoadã discrição e de boõ temto e

segundo me parece prezase de cortesão e na verdade milhor modo tem diso que estes outros despois de pasada a ponte nõ se queria elle tornar a senhora emperatriz mostramdo que se arredava de cerimoniaes e lugares homrrados e dezia que ho camsavã mais que aquella sua Roupa vermelha / pedindome que o leixase yr aly falando comigo pedilhe eu por merçe que se tornase que tempo averia pera o eu servir e buscar / que aquelle nõ era dia pera elle leixar a senhora emperatriz foyse elle emtam / e o duque de bejar que hia daquella parte veose a mĩ e viemos falando mostrandose elle muy grande servydor de vosalteza / tã bem lhe notifiqey do rrecado e carta que de vosa alteza lhe trazia e lhe daria como ouese luguar tirou o barrete e que beyjava as mãos de vosalteza por esta homrra e merçee / e me dise como elle disera a pero correa quanto desejava este caso e que seria bẽ entemder niso / e como outra vez por secreto mandara certo aviso a vosalteza e mostrandose muy grande voso seruidor trazia hũa barba muy grande que diz que agoura ha de fazer e vynha a gineta cõ cabecadas longas e alcaladas no cavallo de Retros vermelho / antes demtrar a outra ponte do diana sayrã os Regedores da cidade a beyjar a mão a senhora emperatriz vosa jrmã vestidos de Roupas de cetim cremisim forradas de veludo preto seriam xiiijº omens e fezerãlhe hũ delles hũa falla pequena / a senhora vosa jrmã Respondeolhe que lho agradeçia muito foramse asy a pe cõ ella e cesar tã bem cõ has rredeas / antes que chegassẽ a porta da cidade aly tomarã estes rregedores destas rroupas cremisim o paleo que era de tella douro forrado de cetim cremisym cõ has coroas do emperador borlladas nelle e metese nelle a senhora emperatriz soo e diamte esses grandes que com ella vynhã e fomos asy diamte della / o duque de calabria e ho arcebispo e eu da parte do duque de calabria e o duque de bejar da parte do arcebispo e Laxao da minha parte e Joã destunhegua da do arcebispo e duque de bejar e nõ he para mesqueçer a maneira de que o duque de bejar trata a Joam destunhegua que lhe chama Joã destunhegua sem nenhũ outro capello dembaixador e mandao diamte cõ Recado aos alcaides que metã a gente em ordem / e emtramos pela porta da cidade e com quanto era de dia avya hy muitas tochas e molheres e mininos mandavamlhe dar gritos / avya hy hũa fulya portuguesa que parecia milhor que tudo foy asy ate a see / omde estava esperando com a crerezia e rreliquias em que estava hũa cabeça de santa emgraçia trazia has Reliquias o bispo de palença e a porta estava posto hũ citiall de brocado chegou a senhora emperatriz e beyjou as Reliquias e despois foy fazer oraçã ao altar mor omde as orações e bemcam do bispo durarã hũ boõ pedaço e avya hy cantores

bóos que Respondiã / disseraume que erã do arcebispo de toledo daly cavalgou e ao deçer decemolla nas tavoas ho duque de bejar e eu e rrogamos nos sobre a cabeça e amcas da mulla e elle nõ quis senã todavya tomar has amcas e eu ao tornar a sobir na mulla fiquey hũ pouco atraz por que o duque de bejar era diamte e estava a cavallo quando me cheguey / e achey que tinhã para poer na mulla a senhora emperatriz çesar e hũ ererigo / e a senhora emperatiz estava hũ pouco pejada de tomar as taboas o ererigo e cheguey eu e tomeyas e disse que vosalteza nõ me mandava aly senã pera seruir e da outra parte comigo çesar e segundo vy pareceme que ysto nõ se faz ca polla calidade das pesoas como se lla faz por que eu vy despois a cesar dizer a hũ dom rrodrigo que vynha detraz de mĩ que estava ordenado per as tavoas cõ elle cesar e que nõ viera queixamdose cõ elle / da ly se veo a senhora emperatriz para suas pousadas tinhamlhe feyto hũ arco a que elles chamavã triumphall no caminho e deçeo em suas casas e daly se forã eses senhores has suas pousadas / eu fiquey lla ate que todollos castelhanos se foram acompanhando e seruiudoa asy como vosalteza mo manda / sualteza me mandou esa carta pera vosalteza e esa outra pera Raynha minha senhora / e ysto he o que ao presente hay que escprever e o mais eu ho digo a vosa alteza nesa outra carta que lheseprevo / noso senhor a muito Reall pesoa e estado de vosalteza guarde e a crecente ã mayores Reynos e senhorios beyjo has Reaes mãos de vosalteza / de badajoz oje biiº dias de fevereiro de 1526.

De letra do Marquês: cryado feytura e vassalo de vosalteza.

Ho marques.

Sobrescrito: A elRey meu sôr.

de novas

Corpo cronológico, part. I, maç. 33, doc. 89.

IV

Carta do Marquês de Villa Rial a D. João III

Badajoz, 8 de Fevereiro de 1526

Senhor — quanto ha estadaquy da senhora emperatryz nõ douvydarey que seya mays devagar posto que laxao me diz que ha de ser segunda feyra a partida creio que dyz ysto fazendo fundamento que ate entam uyra recado mas o arcebyspo de toledo he duque de bejar me disserã que nõ podjã daquy partjr sem recado e quanto a yda de seuylla esta haynda muy duuydosa o duque de calabrya he arçe-

criado e feitura e uasalo de uossa alteza

ho marques

de seu seruyço.

Toda da letra do Marquês.

Corpo cronológico, part. I, maç. 33, doc. 91.

* Duas palavras que não entendo.

V

Carta do Marquês de Villa Rial a D. João III

Badajoz, 8 de Fevereiro de 1526

Senhor — despojs das outras cartas escriptas me uco uer o conde dom fernando e deume conta que ordenauã estes grandes que ele fosse o emperador pola posta / a tomar com ele termo çerto em sua uynda ha emperatriz uosa yrmã porque temem djlatarse porque ele nom quer uyr senam os negocios de frança acabados e neles ha ynda muito que fazer pryncypallmente no modo da entrega porque os franceses nõ querem que uenham os harefens sem ser la prymejro elrey e ho emperador nõ quer soltar elrey sem os outros serem prymejro em castela. e porque esta uosa yrmã dyas sem seu marydo parece desestyma sua ueya uosa alteza o que manda que nysto dyga ou faça noso senhor a real pessoa e estado de v. a. garde e em mayores senhorios acrecente beyyo as reaes maos de v. a. de badayoz ha biiij de feureyo de 1526.

ho marques

*Sobrescrito: a el rey meu senhor
Toda da letra do Marquês.*

de seu seruyço.

Corpo cronológico, parte I, maq. 36, doc. 23.

VI

Carta do Marquês de Villa Rial a D. João III

Llerena, 22 de Fevereiro de 1526

Senhor — por heste coreo de v. a. receby tres cartas suas he beyyo as reays mãos de uosa alteza pola merçe que me faz em se contentar da maneyra em que qua ho syrvo / que haynda que os seruyços forã muy mayores so ho contentamento de uosalteza he pera mym o galardam deles / ha carta de uosalteza dey a senhora emperatriz uosea yrmã he a nyssyter de sua parte asy como me mandou / cõ que foy sua alteza muy halegre he disse que lhe beyyaua as mãos pola merçe que lhe nyssso fazy e que pera o seruyr estaua muito bem e que a carta de uosa alteza ela responderya he asym o fez nessa que a uosa alteza mando / que me deu que lhe enuyasse / e

crea uosa alteza que eu lhe conheya tanto dessejo de uer carta de uosa alteza que de tardar regebya payxã e per duas uezes me preguntar espantandosse que serya tardar tanto este coreo que de qua fora / eu lhe dezya que serya polas muitas acupaçoees de uossa alteza / e nã por muito nũ desseyar saber sempre novas dela poys era das cousas que mays me mandou hera que sempre lhas enuyasse / quanto hao que he passado despojs da deradeyra carta que escreuy ha uosa alteza que foy per dõ gareya dalmeyda de tudo lhe darey aquy conta asy como me manda / partindo a senhora emperatryz de badayoz chegou ha ela ho camynho dõ yoaõ destunhyga que a uynha uyssytar da parte do emperador he cuydando nos que ele trazya a certydã de sua uynda / trouxe tanta yncertydã como ha em que agora estamos ha emperatryz trazya no mays de carta de vyssytaçã he a seus embayxadores mandado que a senhora emperatryz fosse vya de seuylla cõ as mays uagarossas yornadas que pudesse ser / cõ fundamento de a ele poder alcançar no camynho se os negocyos de la lhe desem a yssso lugar / he loguo em o dõ yoaõ destunhyga se apartando das amdas se apartarã cõ ele em roda no campo esses cynquo hembayxadores que haquy ha do emperador / e fyquarã em roda no campo falando cõ ele / e day ha hũ pedaço alcançarã a senhora emperatryz e day se apartarã cõmyguo ha me darem conta do que ho emperador ordenaua / heu lhes djsse que nũ se podya deyxar de dyzer que era muy bem que a senhora emperatryz fizesse o camynho que seu marydo lhe mandaua e que uosa alteza asy ho auya dauar por bem que o ela fizesse poreu que se eu fora do conselho do senhor emperador que eu lhe dissera que se tynha neccessydade de estar hem toledo que se podya muy bem escusar o trabalho de yr a seuylla que a emperatryz era sua molher e que os negocyos seus dele tambem erã dela e que nũ vinha qua pera lhas estorvar senã pera cuydar neles cõ muito ssysso que lhe deos dera e cõ muito djnheyro que lhe vos dereys he que portanto que nũ sabya porque a nũ mandaua yr a toledo que uosa alteza quando a mandareys dalmeyrym cõ esta determynacão fora dela la yr se o emperador nũ houesse tã çedo yr a sevylla / mandando porẽ sobre tudo que se fizesse o que eles nyssso ordenasẽ poys a eles a mandareys entregar por vrtude do poder do senhor emperador / e que se pola uentura o emperador estava e algũa obrygacã dalgũa promessa a seuylla sobre yr la cassar bem se poderya djzer que quyssera a senhora emperatryz hyr em romarya a nossa senhora do gadalupe e day que poderya djzer o emperador que achandose tã pertõ nũ podera deyxar de a mandar la yr e que pola uentura serya ysto bõ pera desculpa cõ sevylla se

lho lhe nõ compria por agora hyr e porê que a ordenação do camjnho a eles tocava que eu yrya serujndo he acompanhando a senhora emperatryz por onde eles mandassem que vossa alteza asym mo mandara / ao arcebyspo de toledo pareçoilhe ysto muy bem , e asy o duque de beyar / e desseyarãno e os outros todos nõ heram muito fora dysso / porê asentarã que ela fosse vya de lherena que nõ se torcyra muito e que o comonyqaryã o emperador e que se ouuesse por bem daly sse farya despachar sua alteza João destunhyga de alondraleyo que foy a segunda jornada de badayoz he a este alondraleyo que he o prymeyro lugar do mestrado de santayago a ueo receber o gouernador do mestrado na prouyncya de lyã que he hũ parente do conde de cabra a festa do lugar nõ foy muito pera contar porque nõ herã mays que dos menynos do lugar cõ canyssas uestydas sobolos pelotes que parecyã mays da myssyrcordja que da festa / he bradanã byva el emperador y la emperatryz // ha o ontro dya que sua alteza daly partyo ordeney de dar no camynho a carta de uyssytaçã de uosa alteza o arcebyspo de toledo / he a outra yornada o duque de beyar / porque eles nõ me vyeram vyssytar porque dembayxadores do emperador esperavã que eu ho fyzesse / he eu de uoso embayxador e majs estrangeyro tambem me parecyra mais rezão eles ho fazerê e asy nos nõ uyssytamos pryncypalmente polo eu asy trazer por uosso regymento todos essoutros castelhanos nõ semente me uysytã mas mantê he ymportunã porque nõ ha nunca remedjo pera os tyrar de mynhã casa senã da mea noyte pera vante / asy que por ysto me pareceo bẽ pelo camynho dar os recados de vosa alteza a estes porque tambem no paço nõ hauya ay lugar porque o tempo que vele estã he sempre co a senhora emperatryz vosa yrmã ao arcebyspo de toledo dey prymeyro a carta he recado de vossa alteza segundo per regymento de vossa alteza trazya recebeo por muy grande honra he merçe qerendome tambem mostrar a mym que estymava uosa alteza lhe mandar aquela carta e palavras por mym e que haynda que vosa alteza agora lhe fyzesse aquela merçe de graça que ao djante ele esperaua bem de o seruyr he merecer posto que nesta parte do casamento da senhora vossa yrmã ele me nõ qerya negar que vos tynha seruydo e quys se me entã fazer sabedor das coussas he negocyos do emperador / dizendome que ho emperador lhe dera parte deste casamento antes que qa mandasse laxao e que ele lho aconselhara dizendolhe os ynconuenyentes que auya no dynglaterra e que tanto procurara ysto que a muitos parentes seus fyzera açeytar precoratoryas de vyilas he cydades pera o reqeryrê ha ho emperador e que antonyo da fONSEGA seu tyo sendo pessoa tã pryncypal ele lhe fyzera aceytar

precoratoryo dñã cydade pera tambem ho requeryr / e djsseme que a este cassamento todolos framengos forã contrayros tyrando laxao que auya de vyr a yssso e me djsse que laxao a yssso fora loguo mandado / e djsseme mays em todas estas cartas em reposta a vosa alteza e pera que eu lhes escrevesse que a senhora emperatryz se auya dauar por djtosa em achar onrra desseyada de framengos porque o mordomor que hya a bergonha he o grã chanceler que hya a ytalya e que lhe parecyã aynda que hya agrauado / porẽ nõ uay ya segundõ oye contou laxao e myngoal nyssso, hya napoles / he que ele sabya que ho emperador estava muy determynado em descansar muito cõ ha senhora emperatryz e lhe dar muita parte de seus negocyos / he que descansasse uossa alteza que ele ha auya de seruyr muy ynteyramente asy como lho uosa alteza mandava / entregandosse de todo o seruyço de vosa alteza / ho duque de beyar dey a carta de vossa alteza na outra yornada e lhe faley de sua parte o que me mandou / este arecebeo tambem por mym grande onra he merçe he falou cõ menos oratorya porque o de toledo prezasse dela e tambem me pareceo o de beyar ã pouquo mays remoto das coussas do emperador e porẽ he omẽ de bem e de boa arte e mostrase muy grande seruydor de uosa alteza e nõ deyxa de alegar muy craro por hobrygaça que nas gerras passadas sempre ser certo fora cõ portugal e que ele era muy grã seruydor de vossa alteza e que asy o serya da emperatryz e que quando agora o emperador o qa mandara conquanto avya tã pouquo que vyera cõ ha raynha mynha senhora que ele se nõ quysera escussar djsso e lho tyvera ã grande merçe e que ele djsse muitas vezes o emperador que nõ lhe convynha cassar senã cõ esta senhora e que agora lhe tynha escripto quantas graças deuya de dar a deos pola pessoa que ela era / e por aquy grandes offerycymentos he teuera; ...¹ desta merçe que lhe vosa alteza fyzera esta carta he embayxada que lhe mandara por mym / he ambos cada hũ por sy se me desculparã muito de me nõ terẽ hydo uyssytar e que loguo o faryã mas eu tenho sabydo polo conde dõ fernando e cuydo haynda que eles lhe deuyã pedyr que me dyssesse que eles se gardã pera despoys que forẽ co emperador e deyxaẽ ha embayxada / o qual conde dõ fernando que vossa alteza qer saber de sua yda ao emperador nõ foy porque os grandes o quysserã mandar he laxao o desvyou e dyz ele que foy por medo dele requeryr a comenda mor a qual o conde dõ fernando dyz que se lha nõ derẽ que se yra pera sua cassa e que nunqa mays vera o em-

¹ Palavra ininteligivel, como todas as mais substituidas por pontinhos.

perador he ele cuyda que tem agora algũ tempo porque se ho emperador passar em ytalya cuyda ele que lhe he la necessaryo e sobre esta passada do emperador em ytalya falã eles qa a medo que ho emperador se as coussas de frança se poẽ em obra como esta contratado que passara prestes / he o arcebyspo hũa destas yornadas me foy todo o camynho falando nyssso dezendome que se tal fosse o que ele crya que serya se bem fose ho emperador / que uosa alteza deuya muito de olhar da mancyra que deuya fyqar a senhora emperatryz vosa yrmã porque de mays de lhe fyqar o governo de castela havya mester que os dñheyros de castela ela os gastasse no governo dela e nõ nos mandar fora pera cõ poder soeter seu estado que serya caussa doutros alevantamentos como os passados desse yãdo muyto de crescer todos que cõ ela fycasse pera ha aconselhar / mas o que qa parece he que a pessoa que se tal fose deyxarya cõ ela por pryncypal serya este duque de calabrya porque nõ ha daver de ho levar ẽ ytalya / a carta que vosa alteza manda pera ele e seu recado lhe darey amenhã e sey que ade ser cõ ysso bem alegre e se ele sabe das outras eu lhe farey crer que ho deyxey a ele pera deradeyro por mays onra / poys esta vem da feytura das outras e se me parecer que nõ sabe das outras nõ lhe falarey nada nyssso / tambem qero dar conta a vossa alteza de como ha emperatryz mandou vysytar a raynha de frança he o que nyssso passou os embayxadores lhe dysserã que o deuya fazer ela me preguntou meu parecer eu lhe dysse que me parecia que o devya fazer saber a vosa alteza e fazer nyssso o que vos a vos pareceesse asy como hũ tudo sempre deve fazer / e lhe dyse mays como vosa alteza a mandara vysytar por mym estando ẽ parte onde eu pudese fazer sã me aredar muito do seruyço de sua alteza pera que vossa alteza me qa mandara e que porẽ conqanto a mandaveys vyssytar por mym no casamento lhe nõ mandaveys falar nada porque esta raynha fora molher de voso pay he seu dela e que na vyssytaçã do casamento seu se avya de ter outra temperança por este respeyto pryncipalmente em quanto ela o nõ mandava notefyqar / fyqou sua alteza de o nõ fazer sã parecer de vosa alteza e que aquy a ela vier deternynarya se o escreuerya ela a vosa alteza ou se lhe escreuerya eu haqy na lherena / tornou-me a chamar e dysseme que os embayxadores lhe dysserã que o emperador lhe mandava que fizesse esta uyssytaçã e que por ysso nõ podya deyxar de o fazer e asy he porque os embayxadores tambem me falarã se a eles eu nõ podya falar nesta materya asy craro como a senhora emperatryz e pasey tudo por dyzer que era bem que ẽ tudo fizesse a senhora emperatryz o que o senhor emperador ouvese por bem qanto mays co ha raynha a que ela tanto amor

tynhã e por tantas rezoens porê que o casamento que nõ sabya se se podya ya aver por feyto pera requeryr vyssytaçã todauya apertarã tanto que a fez a senhora emperatryz he mandou la dõ francisco o fylho de dõ nuno / qanto o que vossa alteza quer saber da determynaçã do emperador eu nõ quys despachar este coreo de vossa alteza ate uyr coreo do emperador o qual veo omte e o que traz e que se va a senhora emperatryz a seyllha porque ele determyna de nõ se uer cõ ela he arceebber ê nenhum destes lugares senã ê seuylla e manda que a ela se faça arcebymento he que ele entrara despoys de noyte / parte sua alteza daquy hamenhã as yornadas que leva sã amenhã a gadalauar ay ter sabado dya de sã matyas e mays ho domynguo day vay de yornadas de tres ê tres legoas ate qantylhena que he hũ lugar cynqo legoas de seyllha aly parara ate saber que he prestes o recebymento daly se yra algũ lugar que seya hũa legoa ou duas de seyllha e daly entrara / eu tenho escryto antonyo dazevedo por dõ francysquo que me avysse do que for la da tardada do emperador vossa alteza tambem la per coreo seu lho deve a meu parecer preguntar / porque se ho emperador parece que tardara muito / a meu mao emtender hy havya muito que ver he olhar he aynda que seya trabalho mays he gasto meu por ysso o dyrey mays assynha se serya bem vossa alteza me mandar o emperador e quyczã lhe darya mays pressa ha o fazer vyr e que a entrega das terras que ade fazer despoys que a mandasse fazer loguo e esas doaçõs e prevylegyos e tudo ysso que per o regymto de vossa alteza vay mandado que se faça porque este he hũ casso tã novo que a mester novo conselho e novo cuydar nele / porem nada djsto nõ he pera vossa alteza determynar ate aver çerteza dantonyo dazevedo do que la vay / os embaixadores todos uyerã oye dar este recado do emperador a senhora emperatryz he eu era pressente e porque sua alteza me dysse que eles lhe avyã de uyr falar que lho tynhão mandado djzer eu lhe dysse porque sabya ya a nova do coreo que lhe deuya responder avendo por bem o que o emperador inan-dara nõ deyxando de lhe mostrar que folgara mays co a brevydade que co a dylaçã sua alteza esgarda tambem ambas estas calydades em sua resposta que nõ se pudya mays dyzer / he aynda aqertasse que laxao despoys que os grandes falaram deo a carta do emperador a emperatryz e arcebyspo de toledo pareceme que ouve por descortessya dele laxao e nõ eles e respondeo sequo hũ pouquo so e ysso tambem nõ falava eu nada / e laxao respondeo paçamente que aquylo era muy pouqa ouira sua dar ele cartas doutro omẽ a mulher cõ que ele cassara entã desfese oo rosto do arcebyspo ê rysso // daquy de lherena nõ ha mays que contar a vossa alteza

senõ que pousou a senhora emperatryz nas cassas do conde da puebla fylho de dõ pedro portocareyro o qual as teve armadas dos seus aparelhos cõ muitos bons (?) e perlya deu oye a sua alteza de servyço ña rosqa como as que fazẽ de pao do cabo douro forrada dambar de dentro e a dona lyonor de crasto ñs botõdes he dona brytyz da sylneyra hũa estampa douro / e ele he de todo posto ã laurados que he muy grande porque traz carapuça de do de pano fyno e capuz fryssado lavrado de veludo // acerqa da condessa de farã algũa payxã teve qa porẽ ao que eu posso crer nõ cõ culpa da senhora emperatryz eu tenho dyto a sua alteza qanto seu servyço he rezão he que ha onre muito e trate muito bem e alẽ das muitas rezões que pera ysso hay ha o contentamento que vosa alteza dyssso recebera que sua alteza deve sobre tudo estymar e sempre procurar sempre sua alteza a ysso me responde muito bem he que asy o faz e fara cada uez mays / de saboya veo tambem ñ vyssitador posto que das cartas lhe roubarã e uynha sẽ elas porque ele estava ã castela e mandaramlhe as cartas por hũa coreo he o coreo roubaramno // elrey de frança cassou ya cõ ha raynha e forã ele he o emperador duas yornadas ambos numas amdas / ysto he lo que hao presente qa ha que escreuer e do que vosa alteza me pergunta por me fazer merece como me acho ã castela / tyrando servyrvos ã tudo o al muito desse-yoso de mandar-me vosa alteza yr de qa çedo porẽ em quanto for seu servyco aquy he no cabo do mundo sera pera mym descanso estar / noso senhor a real pessoa he estado de vosalteza garde he acrecente cõ muy longos djas de vyda he acrecentamento de mays reynos he senhoryos beyyo as reays maos de .v a. de lherena ha xxij de fevreyro de 1526 /

eryado feytura de v. a. e seu vasalo //

ho marques

Sobrescrito: a elrey meu senhor.

É toda da letra do Marquês:

Corpe cronológico, parte I, maq. 31, doc. 154.

VII

Carta do Marquês de Vila Rial a D. João III

Cantilhana, 1 de Março de 1526

Senhor — muito nas boas oras e por muito longos annos de vosa alteza e acrecentamento de seu estado seja o nascimento do príncipe meu senhor voso filho / a quall nova asy do seu nacimiento como do alumiamiento da Raynha minha senhora nom creio que de nẽhũ outro seu vasallo nẽ criado de vosalteza foy recebyda nẽ ounyda cõ

mays alegria que de mym que nosso senhor sabe que o vosso serviço / e has cousas que vos tocam esta escripto na minha alma e no meu coração com tanto amor e fervor que ninguê me pode fazer avanteja / e pojs por ser occupado nesta jornada de vosso serviço e que vosalteza ouue por bẽ de memearreguar o nõ poso la yr visytar por mym e lhe beyjar as mãos por esta merçe que a todos nos fez / ho mando vysytar por dom antonio de noronha meu primo beyjar-lhe ey as mãos fazerme tanta merçe que por elle me mande dizer que tall esta / e asy o mando para que me traga tambem novas da desposyçã da Raynha minha senhora e do princepe meu senhor vosso filho / e polla merçe que me vosalteza fez e me notificar por sua carta esta tã bẽ aventurada nova lhe beyjo as mãos / e nõ era sã **Rezão** que a vosa alteza notificase a quẽ cõ ella tam verdadeiramente se avya dalegrar e dar gracas a nosso senhor / no quall eu espero que sera este filho pera muito voso descanço e bẽ de vossos Reynos / e para que em vossos dias elle vos ajude a ganhar e conquistar toda terra dos mouros e comprir nisto vossos virtuossos e Reaes desejos / esta nova chegou a cacalha per hũ moço da camara da Raynha minha senhora e trazia hũa carta de sua alteza per a senhora emperatriz e veose a mym primeiro e achoume e hũ mosteiro que aly avya de freyras da madre de deos ouuyndo misa / omde logo dey gracas a nosso senhor e lhas fiz dar pollas mesmas freyras e asy por capellães meus que aly estauã / e me fuy logo ha senhora emperatriz / e mandey o moço da camara diante por que alguê lhe nõ fose furtar a nova / e quando cheguey a sua alteza / achey cõ tantas lagrimas de prazer e com tanta alegria daluroço como he **Rezão** e como vos ella deue / foy espalhada logo a nova pollo lugnar acudirã logo todos estes grandes castelhanos que aquy estam e asy laxao e Joam destunhegua / e todas esas outras pesoas homrradas que aquy estã / e todos vinhã beyjar a mão a sua alteza / e darlhe ho e boa ora seja da dita nova / e depojs de sua alteza tam bem me queriã homrrar e vynhã a mym abraçarme e dizerme quã alegres estavã mostrandose muito servidores de vosa alteza / e damdome has prolfças e seu nome / e por questa nova veo estamdo a senhora emperatriz ja pera partir nõ ouue emtão majs lugar de festa e e chegamdo ao pedrosso / mandou sua alteza a esses grandes de castella que logo se tornasẽ per ella e todos se forã vestir asy os grandes como todos esses outros castelhanos / e asy todollos portugueses cada hũ dos mjlores vestidos rroupas cadeas e colares que traziã / e todos hũs e outros o mjlor que podiã / e eu crea vosalteza que de minhas gallas nõ leixey nada pera o outro dia pojs para mym este era o mayor de todos / e vime pera sua alteza primeiro e depoys

esses outros todos grandes que aquy estam e toda esa outra gente homrrada / e sua alteza sayo tam bẽ vestida e tã de festa que lhe pedy eu despoys muito por merçe que cõ aquelle vestido quese esperar lo emperador quando viesse / e asy todallas damas sayram com os mjllores vestidos que tinhã e se deu hũ serãõ asaz comprido / em que nom pode aver damças / asy polla pequineza da casa o nõ comsemtir como por que todallos cheramellos asy hos de sua alteza como hos dos que cõ ella vimos erã diamte aquy a camtelhena a se apousemtar / e porẽ fezse ã lugar de damcas outra boa festa que foy todollos fidalgos portuguezes que aquy vã ajuntaremse na mjna pousada e ã genetes muito bẽ arrayados e aparelhados / vierã diamte do terreiro das pousadas de sua alteza em escaramuça e por que hy nõ aviã canas senã laramjas muitos de rrador das casas jugarã has laramjadas acavallo o majs comcertadamente que se podia dizer / e os castelhanos estavã bein desejos e aluoracados para fazerẽ outro tanto / e por nõ ter nemhũ delles cavallo e os terẽ ja mamdados diamte nõ pode ser / mas amenhã jogam aquy has canas polla festa do nacimiento do principe vosso filho todos esses cavaleiros castelhanos que aquy a / e quã Revolto foy o jogo do pedrosso vera vosalteza ã hũ olho daluro memdez que a senhora emperatriz tẽ mandado a visytar vosa alteza e a Raynha mjna senhora / e asy o podera comtar a vosalteza dõ antonio o portador desta que nelle foy no camynho do pedroso para ca chegou amdre soarez cõ has cartas de vosalteza desta nova cõ que tornamos a receber nova alegria asy por vosalteza por suas cartas nollo notificar como polla mays confirmacã da saude da Raynha mjna senhora e do principe meu senhor vosso filho / eu a levey a senhora emperatriz que com sua vinda tornou arreceber outro novo prazer e aluoroço / e despojs disso crea vosalteza que elle foy Recceydo e festejado de mym e de todos como majs que embaixador por que se nõ podia fazer menos a quẽ tam boa nova trouxe / oje dara sua alteza aquy hũ gram seram de damcas por que estã aquy os ministros e has casas sãõ pera yso muito boas por que sãõ do arçebispo de seujlha que he ysto camara sua / noso senhor a muy Real pesoa e estado de vosalteza guarde e acrecemte cõ muito longos dias de vida e crescimento de majs Reynos e senhorios / beyjo as Reaes mãos de vosalteza / de camtilhana oje primeiro dia de março de 1526.

Da letra do Marquês: cryado e feytura hẽ vasalo de vosa alteza
ho marqes

Sobrescrito: A elRey meu senhor.

Sumario: do marqes que trouxe dõ antonio seu primo.

carta do marqes que trouxe seu sobrinho.

VIII

Carta do Marquês de Vila Rial à rainha D. Caterina

Cantilhana, 1 de Março de 1526

Senhora — louuado seja noso senhor que tanta merçe nos fez a todos nos outros vosos vasallos e criados no aluniamento de vosa alteza e nacimiento do princepe meu senhor voso filho cuja Reall naçença e vimda ao mundo espero em noso senhor que sera por muyto acrecentamento de dias e destado del Rey meu senhor e voso e para que ã vosas vidas vejaes delle ate a vosa quarta geraçã / e porque por ser ocupado nesta jornada em serviço del Rey meu senhor nõ poso por mym yr veytar vosa alteza e beyjarlhe a mão por esta merçe que nõs fez mando a dom antonio de noronha meu primo para que de mjnha parte o faça / beijar lhe ey as mãos por elle me mandar dizer de sua saude e desposyçã e do princepe meu senhor seu filho / noso senhor a Reall pesoa e estado de vosalteza guarde e acrecemte com muyto longos dias de vida e crecimentto de majs Reynos e senhorios / beyjo has Reaes mãos de vosalteza de cantilhana oje primeiro dia de março de 1526.

Da letra do Marquês: cryado he uassalo de uosa alteza
ho marques

Sobrescrito: A Raynha mjnha senhora.

Corpo cronológico, part. I, maç. 33, doc. 105.

IX

Carta do Marquês de Vila Rial a D. João III

Cantilhana, 1 de Março de 1526

Senhor — posto que na carta que escreuy a uosa alteza por dom antonyo de lronha perque o mandey uyssytar do naçymto do princepe meu senhor uoso fylho lhe dygna alegrya que com tam bem auenturada nova qa todos regebemos / nesta nõ deyxarey outra uez de tornar a pedyr a nosso senhor que este fylho seya pera tanto uosso descansso que dele ueyays tresnetos he quartonetos / he a ele faça nosso senhor tal que ynyte prymeyramente ha uos seu senhor he pay he a uosas grandes uyrtudes / he as de todoos outros grandes he uyrtuosos reys he emperadores de que deçende / quanto as coussas de qua nõ ha haymda agora nenhũa certeza da uymda do

emperador que poder escreuer a uosa alteza cada dya seus embayxadores esperã coreo he tardalhe ya he no tardar lhes parece a eles que uem o emperador / as outras nouas do canynho e yornadas da senhora emperatryz poys uay aluoro mendes que he tã boa testemunha de uysta ey por escusado contalas a vossa alteza / ha entrada de seuylla esta ordenada sabado e seuylla dyzem que se apregebe muyto / mandou a cydade uysytar a senhora emperatryz por dous regedores / a raynha germana nã uay he poussa dentro no paço estas nouas sã has que ao pressente hay ha que comtar qualquer outras que soçeder do que me pareça neçessaryo uosalteza ser auysado he asy da entrada de seuylla de tudo o auysarey asy largamente como me manda ao duque de calabrya dey ya a carta de crença e recado de uossalteza / o que recebeo ã muy grande homrra he mostra se tamanho seruydor de uossa alteza que quyssera ele ã pessoa yugar as canas e tynha os seus caualos ã seuylla e dyssc amdre soarez ontem perante mym que poys uos nã seruyra no yoguo como ele quyssera que nas menos o farya sempre cada uez que compryse a seruyço de uosa alteza e asestysse o dya da noua e asy tambem o fez o duque de beyar he day abayxo todos os outros / como mays largamente na carta que dõ antonyo leua escreno ha uosa alteza nosso senhor a real pessoa he estado de uossa alteza garde he acrecente cõ muy longos dyas de uyda he acrecentamento de mays reynos e senhoryos beyyo as reacs mãos de uossalteza de cantylhana ha o prymeyro de março de 1526.

cryado e feytura e vasalo de uosalteza

ho marques

É toda da letra do Marquês:

Corpo cronológico, part. I, mac. 33, doc. 103.

X

Carta do Marquês de Villa Rial a D. João III

Cantilhana, 1 de Março de 1526

Senhor — dando conta a vosalteza do de ca / a senhora emperatriz esta oje aquy ã cantelhana cinco legoas de seuylla esta este lugar pegado com guadalquebir / amenhã pasa aquy ho Ryo pollo nã pasar polla ponte de sevylla por que a demtrar por esta outra bamda da çidade e tã bem por a ponte ser de barcas e nã se aver por tã segura para tanta gente vay hamenhã dormjr a sã Jero-nymo hũ moesteiro hũa legoa de seuylla / por que nã pareceo que devia de ser a entrada de majs lonje / segundo a mujta detemça que

se diz que avera no Recebimento de seujlha / e sabado que são tres dias deste março enrrara sualteza cõ ajuda de noso senhor / do que pasar na dita emrrada avisarey vosalteza / noso senhor a Real pesoa e estado de vosalteza guarde e acrecente cõ muitos longos dias de vida e majs acreçentamento de Reynos e senhorios beyjo has Reaes mãos de vosalteza / de cantelhana oje primeiro dia de março de 1526

Da letra do Marquês: cryado e feytura he uasalo de vosa alteza
ho marques

Sobrescrito: A el Rey meu senhor.

Corpo cronológico, part. I, maç. 33, doc. 104.

XI

Carta do Marquês de Villa Rial a D. João III

Sevilha, 6 de Março de 1526

Senhor — Per este delRadeiro correo que omtem chegou rreçeby duas cartas de vosalteza hũa em que me dezia que se avia ca por bẽ serujdo de mjm per que lhe beyjo as mãos polla grande merçe que niso me faz por que como lhe ja eseprevy a mor satisfaçã que eu poderey desejar de meus seruicos he ter vosa alteza contentamento delles / na outra carta me manda que despeje a gente e leixe comigo somente quorenta ou çinquenta ã cavalgaduras / lembrandose das outras majs vezes ã que sespera de serujr de mjm / polla quall lembrança lhe beyjo as mãos e polla merçe que me niso faz e eu espero ã noso senhor que nunca vosa alteza se queyra serujr de mjm ã nemhũa cousa de nẽ hũa calidade que seja ã que se nõ aja por tam bẽ serujdo de mjm como ho sempre foram os Reys vogos antecessores dos que eu desçendo e porã crea vosalteza que a gente que eu ategora ca trouxẽ foy muito voso serviço e com quanto despachey muita daRaya Recrecco ca outra tanta majs que nunca semxergou que se despedira nẽhũa / agora eu me Recolherey nese comto que vosalteza manda e dahy nõ pasarey por que os seus mandados ey sempre de comprir ao pe da letra / noso senhor sua muito Reall pesoa e estado guarde e acrecente com muitos longos dias de vyda e majs crecimento de Reynos e senhorios / beyjo as Reaes mãos de vosalteza de Sevilha aos bj dias de março de 1526.

Da letra do Marquês: cryado e feytura he vasalo de uosa alteza
ho marques

Sobrescrito: A elRey meu senhor,

Corpo cronológico, part. I, maç. 33, doc. 107.

XII

Carta do Marquês de Villa Rial a D. João III

Sevilha, 11 de Março de 1526

Senhor — a raynha de djnamarqa dizem que he falecyda tem sa qa em segredo polo do casamento porem crese que esta somana se descobryra notefygo a uosa alteza qorque de tudo o de qa o ey dauysar e porem ysto em quanto qa se djssymula vosa alteza o deve de ter por nom sabydo o menos pojs o nõ tem por carta esqueço me de dar conta a vossa alteza que nas bençoões o duque de calabrya teue a vela o emperador he a condesa de faram ha emperatryz noso senhor ha real pessoa he estado de uossa alteza garde e acreçente com muj longos dyas de uyda he crecymento de reynos he senhoryos beyyo as reays mãos de .v a. de seuilha a xj de março de 1526.

cryado e feytura he uasalo de .v a.

ho marques

Sobrescrito : a el rey meu senhor.

Toda da letra do Marquês.

Corpo cronológico, part. I, maq. 36, doc. 31.

XIII

Carta do embaixador António de Azevedo Coutinho ao Conde do Vimioso

Sevilha, 16 de Março de 1526

Senhor — as uezes pasadas nõ eserjuj a uosa senhorja por que o marques da tanta presa no partjr destes correos que apenas se podê homê ualler pera escreuer a el rey e como este tenho comjguo tiue algũ majs lugar pera dar a uosa senhorja conta do que pasa e jsto nõ sera de festas por que qua nõ nas ha ate agora nõ sey se o faz ser coresma ou a pouqua uontade da gente en todas estas uodas soos tres homes uj uestidos e jsto nõ mujto auante enpero posto que jsto seja asj entre os noyuos a mujto contamento ao que mostrã e o que se diz. y homê ue. por que estã na cama ate as dez y onze horas e como sam juntos posto que todo o mundo este presente / nunqua

olhos ninguem ve ambos falam y ambos rjem que nunca fazê outra cousa espero en deus que auendo da nosa parte sustancia que poderja ualer muyto este djneiro que demos. por que ajnda que este homê seja grã choquarejro todauja ele esta muyto contente e diz que de todas as merçes que deus lhe tẽ feyto esta foy a major. asi senhor que nesta tera pasa jsto ate agora damas e galantes tudo he portugues os outros andã a uer. e na uerdade nã tem luguar. por que a nosa naçã en tudo he sobeja y ocupa lugar todo. /. preterea. o enperador esta muj satisfeito del rey noso senhor de quã grandemente o fez com a enperatriz. que lhe say pola boqua a borbolhones. e se offereçe atantanto que conprido na metade nos abastava. e jsto nã somente a nos mas a tódos o diz. praza a noso senhor que asj o conserue nesta uontade e que as obras sejam as palauras senielhantes. /. de frança senhor ate oge nã sam ujudas nouas majs que estar el rey ja junto da raja. e a rajinha em burguos. e depojs nã ueo correo. jsto pasa de nouas. pareçeme senhor com jsto dou conta a uosa senhorja de mj e lembrarlhe como o deradejro dja deste mes faz hũ ano conprido que qua sam e como tenho serujdo as obras o dizẽ. eu nã tomej djneiro de sua alteza majs do que me ele qujs dar nẽ refertej en nada. os negoços sam conclujdos que se ja me ujera procuraçã ja tjuera feyta a capitolaçã. nã resta majs sam muyto proue e deuo muyto. que se a morte me qua tomase me jrja ao inferno por que nã terja quẽ por mj paguase. sua alteza nã lhe pareço rezã fazerme merçe dando ujsẽ. eu nã me poso sustentar. ajnda que quejra seruujr nã tenho cõ que. e sobre tudo sej quanto meus pequados podem ante sua alteza e quã pouquo meus serujços. aquj amde estou pouquos djas an se de ir a grada e da hj por mjl lugares peço a uosa senhorja pojs sabe que tudo o que djguo he uerdade e uosa senhorja foy tamanha causa de mjuha ujudã que aquabe com sua alteza que aja por bẽ mandar dar conerusam nesta capitolaçã e me mande jr desta tera quando estes . . . se forẽ e que de meus serujços outra merçe nã quero. por que segundo de la me escreuẽ esta sera grã merçe por que faço saber a uosa senhorja que me escreuerã de la o que diguo. asi eu perderja majs fazenda y o tempo e njsto uosa senhorja ue quanta merçe me fara. preterea nos negoços da enperatriz. esta começado a dar ordem e somos muytos e hũ nos leua todos na mão e de maneja que o prouejto sera deste o trabalho de todos. e segundo estas aujrigaçõs sam longuejras algũas lucernas se am de extingujr que faltara o oleo in nasiis suys. hũã cousa sej dezer a uosa senhorja que o enperador nos corre a todos polo arbjtẽ. nã entro majs esta materea posto que boa por que o tempo nã no perinjte. asj mesmo faço saber a uosa senhorja que oje sesta fejra xbj djas

deste mes aquabej de despaçar ruj de frança. e lhe dej duas proujsões pera leuar a bisquaya. e nã foy majs cedo por que ele chegou sesta fejr a tarde que forã noue djas deste mês e no sabado entrou o enperador que nã se pode fazer nada. e na segunda fejr falej a sna magestade sobre jsto e na mesma segunda fejr se ofereço no conselheiro hũ proçeso que os capjtães per la fizerã en bjsquaja. o qual mandaram per hũ bjzquajno com hũa carta pera mym sem sobrescrito de manejr a que nos fez mujto grande prejuizo e fuy ao paço ao serão. e tanto que se aquabou ujme com o enperador a sua casa e tornejlhe a falar. jsto foy terça fejr a noite y ele era ja sabedor do proçeso e diseme que estaua ja este caso en justiça enpero que ele tjnha pensado hũ corte bueno. que era mandar me entreguar a nao e fazenda y eu dar fiança destar polo julgado e que ele tjnha mandado uer o proçeso no seu conselho e cõ jsto e cõ presa de ruj de frança dormj mal e loguo pola manhaã busquej fiança de ujnte mil cruzados. sem fernandaluarez. e estando pera a dar ujcramme dezer que o proçeso era remetido a dõ garçja de padjlha mandej polo proçeso e ujo en hũ credo: e pus me a comer de prazer de nosa justiça e loguo me fuj a casa de dõ garçja e dej lhe mjnha enformacãm de feyto e de drejto cõ o proçeso e pedilhe que pojs constaua de nã justiça partis que fjnalmente mo despachase sem majs fiança nẽ delongua e que posto que se requirirj cjtacã que a suprixe o enperador constito de non jure por que tudo fora allegado in partibus. e com jsto dejlhe mjnha pitiçã em meu nome e filo loguo jr ao paço ao conselho e fujme outra uez ao enperador e dej lhe mjnha enformaçã. foy sua reposta que farja o que pudese e majs en cjmã. o que uerja de manejr. que loguo naquela tarde foy sentençado fjnalmente polos do conselho. que desemos quatrocentos duquados aos bjsquajnhos ujsto como saluarã a nao e auenturarã suas pessoas e majs gujarã outras duas naos ao porto e que tudo se resjtjusse inteiramente que as merquadarjas que de outras naos furtarã que tudo fosse paguo e castigados os malfeitores etc como conpre. majs outra proujsam que nã paguẽ derejtos todas as naos. e majs que nos dê naos as justiças por nosos fretes. as que nos forẽ neçesarias. tudo jsto se fez e despachou finalmente en cinco djas por que sabado e domjnguo nã forã djas correntes. e busquej fiança de ujnte mjl cruzados e majs andej pola ejdade com o marques en enbajxada solene com duques e bjspos. quantos quiserdes. e contemple uosa senhorja se auja mjster hũ dja com o marques afora que fazemos majs conselhos que o enperador e jsto sem tomar cruzados. uosa senhorja de la ujsen y a garda a quẽ quiserdes y eu gasto mjnha fazenda e deuo ja djneiro ao conde de marjalua que majs trabalhej

por lho tjrar de quatro meses. y en ejma djsto mandarmã a rolaça e se nã for tjrarmeam o mantjimento. / . e por quanto por aluaro mendes de uasquoconçelos el rey me escreueo que seu capitã mor darmada me escreuera ja podelhe uosa senhorja dezer por me fazer merçe que per ruj de frança foy a prjmeira informaça que tjue deste caso y esta foy en noue deste mës y aquabeja en cjnquo djas sentençeada finalmente que outras çẽ mjl occupaçoẽs do marques. e jsto senhor sajba el rey que me custa majs que a djligença. que me custa bons gatos dalgalja e boas marmeladas e papagayos. e boas camjsas mourjsquas. e mandej pedjr a sua alteza hũa mesa da china pera dar ao grã chaçarel. e nã ma quis dar nẽ me rospondeo pojs tudo jsto he mjsiter pera negoços pera homẽ ser bẽ ujsto e bẽ acolhido que por mjinha ujda setenta e sete mjl rajajs as confejturas que partj qua com estes judeus e bebados. e cõ jsto me mandã as proujsões a casa antes dasinadas. y as coregẽ e emendã quantas uezes quero e se eu tjuera majs pugança eu me fora ha djas. sajba el rey [noso] senhor como o sjruo de uosa senhorja pojs começastes a fazerme merçe aquabajme. que estou so obrigaça e serujço uos poso alegar pera obrigaruos que me começastes pojs nõ tenho por onde majs serujruos.

e pojs já começe a ser larguo nesta carta djrej a uosa senhorja este artigo que a ujua pessoa nã tenho dito y he que o marques me dise a mj per ante mujtos que afora esta crenca que conjguo e cõ ruj telez daua ao enperador. tjnha outra pera soo dar e falar e jsto mujtas uezes y ante mujtos. posto que senhor aja tanta deferença entre nos enpero pera a autorjdade dos negoços nã sej que parecera estando por enbajxador auer de mj cousas encubertas. estando no mesmo lugar y auendo de saber ao outro dja. diguo jsto a uosa senhorja agora que ja nã tẽ remedio nã pera que o djgua a el rey mas pera que o sajba. perdoeme uosa senhorja escreuerlhe mjinhas querelas. por que ajnda que a uosa senhorja enfadẽ he pera mj hũ meo de satisfaça sabelas uosa senhorja.

os djas pasados lhe eseruij de çerto partjdo que juhã rodrigues mayosinho fazia de setenta mjl rajajs que la tẽ ao que uosa senhorja qua tjnha nã uj majs reposta se for cousa com ueniente. escreuame o que manda neste caso. a mj senhor de meu mantimento se me deue este mes de março. que faz hũ ano que qua sam e pera abril começa ano nouo . . . de auer uestjrja pera mij e pera mjinhas caualgaduras se nã se aquabar que me ua desta tera mande uosa senhorja prouer de tudo que majs uale que dena a el rey que ele a mj quanto majs que lho tornarej e nã lhe ejde pedjr que me faça quita. proueja uosa senhorja larguamente. tjquo bejgando as mãos a uosa

senhorja e da senhora condesa. de seujlha em xbj de março de 1526 anos.

ao serujço de uosa senhorja

antonjo dazeuedo coutinho

Sobrescrito: Ao muyto illustre e muyto magnifico senhor o senhor condê de ujmjoso.

Corpo cronológico, part, I, maç. 83, doc. 114

XIV

Carta do Marquês de Vila Rial a D. João III

Sevilha, 17 de Março de 1526

Senhor — fuy uyssytar o legado da parte de vosa alteza e lhe dey sua crença he uyssytaçã recebeo per muy grande honra uoome receber as escadas de sua poussada e ate hay tornou quando me say mostrouseme muy grande seruydor de vossa alteza e do emperador muy pouqno a meu parecer porque me preguntou se eu se avya damdar çedo desta corte respondjlhe eu que quando uosa alteza mo mandase e porê que eu crya que çedo pois o pryncypal negocyo a que vosa alteza me mandara ele fora o que ho acabara pois casara o emperador he a emperatryz dysseme que se eu algũ outro trazya que nõ sabya se o acabarya tã prestes porque os negocyos desta corte erã mays largos do que ele nunca uyra nenhũs que tres messes auya que andava nũ só e que ho nõ podya acabar / e este tenho eu sabydo que he sobre ho duque de mylã que o querya meter na paz he o emperador nõ quer / faloume mays nas coussas de frança auendo por njsso gardalas elrey de frança e que assy que ele dezya que farya bem nõ nas gardar asy que he o que eu pude yulgar ele esta do emperador muy mal contente / as novas que me contou pera mandar a uosa alteza sã que se espera este uerão polo turquo hir ê umgria ou ê çezylia ou ytalya / e disseme que la mandaua o papa pedyr ayuda a uosalteza e que ele dera as cartas a e que ele as mandara a uosa alteza por este deradeyro corco mas eu emfim nõ soube djsso parte / a raynha germana he uynda sayo ho emperador a regebela e sayo ya qassy noyte eu nõ fuy pera ele porque estaua aquel dja õ cassa e pois mele nõ mandaua chamar pareçome escussado pois tambẽ ele hya por . . . porte la detras dos paços sayo pouquo pera ela he ela ueo loguo a emperatryz despoys ha foy a uyssytar porque poussa dentro no paço nas cassas que chamã da contrataçã disselhe que uosa alteza por nõ saber que ela era haquy

me nõ dera carta e uyssytaçã pera ela mas que eu crya que uossa alteza sabendo de sua estada aquy tã perto da emperatryz uosa yrmã recebe majs dyssso muyto contentamento dysse me que ela resouera com o fylho ã que ela fose fora neste cassamento he fizera a yssso muyto efejto he aconselhara o emperador seu filho / tras muitas donas e bem feas e todo seu feyto he prazer he alegrya dyzem que cometẽ cassamento cõ ela ho duque de calabrya e que ele que se escussa pola raynha de dynamarqua toma ho emperador do segunda feyra / uosa alteza pode ya se quysser fazer nyssso a çerymonya que ordenar porque ya he qa de todo pubryquo / nosso senhor ha rial pessoa he estado de uosa alteza garde he acrecente cõ muy longos djas de uyda he mays crecymto de reynos he senhoryos / beyyo as reays mãos de v. a. de senylha ha xbij de março de 1526. cryado e feytura e vasalo de vossa alteza' ho marques
Sobrescrito: a elrey meu senhor.

É toda da letra do Marquês.

Corpo cronológico, part. I, maç. 32, doc. 10.

XV

Carta do Marquês de Villa Rial a D. João III

Sevilha, 17 de Março de 1526

Senhor — heu escreuy ha uosa alteza que ho emperador me djsse este domymguo que a segunda feyra me qnery ouuyr he asy o fez a segunda pola menhã me mandou djzer laxao que querya o hemperador que fosse as duas oras porẽ que heu nõ fosse ate ele mandar por mym uyerã sse peraquy ruy telez he antonyo dazeuedo esta mynha poussada / o emperador teue prymeyro conselho e nõ mandou por uos senã despoys das tres / emtã mandou o duque de beyar he uynha cõ ele laxao he ho byspo de canarya ho duque pera yr comymguo laxao cõ ruy telez ho byspo cõ antonyo dazeuedo chegamos o paço e gastousse muyto dja no camynho hassy por eu poussar longe como por a gente ser muita de maneyra que qando entramos na cassa ã que ho emperadar nos auya douuyr era muy tarde / ele nõ estava hay he ueo doutra cassa he ã lbe eu falando tyroume o barete muito fora nõ no fazendo da prymeyra uez que a ele chegey e ueosse encostar hẽ pe ha ãa yanela / deylhe a carta de uossa alteza habryoa he leoa / emtã mandou despeyar a cassa e mandou

uyr cadeyras sentou se ele nũa despaldas he ruy telez he antonyo dazeuedo he eu ã senhas cadeyras de neludo preto rassas e mandou por uelas porque era ya noyte as qays uyerã duas ã dous castyçaoes de prata dũa feyçã que pareçẽ destanho e forã postas hẽ hũa messa aberta cõ ã bancal de pano uerde / he deste modo de sua cassa he da pobreza dos aparelhos dela / ay tanto que dizer que ysto cõ outras muitas coussas gardo eu pera por mym o contar a uosa alteza / porque nõ se pode hacabar descreuer / comeceylhe entã de falar prymeyramente naqela parte da benyvolencya segundo no regymento de uosa alteza uynha dezendolhe qanto contentamento uosa alteza recebera de este seu cassamento cõ uosa yrmã se conerudjr he acabar e que aynda que antre uosas altezas ambos ouuese tanta lyança com tantos djuedos e cõ tamanhas obrygaçoẽs que toda outra mays parecyã que se podya escussar que per cyma djsto esta que mays se podera ayuntar as outras uossa alteza a procurara cõ aquele amor e boa uontade que ele uyra / he nesta sostancya mety as palauras mays que forã necessaryas asy pera o mays hobrygar como pera a mynha fala durar o espaço que me pareceo conueniente / despoys deu acabar de falar ele me quys responder ã forma e pareçeme haynda que quys mostrarme que ho sabya fazer / e porẽ eu tenho bem uysto nele tudo o que me ele qer mostrar e pola uentura o que me nõ qer mostrar / e tudo ysto tambem aqerqã do que de sua pessoa posso yulgar gardo pera por mym dar de tudo conta a uosa alteza / ele me respondeo muitas palauras de muita amyza de cõ uosa alteza e muito confessar qã bem ho tynheys feyto cõ ele e que essa mesma rezã de mays amyza de cõ ele posto que tanto haya ueste que uossa alteza tyuera pera ysto se fazer esta mesma tyuera ele pera o querer antes que nenhũ outro e que agora despoys de uysta ha pessoa da emperatryz tynha djsto tanto mays contentamento que confessara que deuyra muito mays ha uossa alteza e nesta sostancya tambem estendeosse ã muito boas palauras e muitas / apos ysto e apos as repyquas necessaryas que lhe fazyã dandolhe dyssos agardecymentos de parte de uossa alteza que conuynha / uym a lhe falar no que tocava as coussas da emperatryz como uosa alteza mandava ã seu regymento que nesta prymeyra fala se lhe falase a todas nos respondeo conqẽdendoas e que loguo se farya tudo conforme o contrato / e por deradeyro me disse que pera ele mylhor lhe lembrar todas aquelas coussas que auya de mandar prouer que lhas mandase por apontamento dyse eu que asy ho farya / acabada esta pratyga deulhe antonyo dazeuedo a carta de uosa alteza de notefyqaçã do nacymento do pryncype uoso fylho respondeo a ysto grandes contentamentos he asy do prynype meu senhor uoso

fylho naçer ã seu dya / que ele naçera querendo meudamente saber
 do parto da raynha mynha senhora e de como estava / e tambem
 djisse que ele vos auya bem grande enueya dysselhe eu entã que
 prazerya a deos que antes de hu ano ele mandarya a vosa alteza
 outras tays novas cõ que vos pagasse estas que lhe agora manda-
 ueys / despoys djsto lhe falou antonjo dazeuendo nas naos que se
 perderã uymdo de frandes / a prymeyra duuydou ñ pouquo dizendo
 que nõ sabya so auerya alguũs costumes naquelas partes eu estava
 calado emquanto lhe antonyo dazeuendo falava e mays ele lhe fa-
 lava tam bem que nõ havya mays que falar porẽ qanto vy ysto es-
 candelyzoume qa dentro ã mym uer que auendo tã pouço que falara
 tantas amyzades tornara ha duuydar ã tã pouqua coussa / dysselhe
 entã que nas coussas que a vossa alteza toqasẽ nõ se auya desgarrar
 costume qanto mays que se algũ costume hay auya per que to-
 masssem o seu a seu dono que sualtezã nõ me parecyã que tynha
 muita obrygaçã de o gardar ysto lhe dysse eu ryndo ñ pouquo e
 porẽ eu tyrara outros fundamentos ryosse ele tambem e djisse que eu
 dezya muy bem que ele mandarya fazer tudo o que fosse rezãõ e
 mays do que que fosse rezãõ ysto cõ muito bõ geyto e como qẽ co-
 nheçe que deue fazer por vossa alteza mays do que seya rezã / e
 dysse tambem que ele sabya que o direyto que do que se per-
 dya no mar que se dentro nũ ano uyesse seu dono que se lhe
 dese / passado ysto nõ nos quys despedyr he teuenos despoys de
 tudo ysto acabado per espaço duma ora a meu parecer / ã pratyqas
 as majs forã contarme emcontros de yusta que dera he lhe derã
 e modos de yustas e darmas delas o de torneos / despoys dysto
 nos despedyo e me tornou djzer que mandase os apontamentos
 daquylo a ele õu a laxao / fylos e mandeylhe esses que vossa alteza
 hay uera cõ sua reposta mandeylhos por fernã daluarez / teucos la
 hategora mandou consultar sobre eles ha o grã chanceler he a laxao
 he antonyo daffonseqa contador mayor he a cobos he a mestre y.^o
 alemão oye me mandou o grã chanceler per fernã dalverez os apon-
 tamentos cõ essas repostas / e porque vosa alteza manda que lhe
 mande loguo a nomeaçã das vylas que da a ypoteqa lha mando pera
 uer se delas se contenta / clas boas sã mas nõ sey se sam ypoteqa
 sofycyente pera ualia do dote he aras ysto ja le temos qa vosa al-
 teza mande se he contente de serẽ onde sam e qays delas qer ante /
 se as dandaluzya se as de castela a uelha posto que a mym me pa-
 reçe que se deuẽ pedyr hũas he outras que poys as eles nomearã
 todas pareceme que todas as conçederã qanto os uymte mjl ducados
 esses bem seguros estã per aly e por que djzẽ que se por aly nõ
 habastar que seyã polos lugares comarqaaos / porẽ na ualya do dote

he aras aquy estou eu dunyosso se valê tanto / posto que qa contã
segundo me dyzê que cada vasalo ual oyto myl marauedjs e a este
respeyto nõ sey o que montara porê tudo se sabera qa perfeytamente/
emqanto este recado vay as doaçoẽs se farã loguo he asy amenhã
se começã as aualyaçoẽs tambem é ya partydo hũ do emperador a
regeber os djuheyros das letras de medjna he de mylharã e deyxou
prymeyro quytagã do emperador a qual depois se mylhor parecer
se reduzyra tudo ê ãa quytacão geral / essa carta me mandou cobos
do emperador pera vosa alteza que era ê reposta da que lhe eu dera
quanto a outra crença por mym so que vosa alteza manda que lhe
de com que sobre ela lhe dyga / segunda feyra deus prazendo
espero de ho fazer / noso Senhor a real pessoa e estado de vosa
alteza garde he acreçente cõ muy longos dyas de uyda he majs-
crecymento de reynos he senhoryos / beyyo as reays maos de vosa
alteza de seuylla ha xbij de março de 1526.

cryado e feytura e vassalo de vossa alteza ho marqes

Sobrescrito: a el rey meu Senhor.

Toda da letra do Marquês.

Corpo cronológico, parte I, maç. 82, doc. 9.

XVI

Carta do Marquês de Villa Rial ao secretário António Carneiro

Sevilha, 17 de Março de 1526

Se me la desseyays ya dagora pera djante he tempo porque ya ha emperatriz dorme cada noyte cõ seu marydo e braços he estã muy namorados he muy contentes he nos seus negocyos que da parte del rey meu senhor lhe faley todos tẽ concedidos somente agora ay hacabalos de tjrar da mão dos offjeays o que nõ sendo nada de fazer quyça leuara djas posto que heu cuydo que muy poucos / a yr lourenço garçes e vyr creo que auera mester muitos porẽ eu e mynha yda nẽ estada nõ falo nada porque quando me mandã seruyr nunca tenho de ver cõmyguo / as novas de qa todas qerro encerrar nesta que depoyos que vy castela folgo mays de ser portuges e o mays gardo pera mym porque eu vos certefyqo que e todas vossas acupaçoẽes eu vos syrvo que vos poderej ter huã ora qedo a

não yrdes sê vos enfadar / hencomendome senhor cê myl vezes ã
vosa merçe de seuylla ha xbij de março de 1526. ho marqes

Sobrescripto : Ao muito prezado senhor o senhor secretaryo.

Sumário : do senhor marqes pera mym.

Toda da letra do Marquês.

Corpo cronológico, part. I, maq. 34, doc. 58.

XVII

Carta do Marquês de Vila Rica a D. João III

Sevilha, 23 de Março de 1526

Senhor—Nesta carta avisarey a vosalteza dalgũas cousas que me parece ser seruiço darlhe conta / ho emperador oje quinta feyra xxij dias deste mes tomou o seu doo polla Raynha de dinamarca e asy a senhora emperatriz vosa jrmaã e asy o tomamos todos / o meu he portugues asy como ho eu são / posto que seja caa trajo desacustumado doo portugues senã ao seu modo delles / e tomeyo darbim loba e manguas e beca / carepuça nõ pus por que esta nõ se traz ca e por yso nõ me pareceo bẽ eu so a trazer ho emperador ate guora mostrou muito pouco sentimento mas todavya por ser jrmaã vosa alteza vera lla mjllhor do que lho eu poderey dizer se he bẽ mandarlhe fazer algũa vysytacã ou não has honrras se lhe fazem amenhã has vesporas e sabado o majs / o leguado foy omtẽ vysitar a emperatriz / sualteza me mandou chamar para estar cõ ella e asy o duque de calabria / e a nos ambos sos manda sempre chamar pera quall quer cousa destas / e creio que asy lho tẽ dito ho emperador / e asy ho dia dantes a casa da Raynha jermana que a foy a emperatriz vysytar por que ho emperador o mandou asy / e faz a Raynha jermana honrra de may nẽ mais nẽ menos / ao legado sayo a emperatriz forã do estrado amdando hũ pedaço polla casa / e ho assentou ã cima do estrado consygo em hũa cadeyra despaldas tudo ysto da honrra que se lhe fez foy ordenado pollo emperador / o legado lhe deu hũ breue do papa e a mjm mandou ese breue do papa com esa carta sua pera vosa alteza / as avaliações douro e prata e joyas da emperatriz que lhe vosalteza deu que aviã demtrar no conto do dote sã ja easy de todo acabadas / hũ pouco do Reste que fica de prata branca se acabara amenhã / foy vosalteza nisso bem servjdo / e creperã em boa camtidade majs do que lla forã avaliadas has mesmas cousas / eu fuy a yso presente por que tudo foy neçesario per

as sutilezas erradas de joam destunhegua / as doações da emperatriz se acabarã amenhã a meu parecer / tres pontos hiã nellas a que foy neçesario acudir e espero que se Remedearam / e oje espero por christovam çoarez que ha oje de vyr ca estar comigo e com antonio dazevedo sobriso e espero que tudo se faca como compre a seruiço de vosalteza e de vosa jrmaã / hũ dos pontos era que lhe punhã nas doações que se algũas minas se descubrisẽ que nõ fosse perella ysto nõ me pareceo Rezão consentirse e majs por que estas vyllas e cidades nõ lhe são dadas por merçe senão por comtrato / e per merçe era Rezão que fosse cõ tudo o que nellas podese aver quanto mais sendo per contrato / ho outro ponto he que lhe quieram poer nas doações / que ella ã vida daquelles que agora tẽ has fortalezas e ofiços da justica ã toda sua vida delles a emperatriz lhos nõ podese tirar / e posto que ysto asy aja de ser yr posto na doaçaõ pareçe fraqueza da doaçam e por yso tã bẽ nom oune por bẽ que fosse / ho outro ponto he / e neste parece que tẽ algũa Rezão mas todavya trabalharsea por se guanhar / que o solario e tencas que agora ham os alcaldes mayores e ofeceaes da justica destas vyllas e terras que se descomte da renda que ha daver a emperatriz / e por hũa parte poys lhe ho emperador esta merçe fez e nõ lhe a de ser tirada ã suas vidas parece que elle ho deue pagar / e por outra parte poys elles ham destar polla senhora emperatriz e ter hos ofiços e alcadjarias por ella parece que ella os deue pagar / e porẽ comtudo nisto e no mais sse trabalhara para que vão como compre a seu seruiço ho duque dalua me veo vysitar e me fez grandes oferecimentos de servydor de vosalteza / e que neste casamento da emperatriz vosa jrmã elle trabalhara tudo o que nelle fora / e me dise que ho emperador lhe tinha dito a elle muito grandes contentamentos de vosa jrmaã / e que estava o mais contente omẽ que elle nunca vyra / eu lhe nõ dey a carta de vosalteza ajmda / por que por me elle ter vimdo visytar ho espero dir vysytar e darlha em sua casa / porẽ lhe fiz saber como lha trazia e lha yria despoys dar cõ o que elle muito se alegrou // correo de framça das entreguas serẽ feytas tarda ja e nõ leixa ca daver deso asaz agonya / pasada a pascoa ha y justas pera o segundo dia della / ho emperador tẽ mandado aperceber todos esses omens da corte que aquy ha para justarẽ / ho emperador se parte esta somana dizẽ que terça ou quarta feyra a ter as endoemças a hũ moesteiro fora daquy nõ he ajmda asentado quall sera mas elle o tẽ mandado buscar / e dizẽ que nõ quer que seja senã moesteiro de duas leguoas para diante por estar majs soo / nosso senhor a Reall pesoa e estado de vosalteza guarde e acrecente cõ muito longos dias de vyda e majs crescimento de Reynos e senhorios /

beyjo as Reaes mãos de vosalteza / de seujlha oje xxiiij dias de março de 1526.

Da letra do Marquês: cryado feytura e vasalo de vossa alteza
ho marques

Sobrescrito: A elRey meu senhor.

Sumário: do marques do que he feito nas avalyações e doações

Corpo cronológico, parte I, maç. 34, doc. 8.

XVIII

Carta do Marquês de Villa Rial a D. João III

Sevilla, 23 de Março de 1526

Senhor — eu tenho ja falado ao emperador com a creença soo que vosa alteza por mj lhe mandou / e ouue delle hũa largua audiençia e por que minha letra he maa e afonso dalbuquerque parte de presa e eu ey desprever por minha letra a vosalteza o que niso pasey / o guardo pera hũ correo que pola menhã ade partyr / o quall tã bem detenho esta noyte por que fernã dalvarez me pedio que ho detivese dizendo que tinha cousas que esprever que compriã a servico de vosalteza que nõ podia acabar menos desprever hoje por noyte / afonso dalbuquerque se vay por que tẽ necesydade dacudir sobre sua casa porẽ crea vosalteza que eses dias que ca esteue fostes delle muito bẽ serujdo / noso senhor a Reall pesoa e estado de vosalteza guarde e acrecente cõ muito longos dias de vyda e majs crecimento de Reynos e senhorios beyjo as Reaes mãos de vosalteza de sevylla aos xxiiij dias de março de 1526¹.

Da letra do Marquês: cryado feytura e vasalo de vossa alteza
ho marques

Sobrescrito: A elRey meu senhor etc.

Sumário: do marques que trouxe afonso dalbuquerque.

Corpo cronológico, part. I, maç. 3, doc. 44

¹ A letra é de Afonso de Albuquerque, filho do *Terribil*, que servia de secretário ao Marquês por a letra dèste ser má. Outras precedentes cartas do Marquês também foram escritas por Afonso.

XIX

Carta do Marquês de Vila Rial a D. João III

Sevilla, 23 de Março de 1526

Senhor — Ôtem houue co emperador audyeneya so na qual lhe faley largamente per uirtude da carta de crença de uosa alteza que pera so sobre mym trazya / he porque lhe auya de falar despoys de ele comer convydou me o marques de cynete pera ele mesmo despoys de comer me leuar o emperador he ele andaua ya determynado a me dar ã banquete e quys se gardar pera este dja / deunos muytas uyãdas e que entrauã muyto poucas que bomẽ folgase de comer / porque o ssolho era dourado he as salsas co as suas armas pyntadas no meo delas he omẽ sabelhe mylhor soolho muyto bem asado e por salsa muyto bom uynagre sã nenhũas armas / e outro bãquete me deu ya o duque darqos nas couas he crea uossa alteza que ate nysto do comer lhe fazẽ os portugesses tanta uentagẽ como e tudo o al / despoys de acabarmos de comer day ha ã pedaço mandou dyzer ho emperador que me estaua esperando forã cõmyguo o marques he laxao per esas portas por onde o marques uay o emperador porque ele poussa tambem dentro no paço e antes de chegarmos ho emperador abryo laxão per sua mão cõ hũas chaues que ele mesmo traz qatro ou cynquo portas de cassas que estauã todas despeyadas ate que chegamos ha ã cassynha hẽ que estaua o emperador ha qual estaua muyto quente e cõ huma yanela aberta perque entrava muyto sol que agora ya qa he mays quente que hẽ agosto e outras partes / he estauã cõ ele qatro framengos he ã lybre he ã podenguo que ayudauã a fazer a cassa mays fresca / como chegey estaua ele e pe regebeome cõ ryssos he gassalbado he tyroume muyto o barete que eles qa hã por muyto porque o nã tyra barete senã o duque de calabria he porẽ algũas uezes que nos acertamos cõ ele ambos yuntos a mym manda cobryr e por cadeyra e asentar prymeyro que a ele / despoys que chegey a ele estyuemos prymeyro hũ pouquo e ryssos sobre o banquete do marques fazendo ele fauor o marques e ryndo cõ ele sobrysso pasadõ ysto falalhes por françes que despeyassẽ sayrãse todos / trouxelle laxao hũa cadeyra mandou por outra pera mym sentasse e mandou me sentar e cobryr deyhe entã a carta de uosa alteza a qual leo e despoys de lyda me dyse que a carta era de crença que eu lhe podya dyzer o

que uosa alteza mandara / entã lhe faley largamente tudo o que per a ynstruçã de uosa alteza me mandava falar era aquella parte das amyzaes e do amor que lhe tynheys e quanto polo mays acrecentar folgareys ayuntar mays esta lyança do casamento da uosa yrmã avendo tantas outras lianças entre uossas altezas porque pareçia que mays nõ herã necessaryas contudo porque nenhuma que mays se'pudese acrescentar fyqasse por fazer folgara que ysto se fizesse nesta materya lhe faley o que me pareceo necessaryo pera demonstraçã do amor que lhe tynheys mudando as palauras da outra fala porque nõ se parecẽsõ ãas cõ has outras porque nesta parte a sustancya era qassi hũa / despoys dysto lhe disse que porque tençã he uontade de nosa alteza era que ho muyto amor he djuedos que antre uosas altezas ambos auiya se conseruasẽ e cõ obras de yrmãos que ereys se acrecentassẽ lhe rogaveis que nas uossas coussas ele quysse sempre mostrar e fazer aquellas obras que nõ somente uossa alteza mas o mundo todo esperaua que ele fyzese porque a todos he muy notoryo que ã todas suas coussas aquellas que a uossa alteza toquar poder mostrar ysto e serdes uerdadeyro seu yrmão prymõ he amyguo uosa alteza o tã sempre muy craro mostrado / e que aynda que seus cuydados seyã grãdes e suas occupaões muytas que ele deue das uossas cãssas ter sempre aquele cuydado que he rezãõ he querer nelas per sy e nõ nas encomendar a seus ofycyays por se nõ poder segyr o que se segyo na partyda das naos da crunha que foy sem sua sabedorya como ele a uosa alteza mandara dyzer e que se o mandar dyzer eu o nõ podera deyxar de ter asy por muy certo porque sendo no tempo ã que fara e os negocyos de uosas altezas sobre este seu casamento ã que uos tal uontade e tal obra mostrareys estando no ponto ã que estauã nõ era de cuydar que ele pudera ser sabedor de coussa de que cõ rezaõ muita uossa alteza tanto discontentamento podera e deuera regeber e tendo uos cõ ele pessoa uossa sobolo mesmo casso e que por tanto ele estas coussas nõ deuia encomendar asy a seus ofycyays que ele deyxasse de ter delas aquella lembrança e cuydado que uos deuia por tantas uyas e aquy lhe quys falar ã pouquo como deuera apontandolhe as boas obras que de uos e uosso pay fjinha recebydas / lembrandolhe o tempo das juntas he comonydades e lembrandolhe o que uosso pay nyssõ fyzera e despoys acerqa do uosso casamento cõ sua yrmã cõ que uossa alteza tanto folgara de se hyr cõ ele sendo de tantas outras partes tã cometjdo despoys dyssõ o que neste casamento seu com uosa yrmã folgareys de fazer / lembrandolhe tambem os omens seus que na uossa ylha de cabo uerde forã pressos a uontade cõ que uos aprouera mandalos soltar / e que certo uossa alteza mustraua ã todas suas

coussas tal uontade he obras que aynda que foreys hũ rey mouro os que uerdadeiramente ho amassẽ lhe auyã de consellar que trabalhasse muyto por conseruar uossa amyzade / quanto mais sendo uossa alteza quẽ hereys he sendo tã parentes he por tantas uyas e cassados cõ duas yrmaãs e tays yrmaãs que certo eu nõ sabya o que no mundo desde caualeyros dũa lança ate reys como uossas altezas erã pessoas que mays parentes que asj cõ dyuedos cõ rezões de muyta amyzade pudesẽ ter do que ambos tynheys por yssso que nas uossas coussas ele daquy ẽ dyante deuya ter aquele cuydado obra e uontade que de tã uirtuosso prymcype como ele se esperaua a ysto me respondeo / palauras de grande amor he amyzade pera uosa alteza confesando todas aquelas obrygaçoẽs que lhe eu dezya que uos tynha serem assy e dezendome mays que alẽ de todas estas obrygaçoẽs e lyanças que antre uosa alteza he ele auya serem tammanhas que asy como uosa alteza dezya pareçya que outras mays nõ herã necessaryas / que por esta so de seu cassamento cõ uosa yrmã e polo que uossa alteza nyssso fyzera ele uos deuya tanto que haynda que que foreys grandes ymygos dagora ẽ dyante ouuerays de fyqar os mayores amygos que nunca pryncipes forã porque ele estava tã contente da hemperatryz que uosa alteza podya crer que nõ somente lhe dereys molher mas ayudador e que uerdadeiramente ele lhe pareçya ya que erã ya dous reijs ẽ castela / e de lo dyzer esta palaura dentro ẽ mym mespantey eu muyto / então quys meter graça e dyssse que agora erã dous e que daquij ha muy pouquo tempo esperaua ẽ deos que fossem tres / e que tudo lhe era necessaryo segundo os seus estados erã repartydos / e que quanto a uelas coussas de uossa alteza daquy a djante por sy que hasy o esperaua de fazer e me afyrmava que ho farya / porque nõ duuydaua que hasy ele como todos os reys terẽ halguns offycyays que nos negocyos quyssem mays olhar no que compria a eles que no que era seruyço de seus reys / e que no partyr das naos da [crunha] ele me afyrmaua que ele no soubera djsso parte que uerdade era que ele bem sabya que se apartilhauã haly / mas que do tempo da partyda ele certo nõ fora sabedor e que uosa alteza lho deuya leuar ẽ conta pola grã ocupaçõ em que ele entã estaua e os negocyos de frança os quaijs entã lhe nõ dauam lugar ha poder ẽ nenhũa outra coussa entender / aquy me quys dar conta das coussas dentre ele he el rey de frança mostrando que se ouuera cõ ele muyto franqamente e que nõ lhe quyssera fazer partydo senã tal que os que decendesẽ delrey de frança nunca o pudessem recraamar aos que decendessẽ dele emperador porque ẽ muitas coussas ẽ que tynha dereyto dentro ẽ frança dessystyra delas e porẽ que tambem elrey de frança dessystyra de ter aucã que pudesse ter no de ytalya /

ã que de dereyto nõ tynha nenhũa / e que ele quyssera borgonha
 nõ pola ualya dela que nõ chegaua a trinta myl ducados de renda /
 senam por ser sua / e por que cõ ela lhe pareçya que serya mays
 caussa de paz porque cada uez que elrey de frança quyssesse mouer
 a gerra que por borgonha lhe pareça a ele que poderija entrar sem-
 pre ã frança cada uez que quyssesse / e que era borgonha a porta
 pera ysso / e dysse me mays que se elrey de frança comprysse o que
 contratara e yurara cõ ele que ele esperaua passar muy çedo ã ytalya
 he que ho principal fundamento que nyssso tynha era pera daly yr
 alemanha acudyr ã pessoa as coussas de luteryo que erã cada uez
 mays danadas como agora soubera polo duque do brõzue que ueo
 agora dalemanha por postas sobre ysso e que ele ategora nõ fyзера
 coneyençya de nõ acudijr a ysso porque elrey de frança o nõ dey-
 xara e que agora se ele comprysse esperava muy prestes de o fazer /
 estas coussas conto ha uossa alteza porque ele mas dysse pegadas
 cõ ha reposta do que de uossa parte lhe dysse / como que mas dezya
 pera uolas eu fazer saber / eu lhe torney a responder beyyando lhe
 as mãos de mynha parte e pola sua dele polo que dezya do que daquy
 adyante esperava fazer nas coussas de uossa alteza era conseruaçã
 e acrecentamento danyzade dantre ambos / e asy polo contenta-
 mento que tynha da emperatryz as qays coussas todas eu notefy-
 qarya a uossa alteza e sabya que delas receberya tanto contemta-
 mento como quẽ tanto amor he amyzae lhe tynha e tanto auya de
 folgar cõ tamanhas coussas pera ysto tanto mays se conseruar he
 acrecentar / e apos ysto lhe mety a pratyca de maluquo como deuia
 e por ysto ser coussa tã sostancyal a quero fazer ã outra que so
 nyssso fale porque de tã ma letra como esta mynha sempre menuer-
 gonbo de fazer ler a uossa alteza tã comprydas cartas polo trabalho
 que nyssso recebera nosso senhor a rial pessoa he estado de uossa
 alteza garde he acreçente cõ muy longos dyas de uyda e maijs cre-
 çmento de reynos e senhoryos / beyyo as reays mãos de uossa alte-
 za / de senylha a xxij de março de 1526.

cryado e feytura e vasalo de vosalteza

ho marques

Sobrescrito: A elRey meu' senhor.

Toda da letra do Marquês.

XX

Carta do Marquês de Vila Rica a D. João III

Sevilha, 24 de Março de 1526

Senhor — Acabada ha outra patyqua qescreuo a uossa alteza que tyue co hemperador heu lhe dysse / que quando uosa alteza nesta yornada se quyssera seruyr de mym eu ho requeira por muy grande merçe por tres caussas a pymeira por uosa alteza se querer seruyr de mym no que recebya tamanha merçe he a segunda por ser em seruyço da hemperatryz ha que por uosa yrmã he fylha de seu pay heu tynha tanta rózão de seruyr / ha terceyra por uer sua pessoa dele he lhe beyjar as mãos que eu muito desseyaua / he que certo despoys de ho eu ter uysto heu tynha desta yornada requeydo muy mayor contentamento he que cresce que ho amor que lhe eu tynha conhecydo per as coussas de uossa alteza he o uerdadeyro yrmão que uya que hera nosso he sua uirtuosa tenção que conheça me tynhã asy feyto seu uerdadeyro seruydor que as coussas de seu seruyço a mym me pareça que eu podja ter atreuymento de lhas lembrar he falar e que se nã de muito seu seruyço me ele desse lyçença pera lhe falar que eu ho requeberya por muy grã merçe / a ysto me respondeo palauras de me qerer ôrar alegando as rezõens que auya pera ho eu fazer he ele muito cõ yssso folgar he nomeando parentes-que he dyuedo cõ ha emperatryz he cõ ele e rogandome que lhe dyssesse tudo o que me parecesse / eu despoys de repycar as ôras dos parentesquos nõ me dando senã por muy pequeno seruidor haynda que fose grande na vontade de seruyr lhe dysse // que eu ho que lhe qerya falar era nas coussas de maluquo posto que cõ este prepossyto nõ uyesse de portugal pymeiramente por ser negocyio fora de mynha ynstruçã como porque nõ cuydaua que o tempo me desse a yssso lugar nõ a muita merçe que me ele fazia na boa uontade cõ que me ouya e comonyeaçã que de suas coussas me folgava de dar me pussese nesa obrygaçã e que agora por todos estes respeytos como por eu uer e conhecer que o que nysto estava por fazer nõ procedja de sua tã uirtuosa tenção senã doutras pola uentura muy danadas eu nõ podya deyxar de nysto lhe falar poys esta so arma tynha o djabo pera poder fazer crer ao mundo que antre tamanhas he tã uerdadeyras lyanças he amyzaes podya auer hay halgũa ora descontentamento e dar cõ yssso muito prazer aos que nõ fosem seus

seruydores porquanto lhe a estes auya de pessar de uerê o seguro he uerdadeyro hamyguo que ele tynha ã uosa alteza // he que os que neste negoeio ho qeryã empor cõ falsas rezdẽs ou demonstraçoẽs se podjã bem chamar ymmygos de sua conqyencya he aynda de sua fazenda / porque quanto conqyencya sendo ele tã crystyanyssymo pryncype e tã eatolyquo qeryã fazelo procurar coussa alhea que polas capytolaçoens e demarqaçoens esta tã crara de Vossa alteza / como hera mynha aquela capa que tynha uestyda porque eu ho tynha muy bem e muitas uizes uysto he sabydo / afora polo descobrymento he achamento dele e pose tam pacyfyqua que sempre dele uoso pay teue / e que ysto hera quanto a conqyencya he iustyça / he quanto ao proueyto da fazenda que neste davã a sua magestade outra tã falsa ynformaçã como no deryto que aynda que isto nõ fora uoso a cuyas coussas hele tanto respeyto he obrygado a ter / seriã dũ rey mouro a que por gera yusta sendo de sua conquysta ho pudera ganhar / que nõ fora seu seruyço hentender nyssso porque os proueytos erã ymagynados e pyntados na fantessya e as perdas gastos e perygos do mar he ã terra erã palpaveys e vystas craras e que hẽ portugal onde djsto se tynha a çerta espyrençya e notyçya e tynhã por cousa muy sã fruyto nõ proueyto / e que lhe certefyquo que falando eu neste casso cõ pessoas que djssso tynhã muy çerta sabedorya asy mo afirmavã / e tynham por muy çerto que posto que nysto nõ ynteruyesse nenhũ modo de negoço nõ da crueza de uosa justyça que ele per sy ho auya de uyr a deyzar porque vysto o muito gosto he pouquo proueyto se nõ auya dachar qẽ nyso quyssese entender / que lhe pedyã por merçe que ysto recebesse de mym cõ ha temção que lleu lho dezya / he que holhase que a obrygaçã que ã uosas caussas antes tynha agora se ac[r]etara mays e cõ tal rezão que fyzeesse nysto o que se esperava dũ tamanho pryncipe he tã crystã comele / e as vossas caussas olhar como de tal yrmão e tal amyguo e asy como vosa alteza olhava as suas / e que vyssse quanto louvor seu serya nesta cõyũçã de tempo querer nysto tomar aquela conerussão que a deos he a vosa alteza devya // recebeome tudo ysto muito bem / e respondeome que me agardeçya muito tudo aquylo que lhe eu dyssera / e que me çertefiquava que sem eu lhe falar nyssso ele estynera pera me falar pera me dyzer sua temção neste casso porquanto lhe pessava poder parecer nunca ho mundo que antrẽ uosa alteza he ele podesse auer discontentamento / nã porque nunca hay ho auya de auer por nenhũa coussa mas porque por esta pareçya algumas que o podja auer / e que ele nõ era casmogrofo nõ astrologuo masym os que ho erã lhe djzyã que pertencya ha ele e que por yssso ynsystya nyssso a requerymento dos pouos de castela / e que me yurava que se soubese çerto que

castela era de vosa alteza que vola deyxarya quanto mays maluco que ele deste modo de doutores he legenceados nunca folgava muito porque estes erã os que fazyã parecer ho mundo que podya hay auer descontentamento he mays que os seus cuydavã que fazyã scruyço a ele ã dyzer que era seu he os de vosa alteza outro tanto que por ysto me quyssera falar pera me rogar que boscasse algũ modo por onde vyssse que ysto mylhor se podya fazer he que asy mo rogava agora e que eu uerya o que ele nysto fazya e a ysto me tornou duas ou tres uezes que busqase nysto algũ modo / por onde me pareceo que ele nõ esta fora de desseyar conçoerto quando lhe eu nõ say a nenhũ modo dyzendolhe que eu nõ lhe saberya agora neste casso mays djzer que o que lhe tynha djto pondo sempre dyante dele ha crara yustyça de vosa alteza he ha hobrygaçã que ele vos tem hentam me dysse que uyse se qerya que entendese loguo no que esta apontado cõ antonyo dazevedo eu lhe respondy que eu nõ trazya cõmysã pera nyssos entender / e quanto menos cõmysã pera yssos trazya canto mays lyberdade me fyqara pera lhe poder nyssos falar uerdade e craro como seu verdadeyro servydor e verdadeyro cryado e vasalo de vosa alteza que a conservaçaõ das anyzades de vossas altezas tanto desseyava / dysseme que todavya me rogava que eu desse conta e notefygasse a vossa alteza a vontade que ele nysto tynha he qanto desseyava qualqer modo porque ysto se pudesse cõ-crudjr / eu lhe djsse que eu o djrya a vosa alteza / nõ lhe quys djzer que o escreuerya por nõ lhe parecer que trazya cõmyssão pera negociar sobre yssos e que lho encubrya senã que cresce que aqylo como deuer lho falara assy como lho dezya he o que senhor neste casso me parece he que ele lhe nõ pesara cõ cõçoerto e porẽ este no se pode fazer bem senã tratandosse da yustyça e no meo dos tratos da yustyça a dele começar dyr uendo que pode yr debayxo no dereyto day naçera o conçoerto polo qual heu nõ serya dopenyã que ysto se fizesse no estreino porque castelhanos cõ portugesses ã estreinos he hu a rayas a terra os convyda hem nunca se conçoertarẽ e cada ã cuyda que erra se nõ yulga por qẽ o la mãda / eu serya de voto que ysto se tratase aqy per pessoas que vosa alteza aqy mandase poucas he de muito saber he confyança porque aqy se os leterados do emperador fizesẽ o que nõ deuesem serlheya falado per nosso embayxador he de negessydade se averja denuergonhar he mandalo emendar aqy falarya nyssos ha emperatryz quando fose bem he auya muito daproveytar he os leterados qando vysẽ que ela nyssos falava avyamse djmerynar ha sua parte porque eu o vy omtẽ bem no doutor beltrã que veo aqy estar comnyguo e cõ antonyo dazevedo sobre as suas doaçoens he cõ ele crystoval soarez que as faz e qantos pontos quyssemos lhe fyzemos por / haqy poderyã estes

todos doutores e todos secretarios ser peytados e reçebeloyã mylhor he cõ majs despeyo he segredo que na raya / hasy senhor que a mym me parece que se ysto haquy se negoçea polo modo que deve que vossa alteza vencera ou hao menos fara conçerto muy favoravel a vosso servyço he no estremo tudo ade ser pera mays de-sauença he ysto dyguo como qẽ esta qa he tenho muy bem vysto he entendjdo o de qua / vosa alteza o cuyde he olhe bem como sera mays seu scruyço / noso senhor ha real pessoa he estado de vossa alteza garde he acreçente cõ muy longos dyas de vyda he mays creeymento de reynos he senhoryos beyyo as reays maos de vossa alteza / de sevyilha ha xx4 de março de 1526 //

cryado e feytura he vasalo de v. a. //

ho marqes

Sobrescrito: a elrey meu senhor

Sumário: do marqes sobre o que pasou sobre o maluco.

Toda da letra do Marquês.

Corpo cronológico, part. I, mac. 34, doc. 10.

XXI

Carta do embaixador António de Azevedo Coutinho a D. João III

Sevilha, 24 de Março de 1526

Senhor — Com mexja nã escrjuja uosa alteza o que me respondeo o enperador quando lhe dej sua carta sobre o nacjmento do principe seu filho que noso senhor tenha em especjal guarda pera grande descanso y acreçentamento do estado de uosa alteza e de seus reynos e senhorjos. posto que ja lhe tinha falado a causa foy por que ajmda me nã tinha dado carta /. Eu senhor lhe dej a carta de uosa alteza e lhe djse o que uosa alteza me mandou de pojs de a ter ljda e posto que ele tjnha ja sabjdo a noua todauja me esteue perguntando particularmente polo tenpo en que as dores tomarã a rajnha sua jrmaã e que tenpo a tjuerã e como estaua ja o prncipe seu sobrinho diguo a uossa alteza as palauras formais e isto com muito prazer eu lhe dej a conta de tudo o mjlhor que eu pude e por que era presente o marqes ajudou com o que sabja djseme que escreuесе a uosa alteza que ele era muj obrigado a querer mujto ao prçepe seu sobrinho por ser fjlho de uosa alteza e de sua jrmaã e majs por nacer en tal dja como ele e que nã auja de perder a inueja que de uosa alteza tjnha este lhe mandar outras tajs nouas de sj como uosa alteza lhe mandara e que esperaua em deos que serja cedo e cõ isto começou a tratar de como uossa alteza tiuera a rajnha e que deuja ser grande trabalho cõ outras mujtas cousas que escuso de escreuer

e ao outro dja mandoume hũa carta em reposta pera uosa alteza que cõ juhã fernandez mando e posto que uossa alteza me miandou a carta e crenca que dese ao enperador eu toda uja trabalhej algũas alujseras pera juhã fernandez. que me pareceo justo uosa alteza me perdoe se foy mal feito /

das cousas y asento da enperatrjz as aualjações das joyas e prata se aquabará oge sabado /a meu uer a serujço de uosa alteza o marques y eu com ele estiucmos la dous dias ontẽ eu nã fuj por estar mal sentjdo esteue la o marques e creio que nã era muyto necesarjo asy mesmo esteue ruj telez. crea uosa alteza que a tera esta marauilhada de uer tal prata e tam rjqua e tantas joas leuuntam uosa alteza ate o ceo en o fazer tam grandemente com a enperatrjz nas cousas en que se obrjgou e nas que nã erã obrjgado ./.

oge senhor uj as mjuntas das doações e prujlejos e asj mesmo a escriptura da ypotequa por que a fiz fazer. posto que nã estẽ postas as cidades e uyllas ate uosa alteza escolher as que quer mas pera mjlhor aujamento e foy presente o doutor lourenço garces e outro letrado do conselho da indja meu anjguo e as enmendamos no que foy necesario e depojs as leuamos ao marques e fjjz la jr o contador y o doutor pera uosa alteza ser serujdo y o marques contente : espero en noso senhor que antes da festa todas estas cousas sejjã aquabadas ./ no asento da casa da enperatrjz em acrecentar ou demjnujr majs ou menos serujdores ou offjejajs nã se moue ate agora cousa algũa nẽ se mouera ate estas outras cousas ser aquabadas de seu estado e rendas y a meu parecer estas rendas sam tam longas e as ljuranças ja feitas que creio que este ano auera nã muyto bõ pagamento e pera aujrjgoar estas rendas e tomar estas posses seguramente avera mjster majs de sejs meses por que em todas estas ejdades e ujlal ha tantas rendas dadas e tantas uendjdas que nã se pode homẽ ualler pera nã errar enpero farsea de maneja que uosa alteza seja bõ serujdo posto que dalgũa maneja se tarde.

a maneja y o amor com que se tratã o enperador y a enperatrjz nã escreuo a uosa alteza por que he majs materia de outras pessoas que a uosa alteza escreuẽ.

de negoceos senhor nã ha majs ./ e aquelas clausulas da proujsam da saqua que uosa alteza manda que facã emendar como ou nã tjnha ujsto outra proujsam desta qualjdade pasou asj por me parecer ser aquilo destjlo por çaruajal nã ujr a esta ejdade nã esta proujdo ueo quynta feja ate terça feja se prouera

asj mesmo couos me falou que dessa corte lhe tjnhã escripto que uosa alteza dezja que ele nã fazja bõ suas cousas e com deligencia e que eu sabja com quanta presteza ele despachaua tudo o que

ujnha a sua mão e quanto era serujdor de uosa alteza. que o defem-
dese daquela calunja : e uosa alteza pode crer que en todos os des-
pachos ele se mostra grã serujdor de uosa alteza e se me tẽ dado
mujto por amjguo y eu asi mesmo procurej de o auer a mjnha
amjzade e todos os despachos de uosa alteza faz com mujta breuj-
dade e mos manda a casa e nã leua nenhũa cousa /. nas cousas da
indja na uerdade he castjlhano. nã por que eu tenha dele compren-
dido mas por que he grande amjguo do confesor que a meu parecer
nã he fauoravel njsto e com tudo de dous meses ou tres a esta parte
o couos se me da por grande amjguo y asj o doutor beltrã que he
asj mesmo deste conselho das indjas grande amjguo de couos e ho
que mais sabe nestas cousas da indja posto que nelas sabe pouquo
e eu procurej de o dar conhecer a enperatriz e fazelo seu serujdor
e metjo en estas doações a causa dalgũas lejs de castela que
homẽ nã sabe e prjncipalmente por estes negoços de maluco por
que eu folgarja muyto de ele ser nomeado pera a vaga se for posi-
vel asj senhor que o couos eu o acho serujdor de uosa alteza na
manejra que tenho djto posto que antes querja os negoços de ma-
lucos nos framenguos se fora posiuel. mas certo o couos ele se mostra
serujdor de uosa alteza y asy lho agradeça por que fara mujto ao
caso e neste negoço de ruj de frança ele o fez muito bẽ y espero
que faça neste outros. por que eles nã crendo terẽ pouqua justjça e
dã de sy gejtos de partjdo mas eu nã acudo a nada por que me pa-
rece conujr asj ate eles o pedjrẽ claramente saluo se a uosa alteza
outra cousa pareçer ./.

nouas senhor nã ha de frança por que ate oge nã he ujndo correo
serẽ os arrefẽs entregues ueo os djas pasados que polas mujtas
augoas que la hyã e pola madama estar doente nã erã chegados /.
ontẽ e oge sabado fizerã as onrras da raynha de djuamarqua posto
que auja djas que o sabjã nã ouuẽ sentimento antes nẽ agora ueo
ontẽ as uesperas das onrras e foy se ao serã nẽ comeo ençarrado e
qujnta-fejra jugou todo o dja a pela nã cura esta gente senã de
leuar ujda o marques nẽ eu fomos as honrras porque nos nã cha-
marã e por tjrar inconuenjentes. / de alemanha ueo hũ duque polas
postas a o enperador ele nos dise que entre as outras cousas a que
ujnha asj era pera dar forma nas cousas do leuterjo sobre que os
senhores dallemanha querjã ligarse outras majs nouas de contar ao
presente nã ha por que a majs auera quẽ nas escreua praza a noso
senhor a ujda y estado rajal de uosa alteza creça per mujtos tem-
pos. bejjo senhor as rajajs mãos de uosa alteza de seujlla en ujnte
e quatro de março de 1526 anos.

antônio dazeuedo Coutjnho

Sobrescrito: A el rey noso senhor

Corpo cronológico, part. II, maç. 132, doc. 81.

XXII

Carta do tesoureiro Fernão'Alvares ao secretário António Carneiro

Sevilha, 24 de Março de 1526

Senhor — vay este tam depresa que escasamente pode homem acabar de esprenher e trazermos as orelhas atroadas com se dizer pelo senhor marques quanto compre a serujço de sua Altesa a jda deste omem ha presa por yso eu estou com embaraço destas avalliações e nõ querja perder tempo e mandeme jr de quaa por que querja lleuar esta vytorja de teer bem serujdo sua Altesa no que me tem mandado e allgũas cousas mais e mande a Reposta das que lleuou mexia pera saber o que ey de fazer beyjo as maos de uosa merce de seuyha a xxiiijº dias de março de 1526.

serujdor de uosa merce

fernã dalluarez

Sobrescrito: ao manjyco senhor o senhor antonio carneiro do conselho delRey noso senhor e seu secretario etc. meu senhor.

Sumario no dorso: de fernã daluarez que trouxe Joao fernandez.

Corpo cronológico, part. II, maç. 182, doc 80

XXIII

Carta do Marquês de Villa Rial a D. João III

Sevilha, 3 de Abril de 1526

Senhor — Por mexya regeby hũa carta de uossalteza per que me manda que me ua he asy auerse uosa alteza por seruydo de mym he mandarme hyr como as palauras cõ que mo manda tudo he tamanha merce pera mym quanto prazera a noso senhor que me deyxara poderlho seruyr como desseyo he e outras muytas yornadas de seu seruyço que haynda tenho tempo he ydade pera cõ esta me nõ querer por no cauýde ha o emperador he ha emperatryz dey conta de como uosa alteza me mandava hyr he cõ as palauras cõ que uosa alteza me mandou que lha desse / he despoys de me dezerẽ cada ã de suas altezas muitas palauras de me mostrarẽ grandes gostos de mynha estada he suydades de mynha yda / e houuerã por bem ho que uosa alteza mandava eu senhor partyrey daquy qumta feyra prazendo a nosso senhor que he ho prymeyro dya de

fazer despoys das oytauas / he crea uosa alteza que yrey tã depressa como quem ha tynha tanta na uontade he desseyo de uer uosa alteza he beyarlhe a mão he ao pryncype he fylho nouo que noso se-
nhor vos deu por nos fazer merçe e pera muito descansso he longos dias de uydá de vossa alteza // he alũ destas caussas que sã as pryncypays tambem nõ qero negar ha vossa alteza que vou majs desseyoso da patria que hũ laurador / ho emperador uyssyter cõ ha carta de uossa alteza do falecymto da raynha de djnamarqua / recebeo muito contentamento cõ ha uyssytaçã he foy muy neçessaryo vosa alteza lha mandar o que me respondeo deyxto ya tudo pera por mym o dyzer a uosa alteza he asy a conta que me quys dar da morte do byspo he as caussas que ha ysso o mouerã he a mym me parece que forã duas odyo grande que lhe tynha e areceo que lhe tynha de poder tornar ha espertar he lembrar sempre as coussas das comunydades / porque ele me dyse que todo ho feyto das comoynydades este ho fyzera he lhe fyzera mover ha elrey de frança ha gerra que lhe moueo naquele mesmo tempo / he me quys dar ha em-
tender que era auysado per seu embayxador que ho papa depoy de matar o byspo ho asoluerya he darlhe lycença pera o matar que ysto nõ farya / he sobre este paso o que alegado passou commyguo e sobre as coussas do emperador tambem o deyxto pera por mym o djzer ha vossa alteza / porẽ o emperador esta ã sua escomunhã nã houue myssa nẽ entra ã ygreya / he crea uossa alteza que parece coussa muy fea uer estar ã pryncype crystãõ desta maneyra he mays ã tays dyas como he pascoa he endoenças que sã passadas // posto que ele me dyse que nunca lhe parecya que estyuera ã tã bõ tempo de morer como hagora porque na morte do byspo nõ tyuera mays ten-
ção que seruyço de deos // ha raynha germana nõ uyssyter hynda como uosa alteza me manda porque ontem foy ela uer ha emperatryz he esteue la todo o dya mas oye hõ ffarey / hao emperador encomendey andre pirez como me uosa alteza mandou he aynda nõ dey conta dyssso andre pyrez mas oye lha darey creio que sera muy contente das palauras que o emperador me djsse sobre ele he ele andre pyrez esta muy contente do que uossa alteza sobre ele mescreueo e porẽ ele ho o mete sempre ã todalas coussas ã que se deuya he podja meter he ele he djno de toda merçe he onra por qã bõ homẽ he he qã ssessudo he bõ seruydor de uossa alteza // as naos que estã hẽ sã lugar que vã a descobryr onde fyz saber a uossa alteza / nõ sã haynda partydas mas estã ya ha boqa do ryo pera sayr he nõ esperã senã tempo / de frança ha qa grande duuyda porque des que el rey foy ã frança haymda nõ tẽ retyfyqado ho que qa prometeo he dysse hao embayxador do emperador que mos-

trasse ho poder que tynha pera lhe pedyr que retifyqasse ysto pa
reço q̃a escussa crara porque ay nõ hãya neccesydade de tal
poder senã dele comprry ho que q̃a compremetera / e porẽ todauya
mandou ho emperador ho poder a seu embayxador pera lhe pedyr
que retyfyqasse / ho emperador nõ uay ya a cantylheua porque se
hachou que seuylla nõ hera entredjta / as outras mays novas deyx
ya peras por mym as dar a uossa alteza / nosso senhor sua real
pessoa he estado garde he acreçente cõ muy longos dyas de uyda
he majs creçymto de reynos e senhorios beyyo as reays mãos de
uosa alteza de seuylla a iij dabryl de 1526.

criado e feytura e uasalo de v. a.

ho marques

Sobrescrito : a el rey meu senhor ¹.

Sumário : do marques de seuilha de iij dias dabril.

Toda da letra do Marquês.

Corpo cronológico, part I, may. 32, doc. 22.

XXIV

Carta do Marquês de Vila Rial a D. João III

Castilblanco, 6 de Abril de 1526

Senhor. — Por mexya escreuy âtes tres djas que partysse porque
cuydey que ele foße logro despachado ele se deteu hate oye que
me topou no camynho ho que despojs que por elq̃ escreuy a uossa
alteza he soçedjdo pera lhe dar cõta / he que no deradeyro dja de
mynha estada ã seuylla lhe fyz mays seruyço que ã toda ha outra
jornada yunta porque toda a jornada erã os trabalhos dela cõ
muito gosto porque era seruyr uosa alteza he ysto que dyguo foy
cõ muito desgosto que foy acceytar merçe ho emperador porque se
mostrou nysso tã mao homẽ de paço como contarey ha uossa alteza
que craramẽte se ponha ã fygar djesso hẽ escãdalo he o tomar por
ofensa he aynda de o escandalo ele ho ter de mym a mym me ym-
portara pouquo mas dezya yoão destanhyga de auergonhadamente
que ho emperador nõ denya fygar escandelyzado senã de uosa al-
teza porque eu nõ podja fazer tal descortessya ho emperador senã
por voso mandado he laxao dyssẽ a fernan daluerez que ysto podya
meter muito descontentamento antre o emperador he vossa alteza

¹ Nesta carta vê-se claramente a gravura do sinete do Marquês. É uma corrente disposta em orla circular e dentro a palavra *also*.

como uy que ysto hemtrava hẽ toqar ẽ uoso seruyço hesqeyme de mynha omra e quysme fazer do numero dos que folgã mays cõ dadjvas que heu haymda que a pouquydade desta he a mylhor coussa que nela ouue mandoume ãa copa douro que dyzem eles a fernã daluerez que mo dysse que pessa myl he tantos cruzados nõ me afyrmo screin myl he seysçentos sse myl he oytocentos he hũa fonte grande de prata que tera qatorze ou quynze marquos dourada he de bastyães he na copa he na fonte vynhã seys myl cruzados as palavras forã que aquylo tomase dele como de yrmão de uossa alteza e como de qẽ tã meu parente he tã meu amyguo hera que se estas coussas lhe nõ derã atreuymento que ele se corera de me mandar tã pouquo a qẽ tanto merecy/a eu como determyney de o aceytar por me parecer e uer que comprya asy a uosso seruyço quys ser na reposta mylhor omẽ de paço do que ele quys conyguo ser/a sayda de seuylla mandou vyr muitos pera mym ho duqe dalva he de beyar me leuarã no meo he dyante hya ho duque dargos he o marques de vyla franqa e muitos outros homẽes de tytolo he muita gente que cõ eles vynha / e todos essoutros castelhanos de conto que haquy ha/ he crea vosa alteza que se vyra asy este dya como todos hos outros que eu cavalgava os lououres que dezyã os uelhos de seuylla de vossa alteza e de portugal na metade da barba dos castelhanos que vyra vosa alteza qanto mays amado soys qa que ho emperador que ho he bem pouquo / eu party de seuylla a quynta que <ho> foy ho prymeyro dya de fazer despoys das oytavas ha qarta me despedy do emperador naquele dya ele quys fyqar despedido commyguo e cõ ruy telez he amtonyo dazeuedo que hyã commyguo qando me fuy dele despedyr dando me muy famylyares novas de sy he de suas coussas per as dar a vossa alteza he dezemdo de sua amyzade cõ vosa alteza muy grandes palauras he dandome conta que desse a vossa alteza de como estavã as coussas de franqa e do reço que tynha dele nõ compryr como mays largamente dyrey ha uossa alteza / he o grã chamçeler me ueo uyssytar aqele dya pola menhã que me eu party fazendo me grandes offereçymentos de seruydor de vosa alteza e vosa alteza deue folgar telo pór servydor porque eu tenho este polo mylhor omẽ que qa ha e ele vyssytoume nõ vyssytando numqa nyngẽ o que me contou das coussas de franqa e como tẽ todolos conçertos por coussa de vento gardo pera per mym o djzer a vossa alteza djsse me que qando uyera o aselar da capytolação que ele lhe nõ quyssera por o selo e que os mandou ho emperador que ho mandase ha selar por qẽ quyssese / e as rezoões porque lhe parecia mal sã muy ssessedas (*sic*) como dyrey a uossa alteza e asy o que me falou sobre a morte do byspo de qã mal feyto lhe

pareço porque ele he omẽ craro e djz loguo o que lhe pareçe // o emperador uay por sua escomunhã adyante nẽ ha y ouvyr myssa nõ emtrar ẽ ygreya o que çerto pareçe muy aspera coussa / agora topey hẽ vyndo aquy pera castelbramquo ã coreo que uynha de vytorea omde ha raynha de frança djz que esta muy devagar e el rey de frança dezoito legoas dentro ã frança o que ya he contra a capytolação porque nõ havya de partyr de bayona sẽ aly retefyqar he aly esperar a raynha / e porẽ por este coreo deue uyr a noua se qer ele retefyqar ou nã porque ya la he o poder que ele mandou pedyr // oye ẽ alcalá del ryo donde party me mandou cobos todas as doaçoes da emperatryz ya asynadas polo emperador pera que as vyssse / e que lhas tornasse a mamdar pera se aselarẽ e mas mandarẽ haynda o camynho e asy creo que sera as que vosa alteza ha de ter porque eu pedy ho emperador que as mandase fazer dobradas e asy ho fez hũas que vosa alteza ha de ter he outras ha emperatryz agora nõ ha mays que dyzer senã gardar tudo pera o dyzer por mym poys tã çedo espero de me noso senhor fazer tanta merçe que chege ha beyyar a mão ha vossa alteza e o uer / nosso Senhor sua muito real pesoa e estado garde he acreçente cõ muy longos dyas de uyda e mays creçymto de reynos he senhoryos beyyo as reays mãos de vosa alteza de castelbramquo¹ ha seys dabryl de 1526

criado he feytura he vasalo de v. a.

ho marqes

Sobrescrito : a elrey meu senhor.

Sumário : do marqes sprita em castelbranco a bj dias dabril sobre a merce que lhe fez o enperador e sobre outras cousas.

Corpo cronológico, part. I, maq. 82, doc. 25.

XXV

Carta do embaixador António de Azevedo Coutinho ao secretário António Carneiro

Sevilha, 6 de Abril de 1526

Senhor — o que pasa nos negoços polas cartas que a sua alteza escreuo o uera y asj as majs nouas da tera en senhor lhe bejjo as mãos polo que na sua me escreue e çerto que as cousas de seu ser-

¹ Castiblanco, jurisdição de Sevilha.

ujsõ quando en mjnha mão forẽ que as trabalharej com todo o que
puder e souber por que nã serej ingrato as merçes que me senhor
fjzderes. E crã a uosa merce que se nã podẽ fazer en parte majs
pjadosa que na mjnha e majs auendo de andar mujto nesta tera ./ do
enperador senhor lhe djguo que se uimgua bẽ do tempo que perdeo
en toledo por que ate as dez y omze mujtas uezes esta na cama e
se trabalha como estes framenguos seus djzẽ nã uj nunqua senhor
tal domjnguelho. beijo senhor as mãos de uosa merçe de seuilha en
sejs dabrjl de 1526 anos

a serujco de uosa merçe

antonjo dazeuedo coutjnho

Sobrescrito: ao mujto manjfcio e mujto prezado senhor o senhor
antonjo carnejro sacretarjo delrej noso senhor e do seu conselho

Corpo cronológico, part. I, maç. 84, doc. 25.

XXVI

Quitação dada por Carlos V de 51.370 dobras de oiro
por conta do dote da Imperatriz

Sevilha, 14 de Abril de 1526

Don Carlos por la diuina clemencia. electo emperador de los rro-
manos semper agusto Rey de alemaña de Castilla de leon de
aragon de las dos seçilias de ierusalem de navarra de granada
de toledo de valençia de galizia de mallorcas de seujlla de çer-
deña de cordoua de corçega de murçia de iahẽ de los algarues
de algezira de gibraltar delas yslas de Canaria e delas yndias
yslas e tierra firme del mar oçeano. condes de barçelona. senores
de vizcaya de molina. duques de athenas e de neopatria. Condes
de ruysellon y de çerdania. marqueses de oristan y de goçiano
archiduques de avstria. duques de borgoña e de brauante. Con-
des de flandes e de Tirol etc Por la presente dezimos que somos
contento y pagado. del serenissimo y muy poderoso e muy exçe-
lente príncipe don Juan Rey de portogal. nuestro muy caro y muy
amado hermano y primo. hy de vos hernandaluarez su thesorero
en su nonbre de çinquenta y vn mjll y trezientas y setenta doblas
de oro castellanas. A rrason de trezientos y sesenta y çinco mara-
vedis la dobla E mas çinquenta maravedis que monta todo. diez e
ocho cuentos y seteqientas y çinquenta mjll maravedis los quales son
pera en cuenta delas nueveçientas mill doblas de oro castellanas

365 mrs 1/2

1712

Dec. 875 000

del dicho preçio de a tresientos e sesenta y çinco maravedis la dobla quel dicho señor Rey de portogal esta obligado a nos dar en docte y casamjento. con la emperatris doña ysabel Reyna despaña. mi muy cara E muy Amada muger. delos quales dies e ocho cuentos e seteçientas y çinquenta mill maravedis a buena cuenta de las dichas noveçientas mill doblas. nos damos por contento e pagado A toda nuestra voluntad. Por quanto se entregaron por nuestro mandado en dineros contados en Flandes a hernando de bernuy vezino dela villa de enveres en nombre de iuhan de adurça nuestro argentier. los quales dies e ocho cuentos y seteçientas y çinquenta mill maravedis nos fueron pagados en çinquenta mill ducados de a ochenta gruesos el ducado. moneda de flandes por que asy fee conçertado y asentado. conel dicho fernandaluares que nos pagase los dichos çinquenta mjl ducados del dicho preçio. por las dichas çinquenta y vn mill y trezientas y setenta doblas de oro y çinquenta maravedis sigujendo la forma del asiento del dicho Casamjento. los quales dichos çinquenta mill ducados dela dicha moneda, son de mas y allende de otros çinquenta mjl ducados quel dicho fernando de bernuy en nombre del dicho nuestro argentier ha de resçebir y cobrar por otra parte en cuenta delas dichas nueveçientas mjl doblas. de que dimos otra tal carta de pago como esta E de la mjsma data. En firsesa de lo qual dimos la presente firmada de nuestro nombre e sellada con nuestro sello conforme al asiento del dicho Casamjento. fecha en la çibdad de seujlla. A catorze dias del mes de abril. Año del nasçimjento de nuestro saluador iesu christo de mjl e quinientos E veynte y seys años.

yo el Rey.

yo Francisco de los Couos secretario de su çesarea e Catholica magestad la fize escreuyr por su mandado.

Gaveta 17, maç. 5, n.º 23.

XXVII

Carta do embaixador António de Azevedo Coutinho a D. João III

Sevilha, 14 de Abril de 1526

Senhor — depojs de partjdo mexja eu falej ao enperador sobre comelujr o negoejo de maluco dandolhe a carta de uosa alteza e os agardjeimentos de asi auerse contentado dos capitulos que en toledo lhe dej ele se remeteo ao chançarel e loguo tjue maneja como os juntase todos os que nesta negoçeaçaõ entendem e loguo na quela

junta forã nomeados por procuradores pera capitolar o mesmo grã Chança-rel dõ garça o confesor e caruajal. fizerã fazer o poder y esta feyto ontẽ se auja de asjnar e ate agora nã esta posta duujda en parte alguã dos capitulos. Espero que nã se pora por que eu me tenho aujdo senpre por bẽ respondjdo ante eles na queles capitulos e numqua os uj enbaraçar. enpero auendo duujda terej nela a maneira que uosa alteza manda. E na enperatrjz pera isso acho toda boa uontade pera o quẽ conprjz a serujço de uosa alteza e asj mo tem djto que todas as uezes que for necesarjz que lho lenbre e que fara tudo o que puder. e eu asi o creio enpero numqua lhe falarej sem ultjma neçesjdade por que serja enfraquecer a opjujã que eles uão tendo de uosa justjca. isto esta asi ordenado pera o prjmeiro dja que nos todos juntarmos que nã auendo duujda nos capitulos acabaremos o asiento a meu parecer ./.

uosa alteza nã me escreueo sobre o tenpo .s. pera quando se ajuntarjã estes nomeados na raya e eles me mandarã perguntar polo sacretarjz dentro de que djas se asentarja que se juntasem eu respondj que loguo que fosse dentro de hũ mes responderame que nõ podja ser por que o enperador tĩha os seus muj deramados hũs na curunha. y outros en burguos e ualhadoljd. e ficou asj ate nos juntarmos porque se o chãçarel apartou pera despachar certos jtaljanos de presa e somente a jsto uay lujs homẽ da mĩha parte por que uosa alteza ueja sobre o tenpo que se ande ajuntar o que manda E nã ujnido reposta ante de nos ajuntarmos trabalharej que seja o menos que puder.//.

os seus nomeados que uosa alteza quer saber ao que tenho sabido do sacretarjz sam os mesmõs . . . ano ¹ pasado se algũ nã for morto e de serẽ estes me pesa de dous a saber do dõ fernando culã e do licenciado manuel por que he ujlã contumaz que nele nã fara majs mella o tomar o sacramento que eu tomar outra coisa o cunha me falou agora e na pratjqua me dise que com estas solejnjdades maxjme conjurar o enperador que fo[l]garja que desem a justjça a quẽ a tiuese que loguo farjã justjça e que sus auoilas forã portuguesas y que por portugal aujã perdido quando entrara el rey dõ afonso mas que todo esperauã cobrar agora com a enperatrjs eu lho certifiquej que com ela cobrarjã tudo. e que esta materia nã era de perder mas de ganhar. e que nã aconteça senpre de maneira que uejo nele esperã ca . . . se saluar no juramento do enperador que o seu era por de majs segundo me parece ./.

ao que uosa alteza diz que dos terçeiros serẽ da faculdade serja

¹ Está roto o papel neste ponto, e em mais alguns para diante.

nã aquabar nunca ./, eu senhor nã adj estes pontos por serẽ neçesarios que eles de drejto sam a saber que as testemunhas jurẽ en presença das partes ou de seus procuradores. tirando os casos exçeituados de drejto he certo. mas eu decrarejo por que nã fizesem o contrajro como fizerã o ano pasado en badajoz. asi mesmo de drejto esta que os jujzes da causa examjne as testemunhas majormente en causas tam arduas e tam cheas de sospeita enpero eu pulo decrarado polo que lhes uij e uejo fazer. e quando ja forem contra o decrarado auergonharseam majs. que se o tratar fose com outra gente. mujtas cousas se asentã que de drejto sam superfluas. mas com estes nunca myngoia que nã djgua que antes o dreyto diz o contrajro. e tudo jsto eu uij o ano pasado. e conheci toda mjunha uida. que me crjej entre eles de idade dõze anos. e tanto ha que uij cõ el rey seu padre nã sendo ajnda levantado rey e traballej por saber com que o serujr. y a uosa alteza ate agora que sam jam merjdjam preter egresus./, E por que nos casos nã decrarados se o drejto for por eles sendolhe necesarjo aprouejtarseam dele. e nã sendo desenuergonharseam com ele. propterea decrarej que os terçeijos fossẽ da facultade por que eles nã fizesem o contrajro querendo o que da parte de uosa alteza se nã podja fazer por que nos jrjã a mã de drejto a saber por que os arbjtros desta caljdade an de proçeder e julgar segundo drejto o que nã podera fazer quẽ dreito nã souber. e se na causa da posse matea en drejto tam ardua onde mujtos muj doctos se enganarã como uemos per suas lejturas uosa alteza tomase por terçeijo hũ que letrado nã fosse nã.... fiquarja a justjça de sua parte. antes auerja resã de reprimuar./, quanto majs que posto que de drejto hũ homẽ sem letras posa ser juiz quando os contrahentes esquilhẽ hũ genero dartistices pera hũa determjnaçã os terçeijos que aqueles tomarẽ am de ser daquela profissam por que as partes sam ujstas querer aqujlo cuja uontade se a de sigujr saluo quando as partes outra cousa disesem expreso e por que nã se dezia nestes capitulos outra cousa expresamente saluo que a causa possesorja se determjnase per letrados... discordes tomasem terçeijos. estes senhor polo que tenho djto aujã de ser jurjstas de drejto. y eu nã no decrarej saluo por que era asj drejto e porque trataua com esta gente onde toda cousa uellada ou escura retorsem como mjllhor lhes uẽ que a tratar com outro genero de homẽs escusado fora dezelo que os terçeijos fossẽ jurjstas por que asj se entendja de drejto. mas filo por que tudo o nã expreso faz por eles se lhes uẽ bẽ y a esta causa uon senpre a medo decrarando tudo e çertifico a uosa alteza que sam todo cheo de caãs de medo que mujtas ueses como me conqẽdẽ algũa cousa a meu proprjo pidj-

mento concedida torno a duujdar se jaz ahi outra cousa. e por jsto me decraro posto que seja uergonhoso pera mj expresar en parte o que ... concede de drejto mas paso tudo por que com eles tudo he necesarjo./. jsto quanto aos tercejros serẽ jurjstas auendo deferença na causa da posse./. que quanto aos estroleguos e pilotos e marjnhejros posto que eu ua... que os tercejros sejam tajs. as capitolações o djzem a saber que astrologuos e pilotos o uejã e pois as partes escolherã este genero nã se pode al fazer saluo se outra cousa se agora contratasse mas fiquando en aberto asi se entende y eu estes entendjmentos decrarejos por que como diguo todo o cuberto faz por eles./. e nã podja pera majs justificaçã ser outra cousa por que sendo duujda entre os astroleguos./. nã sej eu como o crauejro ou o almjrante antonjo dazenedo jrjã lançar huã ljnha imaginaria de polo a polo. pojs nesta causa de posse eu certifico a uosa alteza que pera nela ser juz que nã abasta ter bõ zelo a quẽ pera determjnalos tomar o sacramento letras e sotileza dengenho he compre boa companhia de ljuos e boa djljgencia en uelos. que os que de qua uão tẽ de qua dõ gareja e caruajal que outra cousa nã fazẽ como la sam saluo estudar e mandarlhes aujso y andã cheos de liuros./. asj senhor que por estas causas decrarej que os tercejros fossẽ da facultade. e por que tambẽ nã uejo resã de auer djlacã mais en hũs que nos outros. mas com tudo posto que dej estas decrarações pera que uosa alteza ujse se como me mouera a decrarar aqujlo. todauja fiquara como me uosa alteza manda./. desta materea nã ha majs e todauja uosa alteza deuja senpre mandar algũs de seu conselho e letrados que cujdasem algũa uez nesta materea por que ha pontos mujtos nela e estamos na concrusam e na capitolaçã e sam ... outros quatro. por que ajnda que algũa cousa se tarde jrja tudo majs decrarado e majs olhado. nas doaçoẽs da euperatrjz entendemos agora todos juntos a saber ruj telez andre pirez e fernã dalurez e o doutor ... e na principal nã na pudemos aquabar atẽ o doutor jr a tomar as posses e aujrjgoar o que rendẽ e pera as tomar leua outras doaçoẽs partjculares de quada cjdade e ujla partjra esta somana que uem e nã pode prymeyro por que jsto teue e tẽ tantos biquos. que nã sam pera escreuer e sam pera ter e somos juristas e fazjamos e desfazjamos per partes e agora dej ordẽ que nos juntasemos senpre pera fazer. a doaçã da ypotequa fezsẽ e desfese tres uezes. y a esta causa nã nas leua lujs homẽ fazense duas orjgjnajs de quada cousa pera que la uosa alteza tenha hũas e qua outras / En sua casa ajnda se nã fez nada medo tenho que toquarã asj as penas rajajs como as outras. a quanto creio e tenho aujso e da parte das penas se da mujta ocasião pera

mudalas neste majo sam particularidades que outros escreuerã por que eu njsto nã tenho de uosa alteza instruçã E por e tambẽ creio que njsto nã a uaj a serujco de uosa alteza por que aljas farja o que pudẽse ./.

o enperador anda muj namorado da enperatrjz e tam cheo de contentamento que me remjto njsto aos que entende esta mate- rea praza a deos que asj seja senpre por que uosa alteza seja mjlor serujdo nesta tera ./.

de frança senhor veo polas postas o comendador penha losa e ao tempo de sua partjda ajnda la nã era o poder do enperador que a uosa alteza eseruj que el rey de frança pedja pera auer de ratificar./.. ele partju de bajona desculpandose açaz leuemente de se partjr e nã esperar a rajnha dezendo que a gente era mujta que o ujnha a uer e que nã auja mantimentos. e partiase com jsto na uolta de parjs y era ja a partjda deste ujnte e ejnquo legoas dalem de bajona de sua uerdade. e amjzade ha aqui pouqua confjança antes uay de todo parecendo que esquerdea e dilata por saber o estado da jtalja e uay djlutando o que pode o enperador djsjmulã e djz que espera que ele cumpra mas o que a todos parece o negoço esta ja nas maos de deos como doente. o grã chançarel como foy de contrajro parecer anda tam ledo e djz craro que o enperador foy uendjdo polos de seu conselho. / a rajnha esta en ujtorja e majs creio que tornara pera burguos que jra a bordeos onde el rej esta segundo o que parece. e na uerdade ela se foy uer com el rey de frança en toledo de tal ... tornada ou touquada tam a donzela que foy justa causa pera el rey de frança poder romper as capitolaçoẽs e outros majs fortes ujnculos ./.. italia senhor esta enbarçada todos tẽ gente sem se decrarar. o papa escreueo more soljto que fossẽ tomar a coroa nã manu armata./.. borbõ esta en barcelona sem pasar nem sem auer en que nẽ com que pasar. uendeo huã sua ... per trinta mjl duquados. e creio que tanto lhe fiquara de seu estado segundo as cousas se mostrã ./.. os grandes nã djsjmulã o prazer destas aparencjas e creio que o mostrarjã craro se fosse ja de todo certo este nublado por que na uerdade o enperador nã lhes mostrou majs amor des que casado que antes. agora se encerra majs com framengnos e os que agora tẽ sam moços que os outros todos sam jdos en negoçoẽs. y estes publicam tantas particularidades de seu fauor que ate as que sam entre ele e a enperatrjz se djzẽ asj que esquandeljzã a tera./.. ao presente senhor nã ha majs. uerdade he que qua foy esta somana grande aluoroço que o infante dõ lujs seu jrmão ujnha qua polas postas /en tanto que lhe fazjã aposento pera os seus no paço onde ele auja de pousar com o enperador e creio que meteria esto

que lho eu nã ouuj majs que quanto mo djserã e como jsto seja materea tam deliquada nã me parece nela nada enpero uosa alteza nã deuja dar de si tanto a njnguê que toquase semelhantes cousas que debaixo da facilidade dela jazẽ mujtas outras cousas perdoeme uosa alteza o atrjuimento que o desejo de o seruir o causa ./.

da quj senhor nos partjmos a grada djzẽ ate ujnte e cijnquo deste mês e que nã seja tam cedo a de ser em maio por que en majo ha de fazer cortes en grada pera dahj se jr a ualenca e a bårcelona posto que eu cujdo que antes tornara a burguos segundo as cousas de frança estã /. en grada senhor e dahj por djante nã ha aposentadarjas e sam teras mujto caras. e asj mesmo senhor me deuẽ estes dous meses de março e åbrjl. e la nã esta lucas bejgarej as mãos a uosa alteza mandarmo dar em fernã dalurez. dalgũ tenpo por me qua nã uer en necesjdade. e auendo de jr pera majs longe façame uosa alteza merçe de hũ credito por que nã jrã tantos correos. e se o gastar sem se comsumjr en meu ordenado pagarej muj bẽ que nã no pjdrej a uosa alteza que me faça dele merçe. nẽ no tomarej do banquo sem neçesidade diguo senhor jsto por que esta corte he tam. de dinejro que se nã pode erer. e causase jsto por que o enperador nunqua pagua e deue tres quatro anos as moradjas e majs creio que se uay pera aragã que fiquaram qua todos os que eu conheço que podjã njsto ajudarme. praza a noso senhor a ujda e rayal estado de uosa alteza creça per mujtos anos. bejjo senhor as rajajs mãos de uosa alteza. de seujlha en xiiij dabrjl de 1526 anos. parte en dezasejs djas ouue justas a que forã o enperador y a enperatrjz forã como sam as outras cousas desta terra e mjngoulhes jrẽ riquos o que sojã fazer. e no majs nã perderã o custume a laxao fizerã este sabado grã merçe e njsto remjtome a fernã dalurez.

antonjo dazeuedo Coutjnho

Sobrescrito : a el rey noso Senhor.

Corpo cronológico, part. I, maç. 82, doc. 80.

XXVIII

Carla de Lourenço Garcês a D. João III

Sevilha, 15 de Abril de 1526

Senhor — poderã dar maa rezam ante vosa alteza de mjnha tardoança se meu despacho nõ dependera de vontades alheas. mas como asi seja por muito que procurei breuidade nõ pude mais alcançar que o que he feito cujas particularidades atee o presente lhe nõ

escreui por que o marques. que sobre si tomou o carregio que o trazia em Regimento. as escreueo a vosa alteza. E mais largamente lhe teera diso dado conta per palaura. mas depois de sua partida sempre se trabalhou em se acabarẽ de fazer as doaçoẽs e priuilegios da senhora emperatriz como compre a seruiço de vosa alteza e seu. / e desta mesma maneira se asentarã alguũas duvidas que aqerqua diso naqerã. / fazemse tambem cartas do emperador particulares a cada cidade e villa e manda pesoa cõ que juntamente vaa. e outras semelhantes cartas manda a senhora emperatriz a suas terras. // aqerqua das rendas se tomou asento que quando eu for liquide as de suas terras e as aparte de outras de senhorios cõ que juntamente atee ora andarã em aRendimento sem distincã do que a cada hũa cabia. a cuja causa nõ se pode ca determinar pellos liuros da fazenda do emperador a soma e çerta quantidade dellas. e daqui tambem vem. que nõ se podem loguo fazer as cartas das mais Rendas que lhe asentã fora de suas terras. por que sem çerteza de quanto as suas apartadamente Remdem. nõ se pode saber quanto he o Reste que nas outras terras se lhe ha de asentar. E porem leuo pera ellas carta per que me deẽ autos e deixem fazer quaesquer diligencias aqerqua da verificaçam do que liquidamente rendẽ e isto pera em todo comprir o que vosa alteza em seu Regimento me manda. / posto que ca se ha por muy çerto que ha verdade disto muy inteira esta nos liuros da fazenda. e que la se perde tempo por nõ aver liuros nõ outra çerteza senã a dos mesmos Rendeiros os quaes outro si de qua leuam suas cartas e prouisoẽs pera serem paguos. / E quanto aas dez mil dobras do almoxarifado de seuilha estam muy çertas e craras. e pasase loguo mandado pera que se aRecadẽ a seus tempos. e a carta geeral diso se ha de fazer cõ toda a outra soma juntamente por que toda ha de seer huũa. E acabadas senhor as prouisoẽs de tudo que espero sera esta somana me partirei loguo deos prazendo a comprir esta jornada mais longa do que parecia. asj pellas muitas legoas que ha da qui aas çidades e villas onde vou. como pella muita distançia que ha de huũas a outras. a qual a mym parece breue pellos grandes desejos que tenho niso e ã tudo servir a vosa alteza. cujos dias de vida e Real estado deos noso senhor em longos annos prospere e acreçente. de seuilha quynze dabrill de 1526 ./

Lourenço garçees

Sobrescrito: A el Rey noso senhor.

Corpo cronológico, part. I, maq. 84, doc. 28.

XXIX

Carta do tesoureiro Fernão d'Álvares ao secretário António Carneiro

Sevilha, 18 de Abril de 1526

Senhor — per llus homem espreny todo o que avya pera dizer e depois chegou aqui francisco pessoa esta noyte pela posta e me disc que trazia carta de sua .A. feyta per vosa merçe que lhe entregase officio de thesoureiro da enperatrjz lloguo o que eu senhor farey cõ muyto boa vontade ajnda que çertefico a vosa merçe que per mão do doutor antonio dazeuedo e de tomas Rodrigues mayosynho me danam por elle oyto myll cruzados na mão e que caa sobiram por que vall quaa muyto e avya muytos que ho desejam porem contudo follgo porque he synall de me yr lloguo e tyro jsto por deserçam por que se me quaa ouuera de deter allguñs dias por os negoços principaes cõ este achaque de thesoureiro da emperatriz ouuera de ser e asy mo dyzia llaxao pera mjlhor desymullaçã porẽ senhor eu follgo tanto que lho nõ sey dizer e a osadas que cumpra bem tudo o que sua .A. manda beyjarey as maos de vosa merçe mandarme a Reposta das pasadas pera de todo desamarrar e mandeme Recado se lleyxarey allgũa cousa dito ou Reuellido a antonio dazeuedo ou a francisco pessoa e de todo o que sua .A. ha por seu seruyço que se fasa e aqui lhe mando hũa breue pera sua .A. do que neste dia mays subcedeo beyjo as maos de vosa merçe de seujlha a xbiiijº dias de abrijl de 1526

seruydor de vosa merçe

Fernãdallvarez

Sobrescrito: Ao manífico senhor o senhor Antonio Carneiro do conselho delRey noso senhor e seu secretario meu senhor etc.

Sumario: de fernãdalvarez pera mym que trouxe ho matello.

Corpo cronológico, part. I, maç. 34, doc. 31.

XXX

Obrigaçãõ da restituicãõ do dote da Imperatriz

Sevilha, 29 de Abril de 1526

Don Carlos Por la divina clemencia Electo emperador semper agusto Rey de alemaña doña Juhana su madre y el mismo don carlos

por la gracia de dios Reyes de castilla de leon de aragon de las dos
 çegiljas de jersusalin de navara de granada de toledo de valençia de
 galizia de mallorcas de senjlla de çerdena de cordova de corçega de
 murçia de jahen de los algarbes de algesira de gibraltar de las
 yslas de canaria E de las yndias yslas e tierra firme del mar oçe-
 ano condes de barçelona Señores de vizcaya e de moljna duques
 de athenas y de neopatria condes de Ruysellon y de çerdanja mar-
 ques de oristan E de goçiano archiduques de abstria duques de
 borgoña e de bravante condes de flandes E de tirol etc. Por quanto
 al tiempo que por la gracia de dios nuestro señor se conçerto y
 asento casamiento entre mj el dicho emperador E Rey e la yllus-
 trissima señora doña ysabel ynfanta de portogal emperatriz Reyna
 despaña que agora es my muy cara e muy amada muger se con-
 çerto E asento quel muy poderoso Rey don Juhan de portogal nues-
 tro muy caro e muy amado hermano primo con qujen se contrato e
 asento el dicho casamiento nos diese e pagase en dote e casamiento
 nuevecientas mjll doblas de oro castellanas a preçio de tresientos y
 sesenta y çinco maravedis la dobla pagados en moneda de oro e
 plata en el numero de las quales entrasen veynte e tres mjll e se-
 senta e seys doblas que la dicha emperatriz e Reyna que agora es
 ovo y heredo por falleçimiento de la serenjssima Reyna doña ma-
 ria su madre que sancta gloria aya. las quales dichas nuevecientas
 mill doblas el dicho Rey de portogal nos diese e pagase a çiertos
 plazos E en çierta forma e manera en la dicha capitulaçion conthe-
 njda descontando dellos otro tanto quanto valjese la planta e joyas
 de oro e piedras e perlas que la dicha ynfanta emperatriz Reyna
 truxese consigo e que conteçiendo soluçion o separaçion del matri-
 monjo entre mj e la dicha ynfanta por qualqujer modo que sea que
 yo el dicho emperador E mis herederos E subçesores seamos tenjdos
 e obligados de Restituyr e pagar a la dicha ynfanta emperatriz
 Reyna que agora es E a sus herederos E subçesores por lñea dere-
 cha deçendientes dentro de quatro años primeros sigujentes despues
 que fuere soluto o separado el matrimonjo todolo que ovieremos
 Resçebido de la dicha dotte E que siendo caso lo que dios no
 quiera que la dicha emperatriz e Reyna que agora es fallezca sin
 hijos o desçendientes de mj el dicho emperador que la deva por
 derecho de heredar que la dicha dotte sea tornada e Restituyda por
 mj e por mjs herederos e subçesores al dicho serenjssimo Rey de
 portogal E a sus herederos y subçesores sin contienda ni embargo
 alguno Saluo tresientas mill doblas del dicho preçio que es la terçia
 parte del dicho dotte en que entraran las dichas veynte y tres mjll
 e sesenta y seys doblas que la dicha emperatriz e Reyna heredo E

ovo por fallesçimjento de la dicha Reyna doña maria su madre de las quales dichas tresientas m^jll doblas la dicha enperatriz E Reyna pueda disponer testar e hazer conmo de cosa suya propia. E que seyendo caso que yo el dicho emperador fallesçiere primero que la dicha emperatriz no quedando hijos o otros deçendientes de amos a dos lo que a dios no plega que en tal caso toda la dicha dotte sea tornada e Restituyda a la dicha emperatriz e Reyna E por fallesçimjento della al dicho R^ey de portogal su hermano e a sus herederos e subçesores quitando las dichas tresientas m^jll doblas de que ella pueda disponer e hazer lo que quisiere como dicho es. E que en caso que la dicha emperatriz en su vida no disponga dellas que las dichas tresientas m^jll doblas sean Restituydas al dicho Rey de portogal e a sus herederos E subçesores como es dicho que se ade hazer de toda la otra parte del dicho dotte. E otrosi que yo el dicho emperador diese en arras a la dicha ynfanta emperatriz e Reyna que agora es por honrra de su persona tresientas m^jll doblas de oro castellanias del dicho valor de tresientos y sesenta y çinco maravedis la dobla que es la terçia parte del dicho dotte. las quales dychas tresientas m^jll doblas la dicha emperatriz aya por arras en todo caso qujer tenga hijos de m^j el dicho emperador o no siendo acabado o separado el dicho matrimonio entre nos otros por qualqujer manera que sea E que si la dicha emperatriz fallesçiere antes e primero que yo el dicho emperador que en tal caso no aya n^j pueda aver las dichas arras ni cosa alguna dello E que en caso que las aya de aver como dicho es le sean pagadas a ella e a sus herederos e subçesores como cosa de su propio patrimonio dentro de quatro años contados desde el dia quel dicho matrimonio fuere soluto[o] separado e sy al tiempo que asi el dicho matrimonio fuere soluto o separado no fuere pagado la dicha dotte que la dicha emperatriz e Reyna aya e le sea Restituydo por arras en caso que las aya daver solamente otro tanto quanto montare el Respeto de lo que al tiempo estoviere pagado de la dicha dotte E a este Respeto sueldo por l^bra se le ayan de pagar lo que montar en las dichas arras E que para seguridad de la dicha dotte e arras se obligasen e ypotecasen todos los bienes muebles e Rayzes patrimoniales e fiscales de m^j el dicho emperador E que se obligasen e ypotecasen espeçialmente çibdades e villas destos n^uestros Reynos que para ello se nombrasẽ con todas sus Rentas termjnos e juridiciones çeuil e cremynal alta e baxa mero m^jsto ymperio con todos los derechos E pertenençias que yo el dicho emperador agora he E devo aver en las dichas çibdades e villas que la dicha emperatriz e Reyna que agora es en caso que la dicha dotte y arras se aya de Restituyr Aya veynte

→ Arras

mill ducados de oro de Renta en cada vn año entretanto que la dicha dotte E arras no le fuere pagado E Restituydo e tenga e posea las dichas çibdades e villas con todas sus Rentas E derechos E juridiciones e señorios dellas enteramente conmo al libre y entero señorio dellas perteneçe E deve pertenesçer. E que si en las dichas çibdades e villas que ansi fuesen nombradas e ypotecadas para la dicha seguridad no oviere tantas Rentas que valga los dichos veynte mjll ducados de Renta en cada Año por ser dados por mj o por los Reyes mjs progenitores de gloriosa memoria que en tal caso lo que menos de los dichos veynte mjll ducados de Renta en cada año bailieren las dichas Rentas de las dichas çibdades e villas sera cumplido y asentado a la dicha emperatriz e Reyna en otras Rentas buenas y seguras para que enteramente por si E por sus ofiçiales aya los dichos veynte mjll ducados de Renta en cada vn año entretanto que la dicha dotte y arras no le fuere pagado E Restituydo conmo dicho es con tal declaraçion que acaeciendo vacar las Rentas que fueren dadas en las dichas çibdades E villas que asi fueren ypotecadas luego vengán y sean entregadas a la dicha emperatriz en cuenta de los dichos veynte mill ducados E le sea quitado E abaxado otro tanto de las Rentas que le fueren dadas e señaladas fuera de las çibdades e Villas de la dicha ypoteca de manera que siempre tenga enteramente cumplimjento de los dichos veynte mjll ducados de Renta en cada año conmo dicho es E que los dichos veynte mjll ducados de Renta que la dycha emperatriz asi a de aver en cada vn año en las rentas de la[s] dichas çibdades y villas y en las otras donde le fueren asentados como dicho es no se ayan de descontar de la dicha dotte E arras nj parte dello. E que dende agora yo el dicho emperador aya de hazer E haga donaçion a la dicha emperatriz e Reyna mj muger que agora es y a sus herederos de todas las dichas Rentas e juridicion e cosas sobre dichas hasta que le sea pagada la dicha dotte y arras enteramente. la qual dicha dotte y arras le sea pagada desde el dia quel dicho matrimonio fuere soluto por muerte o por algund otro modo en que se aya de pagar e Restituyr hasta quatro años primeros siguyentes como de suso dicho es. E que lo que toca a la dicha ypoteca aya lugar. E se entendera tambien en caso que la dicha dotte aya de venjr E Restituyrse al dicho Rey de portogal conmo de suso se contiene Segund que todo mas largamente se contiene en el asiento y capitulacion que sobre lo que toca al dicho casamjento se hizo el qual dicho asiento y capitulacion yo el dicho emperador E Rey antes que me desposase con la dicha yn-fanta emperatriz E Reyna en la çibdad de toledo a veynte e tres dias del mes de otubre de quijuntos y veynte E çinco años en pre-

sençia de algunos de mj consejo del estado e de antonio de azevedo cutiño embaxador del dicho señor Rey de portogal por ante Juhan aleman nuestro secretario aprobe y consenti E ove por bueno e jure en forma de lo guardar E cumplir en todo e por todo segund que en el se contiene E agora de nuevo si nesçessario es desjimos que lo consentimos loamos E aprovamos en todo e por todo. E queriendo cumplir y efetuar lo en el conthenjdo en quanto toca E atañe a lo que de suso va declarado. desjimos que nos plaze. E yo el dicho emperador soy contento de tomar E Resçebir en dote con la dicha ynfanta doña ysabel emperatriz Reyna que agora es las dichas nueveçientas mill doblas de oro en dote y casamjento en que entran las dichas veynte y tres mjll y sesenta E seys doblas que ovo y heredo de la dicha Reyna doña maria su madre con las condiçiones E obligaciones E vinculos e modos e Restituçiones e segund y de la forma e manera que de suso va declarado y espaçificado e segund se contiene en el Asiento y capitulaçion del dicho casamjento. de las quales dychas nueveçientas mjll doblas o de la parte que dellas Resçibieremos daremos y entregaremos a la parte del dicho señor Rey de portogal nuestras cartas de pago e fin e qujto escriptas en pargamjno e firmadas de nuestro nombre e selladas cõ nuestro sello en forma las mas firmes E bastantes que convengan. E por la pressente obligo todos mjs bienes muebles E Rayzes patrimoniales e fiscales que agora he E avre de aquj adelante que vinjendo caso por que conforme a lo de suso conthenjdo se ayan de tornar e Restituyr los bienes de la dicha dote o lo que dellos toviere Resçebido o parte dellos a la dicha emperatriz mj muger que agora es o al dicho señor Rey de portogal o a sus herederos y subçesores o a qualquier dellos que lo tornare e pagare e Restituyre en el tiempo e segund e como E por la forma e manera que en el dicho asiento y capitulaçion es conthenido llanamente sin pleyto nj contienda alguna E otrosi cumpljendo y efetuando lo conthenido en el dicho asiento y capitulaçion. por la pressente acatando la grand virtud del sancto sacramento del matrimojno E a los provechos que del naçen mayormente entre los Reyes e prinçipes de cuya deçendencia e generaçion los Reynos han de ser Regidos e gobernados e tenidos en paz e justicia e como las ynfantas e personas de alta genelosia e sangre quando hazen matrimojno an de ser mucho honrradas y dottadas para que tengan con que sustentar sus personas casas y estado E galardonar y hazer graçias e merçedes a los que bien y lealmente le sirvieren. E considerando las cosas suso dichas E queriendo hazer çerca desto aquello que siempre vsaron e acostumbraron hazer los emperadores e Reyes E señores de donde yo vengo en sus casa-

mientos y matrimonjos. Por esta pressente carta de mj propia e libre e propia voluntad sin yndusimiento Alguno otorgo e conozeo que doy en arras a vos la dicha ynfanta doña ysabel emperatriz e Reyna que Agora soys por Razon de vuestra persona E merescimientos e del dicho nuestro casamiento tresientas mjll doblas de oro de valor de tresientos y sesenta e cinco marauedis la dobla que montan çiento e nueve quentos y quijentas mjll marauedis de la moneda que agora corre en castilla que hazen dos blancas viejas vn marauedi. las quales dichas trezientas mjll doblas Los ayays e tengays en arras e por arras aviendo e tenjendo hijos de bendiçion de mj el dicho emperador o no los aviendo siendo acabado o separado el dycho matrimonio entrè nos otros por qualquier manera salvo si vos la dicha emperatriz Reyna que agora soys falleçieredes primero que yo el dicho emperador vuestro marido que en tal caso vos nj otro por vos no ayays ni podays aver las dychas arras nj cosa alguna dellas E que en caso que las ayays de aver como dicho es vos sean pagadas a vos E a vuestros herederos y subçesores como cosa de vuestro propio patrymonjo dentro de quatro años contados desde el dia quel dicho matrimonio fuere soluto o separado contanto que si al dicho tiempo no fueren pagadas las dichas nueveçientas mjll doblas que con vos me fueron mandadas en dotte y casamiento que vos ayays e vos sea Restituydo por arras en caso que las ayays de aver otro tanto dellas solamente como montare al Respeto de lo que fuere pagado de la dicha dotte e por este Respeto sueldo por libra de lo que por nos estoviere Resçebido E para tener E guardar y conplir e pagar todo lo conthenjdo en esta escriptura asi en lo que toca a las dichas nueveçientas mjll doblas del dicho dotte como a las dichas tresjentas mjll doblas que vos doy en arras a los plazos y segund que de suso se contiene. Dende agora yo el dicho emperador obligo E ypoteco todos mjs bienes muebles E Rayzes patrimoniales e fiscales avidos E por aver y espeçialmente obligo e ypoteco para la seguridad y paga de todo ello las çibdades de vbda e baeça e andujar con todas las Rentas E termjuos e juridiciones çeujll e cremjnal alta e baxa mero mjsto ynperio e con todos los derechos y pertenencias que yo el dicho emperador tengo e devo tener en ellas en qalquier manera E queremos y es nuestra voluntad que en caso que la dicha dotte E arras o cosa alguna dellas se aya de Restituyr conforme a lo que dicho es que vos la dicha emperatriz Reyna ayays E tengays veynte mjll ducados de oro de Renta entretanto que la dicha dotte y arras no vos fueren pagadas e Restituydas en cada año que montan siete quentos E quinientas mjll marauedis e poseays las dichas çibdades de vbda y baeça y an-

garueta

dujar con todas sus jurisdicciones e señorío e Rentas dellas enteramente como al libre y entero señorío dellas pertenesçe E deve pertenesçer contanto que de lo que montaren las dichas Rentas se ayan de pagar e paguen ante todas cosas los marauedis que al dicho tiempo oviere desituado e saluado en ellas a las personas que los ovieren de aver conforme a sus preujllejos e merçedes que no sean de los Revocados E que de lo Restante vos la dicha emperatriz o qujen por vos los oviere de aver ayays e tengays E lleveys de Renta en cada vn año los dichos veynte mjll ducados de oro conmo dicho es E que si lo que montar en las dichas Rentas pagados los situados e otras cosas que dello al dicho tiempo se deviere pagar no montar en los dichos veynte mjll ducados que en tal caso lo que faltare sea cumplido E asentado en otras Rentas buenas e seguras para que vos la dicha enperatriz por vos e por vuestros ofiçiales o a qujen vuestro mandado oviere ayays e lleveys e gozeys los dichos veynte mjll ducados de Renta en cada año enteramente entretanto que la dicha dotte e arras no vos fuere pagada e Restituyda conmo dicho es E que si despues que vos fueren dadas y entregadas las dichas çibdades de vbeda e baeça e andujar que a un vos señalamos E ypotecamos para lo suso dicho vacaren y se consumjeren e desempeñaren en qualquier manera de las Rentas dellas quales quier marauedis de pan o vino o otra cosa de juro o de por vida que lo lleveys e gozeys vos la dicha emperatriz en cuenta de los dichos veynte mill ducados E se vos qujte E abaxe otro tanto de las otras Rentas que fuera de las dichas çibdades de vbeda e baeça e andujar fueren dadas y señaladas para cumplimjento de lo suso dicho de manera que siempre tengays enteramente cumplimjento de los dichos veynte mjll ducados de Renta en cada año como dicho es. E que los dichos veynte mjll ducados <de Renta en cada año como dicho es. E que los dichos veynte mjll ducados> ni parte dellos no se aya de descontar nj descuenta de la debda prinçipal del dicho dotte e arras nj de cosa alguna dello e por mas seguridad desto dende agora para entonçes E dende estonçes para agora yo por la pressente de mj propia libre E agradable voluntad hago donaçion a vos la dicha emperatriz E a vuestros herederos e subçesores pura perfetta y no Rebocable que es dicha entre bivos de todas las dichas Rentas E jurdiçion e cosas sobredichas hasta que vos sea pagada enteramente la dicha dotte y arras la qual dicha dotte E arras vos sea pagada desde el dia quel dicho matrimonio fuere soluto por muerte o por algund otro modo en que se aya de Restituyr e pagar hasta quatro años prymeros segujentes todo ello segund e conmo y por la forma E manera que se contiene en el Asiento y capitulaçion del dicho casamiento, la qual dicha

ypoteca e obligacion qujero que aya lugar e se estienda tambien en caso que la dicha dotte E arras aya de venir e Restituyrse al dicho serenjssimo Rey de portogal como dicho es E dende agora nos constituymos por thenedor e poseedor de las dichas çibdades de vbeda e bacça e andujar e sus terminos e juridiciones por vos y en nombre de vos las dycha ynfanta emperatriz o del que oviere de aver los marauedis de la dicha dotte E arras o qualquier parte dellos en tal manera que la obligacion espeçial no derogue ni prive la general ni la general a la espeçial e vos damos liçençia e facultad para que en caso que conforme a lo que dicho es en esta escriptura contenjdo ayays de aver los dichos marauedis del dicho dotte y-arraz o alguna cosa dello que vos o quien vuestro poder oviere por vuestra propia abtoridad sin nuestra liçençia E mandado nj de los Reyes nuestros suçesores nj de otro juez podays entrar e tomar la posesion de las dychas çibdades de vbeda y bacça E andujar con todas sus juridiciones e Rentas dellas e tenello e gozallo como al libre y entero señorio dellas pertenesçe e deve pertenesçer para en cuenta de los dichos veynte mill ducados pagando los situados e otras cosas que de las dichas Rentas se deviere pagar conmo dicho es que dende agora para entonçes e dende entonçes para agora vos entregamos y apoderamos en las dichas çibdades de vbeda E bacça e andujar con todas sus juridiciones e Rentas dellas enteramente como al libre y entero señorio dellas pertenesçe E deve pertenesçer para que lo podays tomar e tener e llevar E gozar hasta que sea pagado el dicho dotte E arras conmo dicho es E vos damos la posesion e señorio de todo ello. E mandamos al prinçipe heredero e ynfantes que por tiempo fuerẽ destos Reynos e al yllustrissimo ynfante don fernando nuestro muy caro e muy amado hijo y hermano e a los ynfantes perlados duques marqueses maestres de las hordenes Ricos homes E a los del nuestro consejo e oydores de las nuestras abdiençias alcaydes alguasiles de la nuestra casa e corte y cançillerias E a los priores comendadores y subcomendadores alcaydes de los castillos e casas fuertes e llanas E a todos los conçejos justicias Regidores caualleros escuderos ofiçiales e homes buenos de todas las çibdades e villas e lugares destos dichos nuestros Reynos e señorios asi a los que agora son como a los que seran daquj adelante E a cada vno e a qualquier dellos que vos guarden y cumplan todo lo dicho suso en esta escriptura contenjdo segund E como e de la manera que en ella se contiene sin que en ello ni en parte dello vos sea puesto embargo ni ympedimento alguno lo qual todo quremos e mandamos que asi se haga e cumpla no embargante las leyes que qujeren e disponen que no se pueda enajenar njnguna

çibdad nj villa nj lugar de la corona Real si no fuere otorgado en cortes en la forma y con la solenjdad en las dichas leyes conthenjda E otras quales quier leyes e hordenamjentos e prematicas sençiones que contra esto que dicho es o contra cosa alguna dello sean o ser puedan con las quales y con cada vna dellas nos de nuestro propio mutu e çierta sçiençia E poderio Real que en esta parte queremos vsar e vsamos conmo Reyes e señores no Reconosçientes superior en lo temporal aviendolas aquj por ynsertas y encorporadas abrogamos E derogamos en quanto a esto toca e atane quedando en su fuerça e vigor para las otras cosas. E mandamos a los nuestros contadores mayores que asienten el traslado desta nuestra carta en los nuestros libros que ellos tienen. E por que si las dichas çibdades de baeça e vbda y andujar ovierẽ de venir y ser entregadas a vos la dicha emperatriz o a qujen por vos lo oviere de aver para en prendas del dicho dotte y arras o de alguna cosa dello las Rentas dellas estan descargadas de situados les mandamos que de aquj adelante no asienten ni situen ni consientan de nuevo asentar nj situar en las alcaualas y terçias de las dichas çibdades de vbda y baeça y andujar nj de algunas dellas ningunos ni algunos marauedis de juro nj de por vida a ningunas yglesias ni monesterios nj concejos nj personas particulares avnque sean delos comprados o de merçed o en otra manera E que los marauedis que en las dichas çibdades de vbda y baeça y andujar e se consumjeren o despenjaren en qualquier manera los consuman no enbargante quales quier alualaes e merçedes que nos dieremos en contrarie E que asentando el traslado desta dicha carta en los dichos libros como dicho es sobre escrivan el original E lo tornen a la parte de vos la dicha enperatriz para que lo en ella conthenjdo aya efetto. lo qual les mandamos que ansi hagan y cunplam Solamente por virtud desta dicha nuestra carta sin pedir e demandar el asiento y capitulaçion original del dicho casamiento nj su traslado signado nj las otras cosas que çerca de lo suso dicho an passado nj otro Recabdo alguno que nos les Relevamos de qualquier cargo o culpa que por ello les pueda ser ymputado. E los vnos nj los otros non fagades ni fagan ende al por alguna manera so pena de la nuestra merçed e de diez mjl marauedis para la nuestra camara a cada vno por qujen finire de lo asi hazer y cunpljr. E demas mandamos al home que les esta dicha nuestra carta de preujllejo o el dicho su traslado signado conmo dicho es mostrare que los emplaze que parezcan ante nos en la nuestra corte do quier que nos seamos del dia que los emplazare fasta qujuze dias primeros siguientes so la dicha pena so la qual mandamos a qual quier escrivano publico que para esto fuere lla-

mado que de ende al que gela mostrare testimonio signado con su signo por que nos sepamos en como se cūple nuestro mandado. E desto vos mandamos dar e dimos esta nuestra carta escripta en pargamino de cuero e firmada de mi el Rey E sellada con nuestro sello de çera pendiente dada en la çibdad de seuilla A xxix dias del mes de abril Año del nascimiento de nuestro Saluador Jhũ. xpõ de mill y quinientos E veynte y seys años :

Yo elrey

Yo francisco de los Conos secretario de Sus cesarea y Catholicas magestades la fize screujr por Su mandado. — *Quatro rübricas*¹.

La yptoteca de la enperatriz nuestra Señora duplicada.

Arquivo da Torre do Tombo, Gaveta XVII, maq. 7, n.º 14.

XXXI

Quitação dada por Carlos V de 97.270 dobras de oiro
por conta do dote da Imperatriz

Granada, 19 de Junho de 1526

Don carlos por la divina clemencia electo emperador de los Romanos semper agusto Rey de Alemaña de castilla de leon de aragon de las dos çeçiljas de jerusalem de navarra de granada de toledo de valencia de galjsja de mallorcas de Seuilla de çerdena de cordova de corçega de murçia de jahen de los Algarbes de Algesira de gibraltar de las yslas de canaria E de las yndias yslas e tierra firme del mar oceano conde de barçelona señor de bizcaya e de moljna duque de atenas E de neopatria conde de Ruysellon y de çerdanja marques de oristan y de goçiano archiduque de abstria duque de borgoña E de brauante conde de flandes è de tirol etc Por la pressente desimos que somos contente y pagado del serenjssimo e muy alto e muy poderoso principe don juhan Rey de portogal nuestro muy caro e muy amado hermano e primo e de vos hernandaluarez su thesorero en su nombre de noventa y siete mjl y dosjentas e sesenta doblas de oro castellanas a razon de tresjentos y sesenta y çinco maravedis la

¹ Impressa já, mas com bastantes erros, até na data, no tom. II das *Provas da Historia genealogica* de D. António Gaetano de Sousa, págs. 428 e segs.

dobla e mas çient maravedis que monta todo treynta y çinco quentos e quynjentas mjll maravedis. los quales son para encuesta de las nueveçientas mjll doblas castellanas del dicho preçio de a tresjentos e sesenta e çinco maravedis la dobla quel dicho señor Rey de portogal esta obligado a nos dar en dote y casamjento con la emperatriz doña ysabel Reyna de españa mj muy cara e muy amada muger ademas de lo que antes de agora Avemos Resçebido para encuesta de las dichas nueveçientas mjll doblas castellanas de los quales dichos treynta y çinco quentos E quynjentas mjll maravedis a buena cuenta de las dichas nueveçientas mjll doblas nos damos por contento e pagado a toda nuestra voluntad porquanto se dieron y entregaron por nuestro mandado en dineros contados Aqui en nuestra corte A Juhan de Adurça nuestro argentier y en la feria de mayo de medina del campo deste pressente año a diego lopez de arriaga en nonbre del dicho argentier en firmeza de lo qual vos dimos la pressente firmada de nuestro nombre E sellada con nuestro sello conforme a la capitulaçion y asiento del dicho casamjento fecha en la çibdad de granada. A xix dias del mes de junjo Año del nasçimjento de nuestro saluador Jesu Christo de mjll e quynjentos E veynte e seys años.

Yo el Rey.

yo Francisco de los Couos secretario de sus cesareas y Catholicas magestades la fize screuyr por su mandado.

La quitança de xxxv quentos d \$ que se han de Reçebir en esta feria.

Gaveta XVII, maç. 9, n.º 18.

XXXII

Carta do embaixador António de Azevedo Coutinho
ao secretário António Carneiro

Valladolid, 22 de Maio de 1527

Senhor — com dõ mjguel nã escreuo a el rey noso senhor por que dõ frãçisco manuel ha de partjr loguo daquj a tres ou quatro djas. e fiz esta pera uosa merçe pera que digua a el rey noso senhor que ajnda nã sam despachado nẽ me tem respondjdo o enperador posto que quada dja me djz que me despachara oge me ouuera de juntar con seus letrados que neste negoço entendẽ e com o parto da senhora enperatrjz tudo se estoruou. eu nã curo de apertar mais

que no asento esta somana ereo que saberej sua determjnaçã bejgarej as mãos a uosa merçe dezer jsto asi a sua alteza ./ a enperatriz parju oge terça feyra depoy das quatro horas da tarde quasj hũ quarto dora começou a ter dores posto que pequenas as quatro antes de madrugada. teue mao parto por que o tomou majs cedo do que djuera parju filho são do corpo do coraçã sera como seus ante pasados. a senhora enperatriz esta boa eu a uj loguo en aquabãdo de parjr y ao enperador y ele ma mostrou y ao filho ele esta com grã prazer posto que ha tantas outras cousas contrajras que anojã tudo esses grandes que se aquj açertarã fizerã tantos prazeres que bajlarã e fulgarã dentro no paço. a saber benauente begare e afonsequa e conde de arão e tras eles toledo e segouja y ate o presidẽte do conselho que he majs cartuxo que dõ paulo capelão moor que foy e enfim eu entrej na bajla as damas andauã tanto na uolta y a cousa se barelhou de maneira asj das damas como de donas de que senpre o paço esta cheo que a ser uosa merçe narjeola ou algũ cou-tjnho pasara a cousa auante jsto durou ate o enperador a sajr a sam paulo a dar graças a deos pola merçe regebjda/. nã curo de darlhe conta de como durando o parto o enperador senpre estaua presente e choraua como fizera outro qual quer homẽ que naçera en terra majs quente da que ele naçeo ele a teue e lhe deu de comer y ajudou a enparar e ao filho loguo lhe deu a mão e benzeo outras majs particularjdades por que uaj dõ mjguel e jra loguo dõ francisco que alargarã majs y eu escreuerej a uosa merçe. eu senhor tenho la a mujtos dias hũ homẽ meu que beigarej as mãos a uosa merçe mãdar mo de la çedo / de jtajlã nã ueo majs correo e dous que uinhã tomou el rey de frança. nã temos noua majs que caladamente se dise aquj que o ujsõ rey era preso andando nos tratos das treguas. enpero deue ser mentjra por que loguo çesou. desta carta de uosa merçe a parte que ujr ser neçesarja a sua alteza por que eu nã escreuo per castilhano nenhũ. qua se diz que el rey noso senhor uẽ a hũa de duas romarjas a gadalupe ou a santjaguo ajnda la se nã cuida a cousa qua ja se sabe. bejjo senhor as mãos de uosa merçe de ualladoljd en ujnte e dous de mayo de 1527 anos

a serujço de uosa merçe

antonio dazeuedo coutjnho

Sobrescrito : Ao mujto manjfico e mujto estjmado senhor o senhor antonjo carnejro sacretarjõ delrey noso senhor e do seu conselho

Sumário da letra de António Carneiro : dantonio dazevedo pera nym que me deu dõ migel oge b dias de junho de 1527 — Ja a todos respondido,

XXXIII

Carta de quitação dada por Carlos V
do saldo do dote da Imperatriz

Toledo, 6 de Fevereiro de 1529

Don carlos por la diujna clemençia electo emperador semper Augusto Rey de alemanja. De castilla de leon de aragon delas dos Seçillias de hierussaleim etçetera. Por quanto al tiempo que por la gracia de nuestro señor se concerto τ assento casamiento entre mj τ la emperatriz doña ysabel Reyna de castilla que agora es mj mûy cara τ mûy amada muger se assento τ capitulo que el sserenjssimo mûy alto τ mûy poderosso Rey don juan de portogal mj mûy caro τ mûy amado hermano con qujen se contrato τ assento el dicho casamiento me diesse τ pagasse en docte E casamiento nueueçientas mill doblas de oro castellanas a prescio de trezientos τ sesenta τ çinco marauedis la dobla pagadas en moneda de oro τ plata. E en otra cierta forma τ manera E a ciertos terminjos τ plazos E que yo fuesse obligado a dar mjs cartas de quitanças τ pagamjentos firmadas de mj mano τ sselladas con mj ssello en forma delo que assy Rescibiesse para en pago del dicho docte segûnd mas largo en el dicho assiento τ capitulaçion se contiene. Delas quales nueueçientas mill doblas yo τ otras perssonas por mj mandado auemos Rescebido del dicho sserenissimo Rey de portogal en vezes ocho çientas τ ocho mill τ quinientas τ çinquenta τ vna doblas de que le tengo dadas mjs cartas de quitanças firmadas de mj mano τ sselladas con mj ssello en forma. E por quanto las nouenta τ vn mjll τ quatro çientas < τ quatroçientas > τ quarenta τ nueue doblas dela dicha moneda que se me restauan deujendo τ faltan para complimjento delas nueueçientas mill doblas que assy me fueron prometidas en el dicho docte me han sydo pagadas agora por el dicho sserenissimo rey de portogal τ por hernandaluarez su thessorero en su nôbre E los Resçibieron en mj nombre τ por mj mandado en la feria de março de villalon τ en la de mayo de medina del campo del año passado de quinientos τ veynte τ ocho años. Juan de adurça mj argentier τ alonso de baeça mj criado, cada vno dellos la meytad dela dicha quantia. De mafeo de tarssis mj correo mayor E de Reynaldo estroçi τ companja τ delos herederos de galuan bonensenj τ companja la meytad dela dicha suma E la otra meytad de bartho-

lome belzar τ compaiña Por virtud delas cedulas <cedulas> de cambio que para ello me embio el dicho serenjssimo rey τ el dicho su thessorero en su nombre en dineros contados τ fuera de cambio. Porende por la presseñte digo que he seydo τ soy τ me doy por contento τ pagado entera Realmente τ con efecto a toda mj voluntad syn faltar cosa alguna delas dichas nueuecientas mill doblas que conforme al dicho contrato τ capitulaçion me ouo de dar τ pagar el dicho serenissimo Rey de portogal del dicho docte τ casamjento E doy por libre τ quito dellas a el τ a sus herederos τ subcessores para siempre jamas para que yo njn otro por mj no las podamos pedir njn demandar todas njn parte dellas agora nj en alguno tiempo diziêdo que no las resecebimos njn fuymos pagado njn entregado dellas njn en otra manera alguna. E Renunçio cerca dello las leyes dela prueua τ dela paga τ del auer non visto njn contado njn resecebido τ las leyes que dizen que fasta dos años es ome thenudo a prouar la paga que faze sy aquel que la rescibe nõ renuncia la dicha ley τ otras quales quier leyes τ derechos que en contrario desto que dicho es sean o ser puedan. Las quales yo de mj propio moctuo τ çierta çiencia τ poderio real las abrogo τ derogo en quanto a esto toca e atañe quedando en su fuerça τ vigor para adelante. delo qual di esta carta de pago τ quitança escripta en pargamjno firmada de mj mano τ ssellada con mj ssello que es fecha τ otorgada en la cibdad de toledo A seyss dias del mes de hebrero. año del nasçimjento de nuestro saluador ihũ xpõ de mjll τ quinientos E veynte τ nueue años.

yo Elrey

yo Francisco delos Couos secretario de su cesarea y Catholica magestad la fize sereujr por su mandado.

La quytança de las xcjssiii^{xx}xlx doblas que Restavã de pagar se del dotte dela enperatriz .n. S^a /. con que se acabo de pagar / y fin y quito de todo el dicho dotte.

Gaveta XVII, maç. 8, n.º 19.



UNIVERSIDAD DE SEVILLA



601303396

A. Carande 0784

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Memórias da Primeira Classe, tom. VII, parte II	1\$80
Memórias da Segunda Classe, tom. XIII	1\$80
Actas das Assembleias Gerais, vol. IV	1\$20
Actas da Primeira Classe, vol. II	3\$50
Boletim da Segunda Classe, vol. XII, n.º 3	3\$30
Jornal de Ciências Mathematicas, 3.ª série, n.º 7	3\$75
Boletim Bibliográfico, 2.ª série, vol. II, n.º 1	3\$80
Cartas de Afonso de Albuquerque, vol. VI	3\$00
Portugaliae Monumenta Historica «Inquisitiones», vol. I, parte II, fasc. VI	4\$00
D. G. Dalgado — Lord Byron's Childe Harold's Pilgrimage to Portugal	1\$00
Sebastião Dalgado — Glossário luso-asiático, vol. I	3\$00
Bodas literarias de D. Maria A. Vaz de Carvalho	5\$0
Virgílio Machado — Elementos de neurosemologia clinica.	2\$50
Visconde de Carnaxide — Elogio de Veiga Beirão	5\$0
Achilles Machado — Matérias proteicas	3\$00
Gustavo Ramos — Sobre tres tragédias inglezas	1\$50
Edgar Prestage e P. de Azevedo — Correspondencia diploma- tica de F. de Sousa Coutinho, vol. I	2\$50

MONUMENTOS DE LITERATURA DRAMÁTICA PORTUGUESA

I. — Jorge Ferreira de Vasconcelos — Comedia Eufrosina	3\$00
II. — Ayres Victoria — A vingança de Agamenom	3\$60
III. — Jerónimo Ribeiro — Auto do fisico	3\$60
IV. — Auto das regateiras de Lisboa	3\$40

COMISSÃO DOS CENTENÁRIOS DE CEUTA E ALBUQUERQUE

Pedro de Azevedo — Documentos das Chancelarias Reais, tom. I	3\$00
V. Guimarães — Marrocos e tres mestres da Ordem de Cristo	2\$40
D. Jeronimo de Mascarenhas — Historia de la Ciudad de Ceuta	2\$50
Sessão dos Centenários	3\$30
Bernardo Rodrigues — Anais de Arzila, tom. II	4\$00

À VENDA NO ARMAZEM DA ACADEMIA

Rua do Arco a Jesus, 113 — Lisboa

202

BRADAMPO Freire — IDA DA CASTELA — 1920

+ colorchecker classic

calibrite



mm